

EDGAR JOSÉ PIRES CAVACO

JOÃO LÚCIO
DO IMERECIDO ESQUECIMENTO
AO IGNOTO DESCONHECIMENTO

TENTATIVA DE EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA DE UM POETA OMITIDO

ÉVORA
2005

ÍNDICE

Nota Introdutória.....	1
Nota bio-bibliográfica.....	2
Os primeiros versos de João Lúcio.....	6
O Algarve de João Lúcio.....	13
Na Asa do Sonho.....	19
A morte e o progressivo esquecimento de João Lúcio.....	24
Nota conclusiva.....	30

ANEXOS

TEXTOS DE JOÃO LÚCIO DISPERSOS E INÉDITOS

Ódio ao Sol.....	35
Os Grandes.....	38
Para a Cova.....	39
À Treva.....	41
Margarida.....	43
Versos inéditos.....	44
[Quadra aos olhos de um prima].....	49
Acróstico.....	50

OUTROS TEXTOS DISPERSOS E INÉDITOS SOBRE JOÃO LÚCIO

Carta de Honorato Santos a João Lúcio.....	52
Homenagem a João Lúcio.....	53
Uma carta de Alfredo Pimenta.....	54
A minha homenagem, por Ayres d'Ornelas.....	55
À memória de João Lúcio, por Afonso Lopes Vieira.....	56
João Lúcio, por Augusto de Castro.....	57
Poetas Mortos, por Marcos Algarve.....	58
Aos 38 anos!, por Francisco Fernandes Lopes.....	60
A bondade de João Lúcio, por João Capuz.....	61
A morte d'alguém, por Julião Quintinha.....	64
A oração da "Arte", por Salazar Moscozo.....	66
Lira Saudosa, por Marcos Algarve.....	67
Livros inéditos de João Lúcio, por José Dias Sancho.....	68
Recordando-o, por José Augusto Moreira d'Almeida.....	70
Um notável discurso do Dr. Agostinho de Campos.....	71
Carta de João Franco.....	75
Carta sobre João Lúcio, por Francisco Fernandes Lopes.....	77

ALGUMAS FOTOGRAFIAS DE JOÃO LÚCIO

Reprodução de algumas fotografias.....	90
--	----

BIBLIOGRAFIA

Textos de João Lúcio publicados em vida.....	96
Obras nunca publicadas.....	99
Obra póstuma de João Lúcio.....	100
Colectâneas ou Antologias.....	101
Bibliografia sobre o poeta.....	102
Enciclopédias e Dicionários.....	104
Outras fontes.....	105
Outras citações.....	106

Nota Introdutória

“[...] um poeta que, sendo dos maiores, é também dos mais esquecidos”¹

Quem foi João Lúcio? A pergunta torna-se necessária, face ao desconhecimento do seu nome. Poeta ignorado talvez devido ao seu voluntário distanciamento geográfico dos centros cosmopolitas e culturais da sua época, João Lúcio não deixou, porém, de estabelecer contacto com o espírito literário e artístico seu contemporâneo. Os três livros publicados em vida, aliás, receberam ovações positivas da crítica, inscrevendo-se no espírito poético do seu tempo.

As várias homenagens após a sua morte prematura, em 1918, quando contava apenas trinta e oito anos, mostram que, na época, era relativamente conhecido. Vários foram os contributos para preservar a sua memória, que porém, ficou aparentemente esquecida. A recente reedição da obra completa do poeta veio assim dar o devido respeito a um poeta da sua envergadura.

Assim, o propósito deste estudo inscreve-se numa tentativa de, dando a conhecer a vida e o pensamento poético do olhanense João Lúcio, contribuir para a sua revalorização e, mais do que tudo, para o apelo para que a sua memória não seja esquecida.

Tentaremos, portanto, após uma breve nota bio-bibliográfica, mostrar o percurso poético e a criatividade de um daqueles “belos poetas quási isolados na sua própria originalidade”, segundo a expressão de José Régio, que salientava ainda que João Lúcio “permanece um quási ignorado ou cada vez mais se torna um esquecido; o que, evidentemente, é uma grande injustiça”².

¹ In nota explicativa da autoria dos editores do poema “O Biôco”, publicado postumamente. Cf. JOÃO LÚCIO, *O Biôco (inédito)*, Lisboa, Casa do Algarve, 1938 (8 pp.), p. 1.

² Cf. JOSÉ RÉGIO, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941, p. 52.

1. Nota bio-bibliográfica

João Lúcio Pousão Pereira nasceu na vila de Olhão da Restauração, a 4 de Julho de 1880, filho de um prestigioso dinamizador cultural e político regenerador olhanense chamado João Lúcio Pereira³ e da sua segunda esposa, a calipolense Maria Helena de Araújo Pousão Pereira, irmã do consagrado pintor Henrique Pousão⁴. “Nasceu e cresceu, assim, numa família de intelectuais e artistas, já que seu avô materno, além de jurista e magistrado notável, era também músico, poeta e orador distinto; e seu pai, embora autodidacta, era senhor de vastíssima cultura geral e possuía a maior e mais completa biblioteca literária, filosófica e política que em qualquer tempo existiu na sua terra natal”⁵.

Não será, assim, de estranhar que, com apenas doze anos, publicasse os seus primeiros versos, no periódico local *O Olhanense*, e que, ainda estudante no Liceu no Faro, fundasse e dirigisse um jornal de assuntos literários, *O Eco da Academia*. Em 1897, ao contrário das intenções do pai, que tinha grandes propriedades rurais e que, por isso, queria que ele fosse agrónomo, João Lúcio decide ir para Coimbra estudar Direito. No ambiente académico conimbricense, onde se torna amigo e condiscípulo de Teixeira de Pascoaes, Augusto de Castro, Alfredo Pimenta, Afonso Lopes Vieira, Fausto Guedes Teixeira e Augusto Gil⁶, João Lúcio cedo se destaca, quer pelo seu espírito de inteligência – consta que era um devorador voraz de literatura, filosofia, história, ciência e arte –, quer pelos seus dotes enquanto poeta e distinto orador. Em 1899, durante as

³ Sobre o pai de João Lúcio, em particular, cf. ATAÍDE OLIVEIRA, *Monografia do Concelho de Olhão*, Faro, Algarve em Foco Editora, 1986, pp. 266-268 [reedição fac-similada da edição original de 1906].

⁴ O avô materno de João Lúcio, Francisco Augusto Nunes Pousão, também natural de Vila Viçosa, havia-se tornado, em 1875, o primeiro juiz da Comarca de Olhão, trazendo para esta vila a sua família (casado pela segunda vez, este magistrado contava com onze filhos). O pai de João Lúcio, um dos principais responsáveis pela recém criada comarca, acabou por casar também pela segunda vez, aos 44 anos (tinha ficado viúvo com 20 anos), em 1879, com a filha mais velha do juiz, a citada Maria Helena de Araújo Pousão, que na altura contava com 22 anos.

Cf., em particular, sobre o tio de João Lúcio, que morreu quando este tinha apenas quatro anos, o pintor de nome completo Henrique César de Araújo Pousão, a conferência de CELESTINO DAVID, *Henrique Pousão, Pintor Alentejano*, 2ª ed., Gráfica Eborense, 1947.

⁵ ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1982, p. 5.

⁶ Cf. ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS, *A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1990, pp. 53-54; JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957, pp. 236-237.

férias grandes, funda e passa a dirigir o quinzenário algarvio *O Reino do Algarve*, do qual só se publicaram 14 números.

Dois anos depois publica em Coimbra o seu primeiro livro de versos, *Descendo*⁷, “único pela originalidade em toda a literatura portuguesa, e que a crítica acolhera com compreensão e louvor. Guerra Junqueiro escrevera a João Lúcio uma carta bem expressiva da sua admiração e parece que declarara a alguém que tinha pena de que aquele rapaz não fosse seu filho!...”⁸.

Em 1902, publica-se o argumento da peça de teatro *Até que enfim!...*⁹, récita de despedida do seu 5º ano de Direito, escrita em parceria com Augusto de Castro (os versos foram da autoria de João Lúcio), peça essa que foi representada no mesmo ano, pelos alunos, no Teatro de S. Carlos, em Lisboa. Escreve e publica também o monólogo *Dom Vasco*¹⁰, levado à cena na mesma ocasião. Acabada a sua formação em Direito pela Universidade de Coimbra, regressa a Olhão, onde inicia a sua carreira de advogado, desde cedo adquirindo grande fama em todo o Algarve, quer como jurisconsulto quer como orador.

Entre 1903 e 1905 torna-se director literário do semanário farenses *O Sul*, onde marcará a sua adesão ao franquismo¹¹. A 22 de Agosto de 1904 casa com uma senhora de Olhão, D. Ana Victória Reis Alberto, de quem viria a ter cinco filhos, três dos quais morrendo ainda novos. Em 1905, publica *O Meu Algarve*¹², cuja crítica acolherá com simpatia, elegendo e immortalizando João Lúcio como “o grande cantor das belezas da terra algarvia”¹³.

⁷ JOÃO LÚCIO, *Descendo*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1901 (152 pp.). Refira-se, a propósito, que desde o fim de 1899, João Lúcio vinha publicando diversos poemas (alguns dos quais de *Descendo*), não só em jornais locais e regionais, como também em revistas literárias de Coimbra (*Revista Coimbrã*) e de Viseu (*Ave-Azul*). Apesar de dominar a primeira, será nesta última que aparecerá o anúncio de *Descendo*, mais precisamente com a transcrição do poema “A dor das pedras” (Cf. *Ave-Azul*, 2.ª S., n.º 12, 15-XII-1899, pp. 572-573). Vide JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, op. cit., pp. 250-251.

⁸ FRANCISCO FERNANDES LOPES, “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão, 1985, pp. 241-250, p. 244.

⁹ AUGUSTO DE CASTRO; JOÃO LÚCIO, *Até que enfim!...*, Coimbra, Tipografia França Amado, Abril de 1902 (204 pp.) [traz como subtítulo: “Peça em 1 prólogo e 8 quadros, escrita expressamente para ser representada na récita de despedida do Curso do 5.º ano teológico-jurídico de 1901-1902”].

¹⁰ JOÃO LÚCIO, *Dom Vasco*, Coimbra, Tipografia de Lima & Irmão, 1902 (14 pp.) [traz no frontispício “Recitado na récita de despedida do Curso do 5.º ano teológico-jurídico de 1901-1902”].

¹¹ Refira-se que enquanto director e redactor literário deste semanário, João Lúcio seria provavelmente o seleccionador dos textos da Secção Literária, onde se publicaram poemas e textos de nomes como Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Afonso Lopes-Vieira, Fialho d’Almeida, João Capuz, e até Maximo Gorki.

¹² JOÃO LÚCIO, *O Meu Algarve*, Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, 1905 (190 pp.).

¹³ ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 6.

Um ano depois é eleito para a Câmara dos Deputados, como candidato franquista e no fim do ano seguinte, é nomeado, por João Franco, de presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Olhão, cargo que só exercerá durante quarenta e dois dias¹⁴.

Uma vez terminada a ditadura franquista, com a morte de D. Carlos, e pouco mais tarde, a própria monarquia, com a instauração da República, João Lúcio abandona a actividade política (embora se conserve monárquico), e decide viajar. Entre 1908 e o início da primeira Guerra Mundial, faz cinco viagens, passando em países como Espanha, França, Itália, Alemanha, Holanda, Bélgica e Grécia. Entretanto, em 1913, publicara *Na Asa do Sonho*¹⁵.

Por volta de 1914, João Lúcio manda iniciar a construção de um original *chalet*, projectado por si, para a sua Quinta de Marim, composta de um vasto pinhal, que na época, ficava isolado da vila de Olhão, afim de sua mãe fazer um retiro para se curar da tuberculose que havia padecido. No entanto, após um ano, a mãe falece, acabando por não ir habitar o *chalet*. O filho de João Lúcio, com apenas oito meses, também falece nesta época, tragicamente. O desabafo a um amigo vislumbra bem as desilusões que marcavam a sua vida: “Eu tinha duas ambições ainda na minha vida: ter um filho e ver de novo a Monarquia. Já não tenho o filho e receio bem não tornar a ver Rei”¹⁶.

Ainda em 1914, o poeta aceitaria o convite, por parte de Teixeira de Pascoaes, para se associar à Renascença Portuguesa¹⁷, chegando inclusive a publicar um único poema na revista *A Águia*¹⁸, órgão literário desta associação. E ainda que a sua

¹⁴ De referir que João Lúcio regressou ao Parlamento, numa das primeiras legislaturas da República.

¹⁵ JOÃO LÚCIO, *Na Asa do Sonho*, Coimbra, França Amado Editor, 1913 (240 pp.).

¹⁶ JOÃO LÚCIO *apud* FRANCISCO FERNANDES LOPES, “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, op. cit., p. 248.

¹⁷ Refira-se que apesar de não constar na lista de sócios da Renascença Portuguesa de 1915 (publicada no livro de PAULO SAMUEL, *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1990, pp. 50-56), João Lúcio deixa bem patente, em duas cartas a Pascoaes, o seu manifesto desejo de se inscrever para a dita associação. Cf. JOÃO LÚCIO, “Cartas inéditas a Teixeira de Pascoaes”, in *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 2002, pp. 577-578: “[...] É inútil acentuar, que me cativou e penhorou, o seu convite, muito generoso e honroso, para fazer parte da Associação literária, a que se refere. Resta-me aguardar mais o favor das suas indicações sobre o que tenho a fazer para tal fim, e sobre a organização da aludida inscrição [...]” (carta de 12 de Fevereiro de 1914); “[...] Parece-me inútil afirmar-lhe, que aceito, com completa satisfação, a honra generosa da minha inscrição entre os sócios da ‘Renascença’ [...]” (carta de 14 de Março de 1914). Cf. ainda, a este respeito, as esclarecedoras notas de rodapé de ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 577-578.

¹⁸ JOÃO LÚCIO, “A mulher que tinha um segredo”, in *A Águia*, Porto, 2.ª Série, n.º 33, Set. de 1914, pp. 74-78. (Este poema será publicado no livro póstumo *Espalhando Fantasmas*). Fica, assim, rectificada a imprecisão de ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS, *A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*, op. cit., p. 102: “João Lúcio, o poeta algarvio, incluído por Pascoaes na sua obra [*Os Poetas Lusíadas*], não foi, no entanto, colaborador de *A Águia*, mas aí mereceu uma referência de Leonardo Coimbra”.

participação nesta revista tenha sido escassa e reduzida – se não quase invisível¹⁹ – não se pode esquecer que o poeta teve um papel maior noutras revistas literárias²⁰.

A sucessão de desgraças familiares leva-o a, em Agosto de 1918, ir habitar o *chalet* com a sua família, apesar de ainda inacabado. O seu retiro²¹ não ficou imune à gripe chamada de pneumónica, que alastrava na época. Atingido pelo grave vírus, João Lúcio teve de regressar para a casa na Avenida da República, no centro de Olhão, onde veio a falecer, na manhã de 26 de Outubro, “pedindo com estóica serenidade que lhe abrissem a janela para ver a luz do dia que começava...”²².

O seu funeral, no dia seguinte, passou despercebido devido ao ambiente de calamidade pública que se vivia em todo o Algarve²³, onde a pneumónica grassou a níveis catastróficos, estando presentes apenas familiares e amigos mais íntimos do poeta, que o acompanharam no seu breve padecimento.

¹⁹ De facto, desconhecemos se existe algum comentário ao poema de João Lúcio publicado n' *A Águia*, isto é, se exceptuarmos o desabafo bastante crítico de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa (em carta de 8 de Outubro de 1914), em relação ao citado número da revista, arrastando assim João Lúcio: “E *A Águia*, meu Querido Fernando Pessoa, que Alfredo Guimarães! Ai o L. De Vasconcelos, poeta! e a cegueta (quero dizer: a mulher do Segredo) do poeta Algarvio... Ora... ora... O Resto: Teófilo & Álgebra... Nem o Parreira salva o número. Bolas!...” Cf. MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO (edição de Teresa Sobral Cunha), *Correspondência com Fernando Pessoa. Vol II (Agosto 1914 – Abril 1916)*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2003, p. 21. (Cf. as notas de ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., p. 579).

²⁰ Para além da colaboração em publicações várias (às quais já fizemos referência, à excepção da inclusão, em 1917, na colectânea *Coração Algarvio*, de uns poemas contendo algumas impressões de viagens, sob o título de “Sevilha”), refira-se ainda, com o apoio de Fernando Guimarães, que João Lúcio terá colaborado, pelo menos, e para além das já citadas *Revista Coimbrã* e *Ave-Azul*, na *Gazeta Ilustrada* (Coimbra, 1901), na *Revista Nova* (Lisboa, 1901-1902), na *Semana Azul* (Porto, 1906) e na *Alma Nova* (Lisboa, 1914-1929). Vide FERNANDO GUIMARÃES, “Principais revistas e publicações desde o surto do Simbolismo ao fim do século XX”, in *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, IN-CM, 2004, pp. 155-185.

²¹ “Parece que o Poeta pretendia vir a isolar-se ali, numa torre de marfim não apenas espiritual, mas também material, sem no entanto perder o contacto, e antes estreitando-o, com as principais fontes da sua inspiração”, isto é, “o pinhal [...], as noites luarentas e cálidas, as areias doiradas da praia, o mar de cobalto e o céu azul de prússia do Sítio de Marim”. ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 6.

²² FRANCISCO FERNANDES LOPES, “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, op. cit., p. 248.

²³ Refira-se que o pico máximo da pneumónica (também conhecida como *influenza* ou gripe espanhola) foi precisamente nas duas últimas semanas de Outubro. Vide, a este propósito, a obra de PAULO GIRÃO, *A Pneumónica no Algarve (1918)*, Casal de Cambra, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2003.

2. Os primeiros versos de João Lúcio

“Em tudo, para nós, paira a obscuridade,
E nesta treva, em que todo o olhar delira,
Não sabemos, Senhor, onde está a Verdade,
Não sabemos, Senhor, onde está a Mentira...”

*João Lúcio*²⁴

“Há tanta sensação que não conheço
Tanto vibrar de nervos que não sinto;
E, contudo, parece que os pressinto,
Apesar de ver bem que os desconheço”

*João Lúcio*²⁵

O livro de estreia de João Lúcio, *Descendo*, é dado à estampa em 1901, em Coimbra, onde o jovem poeta de 21 anos estudava Direito. Contudo, sabe-se que as poesias teriam sido escritas, pelo menos, dois anos antes, como nos conta Teixeira de Pascoaes, amigo e admirador de João Lúcio²⁶. A juventude do poeta não diminuiu em nada esta obra ímpar, cuja maturidade poética e espírito de modernidade²⁷ levaram-no a

²⁴ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, in *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 2002, p. 55.

²⁵ JOÃO LÚCIO, “Sensações Desconhecidas”, in *id.*, *ib.*, p. 70.

²⁶ Conta Teixeira de Pascoaes que um dia de 1898, era ele estudante do segundo ano de Direito, estando no Café Lusitano, em Coimbra, apareceu-lhe “um alto rapaz esguio, muito novo, de cabeleira doirada e anelada apolineamente sobre a testa”. Era João Lúcio, então caloiro do mesmo curso, que lhe oferecia um exemplar do jornal (por si fundado) *O Reino do Algarve*, onde havia publicado um artigo crítico sobre o livro de poesia de Pascoaes, *Sempre*. Gerada assim esta “espontânea amizade”, João Lúcio leu a Pascoaes, poucos dias depois deste primeiro encontro, as primeiras poesias de *Descendo*, que “subiam às alturas da inspiração!”. Cf. TEIXEIRA DE PASCOAES, “João Lúcio”, in *separata da Brotéria*, Lisboa, vol. 97, n.º 12, Dez. 1973, pp. 3-15, pp. 5-6.

Salientemos que Teixeira de Pascoaes comete um erro que, com certeza, não seria intencional (estas linhas foram escritas pouco mais de cinquenta anos após os episódios descritos, mais nomeadamente em 1951), quando diz que isto decorreu em 1898. De facto, atestou-se que o invocado artigo crítico de João Lúcio não poderia ter sido publicado em 1898 (pois ainda nem existia o jornal *O Reino do Algarve*, fundado só em 1899). O recente editor das *Poesias Completas* de João Lúcio, ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, resolveu incluir nesta obra o citado artigo, intitulado “*Sempre*, de Teixeira de Pascoaes”. Cf. JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 581-584 (inicialmente publicado, para desfazamento de quaisquer dúvidas, na secção “Crivo Literário”, in *O Reino do Algarve*, Tavira, I ano, n.º 4, 3 de Setembro, 1899, p. 3).

Cf. ainda nota 7.

²⁷ Cf. ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 7-24, p. 16: “Logo no seu primeiro livro, *Descendo*, publicado no quadro de uma geração ascendente que contava então com as primeiras obras de Augusto Gil, de Fausto Guedes Teixeira, de Corrêa d’Oliveira, de Afonso Lopes Vieira e de Teixeira de Pascoaes, todos eles muito jovens, João Lúcio mostra uma consciência pessoal mais moderna que a dos seus companheiros de geração, demasiado presos à vulgata do *Só de Nobre* [...]. A novidade da poesia de João Lúcio é mostrar aquilo que podemos designar como uma sobrecarga imaginativa fora do vulgar. Foi um premeditado e

escrever um “livro que a crítica mais exigente recebeu com entusiasmo e o colocou, de um ápice, entre os maiores poetas portugueses do seu tempo e os maiores poetas algarvios de sempre”²⁸.

Logo no poema intróito, dedicado à alma de seu tio Henrique Pousão, João Lúcio revela a fonte e a musa da música dos seus versos: o pincel impressionista desse pintor, que pintava “a balada das cores”; a dor dos “nervos d’artista” que “vive agora também nas gotas do meu sangue”; esse sonho que deixou exangue seu tio, que “vem-me dentro da luz que me respira a vista”. Contudo, João Lúcio confessa que é banal, enquanto seu tio foi divino, e daí que, como salienta,

“Na treva do meu livro, em tanta escuridão,
Era preciso um astro enorme, a cintilar:
Escrevi o teu nome e nasceu um clarão:
Falei da tua alma e já tenho luar”²⁹

Considerada esta obra, por Francisco Fernandes Lopes, não como um conjunto de poemas, mas como “um autêntico poema metafísico”³⁰, *Descendo* inscreve-se numa temática constante de indagação e procura pelo mistério das coisas, permitindo ao poeta

assumido excesso de devaneio que deu à poesia de João Lúcio o seu rosto mais pessoal, marcando diferença para com a dos seus pares”.

Aliás, como se lê na obra de FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, Faro, Tipografia União, 1921, pp. 8-9: “Acerca da genese obscura deste livro [*Descendo*] pôde-se, é certo, fallar da afinidade de João Lucio com um outro grande poeta portuguez, do norte, esse – Teixeira de Paschoaes: Mas quem terá influenciado? quem terá sido o influenciado? Questão árdua, difficil, e de resto inútil para o caso presente, porquanto o *Descendo* tem bem a marca de ter sido – e foi de facto – o livro original aonde veio a resumir-se todo o primeiro esforço de consciência da estranha faculdade poetica de João Lucio.

²⁸ ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 5.

Cf. ainda com TEIXEIRA DE PASCOAES, “João Lúcio”, in separata da *Brotéria*, op. cit., p. 6: “O *Descendo* elevou o João Lúcio às alturas do Parnaso!”.

²⁹ JOÃO LÚCIO, “O sonho que tiveste e te deixou exangue”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 51.

Diz Antero Nobre que João Lúcio era ainda criança quando conhecera o seu tio Henrique Pousão, “quando este, vindo de Itália, permanecera algum tempo em Olhão, cuja arte exercera então uma grande influência na formação do seu espírito e por quem, até à morte, sentiu uma enorme admiração”. Cf. ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 5.

³⁰ FRANCISCO FERNANDES LOPES, “João Lúcio (Breve esborço biográfico)”, in *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, op. cit., p. 244 (itálico nosso). Cf. ainda FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 11: “Reconheceremos que o *Descendo* não é pois um vulgar livro de versos, porque nem tão pouco é um *livro de versos*. O *Descendo* é um poema, mais ou menos consistente, mas um poema: incarna uma ideia a que se prendem, mais ou menos, todas as poesias. É uma especie de livro de sciencia metaphysica do fundo nublado das coisas e do fundo misterioso da alma em que o instrumento de investigação é a Poesia, ou seja, o espírito poetico; o methodo, a Poesia, ou seja, a intuição *descendente*, se assim posso dizer; e o fim, a Poesia, ou seja, a Verdade a descobrir”.

perceber que *tudo são símbolos*, como apontou mais tarde Fernando Pessoa através da máscara de Álvaro de Campos³¹. Mas veja-se, de facto, o que diz João Lúcio:

“Eu queria poder ver, mas ver com precisão,
As coisas, e não só as superfícies delas”³²

pois

“Há mistério até nas coisas mais banais”³³

Assim, pode-se dizer que “a tendência de João Lúcio no *Descendo* é manifestamente uma espécie de *naturalismo* em poesia”, influenciado talvez pelo naturalismo do grande romancista francês Émile Zola, a quem o jovem poeta chamava “o maior prosador de todos os tempos e litteraturas”³⁴. Contudo, não se limitando a este enquadramento, poder-se-á dizer que a poesia de João Lúcio procura cantar não a Natureza superficial, mas antes a sua *outra* face, a Natureza íntima das coisas, a Natureza ultra-romântica, profunda, misteriosa e *verdadeira*, no mais amplo sentido³⁵. Para isso, é necessário *descer*, por essa “escada que desce ao fundo mist’rioso de tudo aquilo que a vista não alcança”,

“Até poder sentir o coração das coisas,
Costumando o olhar à treva do mistério,
Até que a treva seja uma luz para mim”³⁶

Este caminho descendente e, por assim dizer, obscuro, ao contrário da ascense platónica, em que se visa sair da escuridão da gruta, é apontado por João Lúcio como uma descida às profundezas estranhas e dolorosas das próprias coisas. A treva é preferível à Luz, pois o poeta tem consciência de que a “doce mão” da Luz, “toca, apenas de leve, a superfície às coisas”, não as indo sondar e desfibrar, afim de “que a

³¹ Cf. ÁLVARO DE CAMPOS, “Psiquetipia (ou Psicotipia)”, in FERNANDO PESSOA, *Obras Completas de Fernando Pessoa. II. Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Edições Ática, 1993, p. 296: “Símbolos. Tudo símbolos... / Se calhar, tudo é símbolos... / Serás tu um símbolo também?”

³² JOÃO LÚCIO, “Descendo”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 55.

³³ JOÃO LÚCIO, “Cá dentro”, in id., ib., p. 68.

³⁴ FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 9. Vide ainda JOSÉ DIAS SANCHO, *A Paisagem, a Mulher e o Amor nos versos de João Lúcio*, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925, pp. 36-37.

³⁵ Cf. FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 10.

³⁶ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 52.

gente saiba o que há lá dentro delas”³⁷. De facto, ainda segundo as suas palavras, o solmente às nossas pupilas³⁸, e não será ele, portanto, que permitirá *descobrir* e cantar esse mundo oculto – mas real –, só acessível através da habituação da vista ao escuro:

“Procura descobrir o que há na ‘scuridão,
Para quem sabe olhar, como se deve olhar
A treva também é, às vezes, um clarão...
(...)
Todavia, é preciso a vista habituar,
Durante longo tempo à noite que demora,
Até que a treva a possa, enfim, iluminar,
E que a penumbra seja um cintilar d’aurora...”³⁹

Esta árdua e tenebrosa tarefa faz lembrar a do louco que diz que vai subir ao céu, voando com as suas asas, “e riem todos dele e ninguém entendeu que ali há uma voz que busca o Infinito”⁴⁰, pois também não entendem que por muito pequeno e estreito que nos pareça o coração, na verdade

“o infinito está dentro do coração...”⁴¹

“E apesar, mulher, dele parecer ‘estreito,
A vida não dará para o analisar”⁴²

O poeta, melhor que ninguém, está apto para ver este infinito, e assim, diz João Lúcio, “pressinto e julgo que a Verdade são os poetas quem a hão-de revelar...”⁴³. Só o poeta percebe que “tudo fala: em tudo há linguagem”⁴⁴, porque só ele tem “olhos para

³⁷ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id.*, *ib.*, p. 53.

³⁸ JOÃO LÚCIO, “Na pupila”, *in id.*, *ib.*, p. 58: “Corpos leves de luz, nítidos e completos, / Que às retinas falais, procurando iludi-las: / Sois, apenas, pra mim, a ilusão dos aspectos, / A mentira que o sol diz às nossas pupilas.”

Cf. ainda o texto “Ódio ao Sol”, incluído em Anexo.

³⁹ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id.*, *ib.*, pp. 56-57.

⁴⁰ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id.*, *ib.*, p. 56.

⁴¹ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id.*, *ib.*, p. 55.

⁴² JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id.*, *ib.*, p. 67.

⁴³ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id.*, *ib.*, p. 56.

Cf., sobre esta temática do Poeta como “o ser capaz de ouvir a ‘música’ oculta da Natureza”, presente na poesia da época, a obra de CLARA ROCHA, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 257.

⁴⁴ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id.*, *ib.*, p. 69.

tocar as coisas pequeninas”⁴⁵, que lhe permitem ver o que “ninguém sabe ver, que pode o infinito numa dor existir numa pedra do chão”⁴⁶. Pois as próprias pedras, dentro das quais há, “talvez, uma via láctea inteira”⁴⁷, sentem dor, como tudo o que existe *neste* mundo:

“Neste mundo, em que andei a ver se descobria
Alguma coisa além das que o olhar me via,
Bem nítida encontrei, apenas a Tristeza.

Dessa alma que senti nas coisas que tocava,
Soube que ela sofria e, como nós, chorava
[...]

Em tudo sempre achei a mesma desventura,
No fundo do que vi, vi sempre a amargura
E consegui saber que a Dor em tudo habita”⁴⁸

Contudo, não deve esta dor ser vista como um terrível fado que em tudo habita e que tudo castra, pois João Lúcio compara-a à aurora necessária à germinação da “semente lançada à terra”, que

“Era pequena; agora
Deu um arbusto maior:
É como, pra nós, a Dor,
Pra as sementes, a Aurora”⁴⁹

É por isso que João Lúcio apela como que para uma *outra* sabedoria, quando afirma que

⁴⁵ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id.*, *ib.*, p. 66.

⁴⁶ JOÃO LÚCIO, “A Dor das Pedras”, *in id.*, *ib.*, p. 65.

⁴⁷ JOÃO LÚCIO, “A Dor das Pedras”, *in id.*, *ib.*, p. 65. Cf. ainda JOÃO LÚCIO, “A Sombra”, *in id.*, *ib.*, p. 97:

“Em cada grão d’areia há um profundo grito”

⁴⁸ JOÃO LÚCIO, “Canto à Tristeza”, *in id.*, *ib.*, p. 100.

De notar a provável influência da temática constante da obra *Sempre*, de TEIXEIRA DE PASCOAES (1.^a ed., 1898), *in Belo. À Minha Alma. Sempre. Terra Proibida*, reedição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, pp. 93-201, p. 103 e 136: “A dor é a Mãe de tudo!”, “Em tudo chora / Um espírito triste...”. Refira-se ainda que na terceira edição desta obra, Pascoaes recompõe o poema “Lá” na sua versão definitiva, dedicando-a a João Lúcio.

⁴⁹ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id.*, *ib.*, p. 67.

“Cada dor que se sofre aumenta a dimensão,
A grandeza maior ’stá em saber sofrer”⁵⁰

A dor não é, portanto, vista como mera negação ou antítese, mas antes como superação, ou melhor, transmutação, como que a aurora de um novo dia, pois também “a Dor é irmã do Infinito e da Eternidade!”⁵¹. Tendo consciência que “tudo muda”⁵², o poeta adquire uma *outra* visão sobre essa dor que – agora se percebe – apenas é passageira (até “a santa Natureza”, “ao mesmo tempo chora, ao mesmo tempo ri”⁵³), e se existe alguma harmonia, esta encontra-se na conciliação dos contrários, visível noutros exemplos que dá:

“Oh vento a clamar, que crias e destróis,
Sopro de vida e morte a matar e a criar;
Tua asa transparente anda ao redor dos sóis
Talvez pra os acender, talvez pra os apagar!”⁵⁴

“Eternamente em luta, as duas, pelo Espaço,
Uma criando sóis, outra tornando baço
O fulgir do clarão sobre a fronte dos astros.

Ligadas para sempre, obedecendo a normas,
Nunca a Luz mostrará o debuchar das formas
Sem que a Sombra apareça a manchá-las de rastros”⁵⁵

O importante é, portanto, que se faça uma mudança de escala, afim de alcançar uma visão que consiga *descer* às coisas pequeninas:

“Não sabes, meu amor, que, em cada gota d’água,
Pôs Deus um horizonte enorme, pra sondar:
Uma lágrima até, nascida duma mágoa,

⁵⁰ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id.*, *ib.*, p. 66.

⁵¹ JOÃO LÚCIO, “Os Nevoeiros”, *in id.*, *ib.*, p. 86.

⁵² JOÃO LÚCIO, “À mesma hora”, *in id.*, *ib.*, p. 89.

⁵³ JOÃO LÚCIO, “À mesma hora”, *in id.*, *ib.*, p. 89.

⁵⁴ JOÃO LÚCIO, “O vento”, *in id.*, *ib.*, pp. 72 e 74.

⁵⁵ JOÃO LÚCIO, “A Sombra e a Luz”, *in id.*, *ib.*, p. 81.

Quem sabe se será muito maior que o Mar”⁵⁶

E ainda:

“De vida para vida há só transformações...
É por isso que vendo o pó, na luz, subir,
Eu digo: quanta flor e quantos corações!
Que seios virginais dali hão-de sair!”⁵⁷

O poeta aparece, então, como aquele que tenta “revelar essa estranha canção, que Deus encarcerou ao redor das pupilas!”⁵⁸. No entanto, ainda que João Lúcio tenha a pretensão de querer dizer tudo o que sente ou pensa, não o consegue, reconhecendo que

“Não sei dizer tudo o que sinto e penso
[...]
Tenho dentro de mim como que um fumo denso,
Névoa que me faz ser de mim a distância”⁵⁹

E mesmo que não atinja a verdade misteriosa que tanto procura, essa chama que clareia as coisas, João Lúcio consola-se com a *descida* dionisíaca que fez, dizendo humildemente que

“É este livro, pois, ainda nebuloso,
Porque vejo inda mal os traços da verdade
Nesta treva sem fim do mundo mist’rioso,
Em que procuro achar também a claridade...
Se nunca a encontrar, e se nunca essa chama
As coisas clarear, para que eu possa vê-las,
Entenderei melhor a loucura da lama
Quando salpica a luz e quer ir nela às ’strelas”⁶⁰

⁵⁶ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id., ib.*, p. 66.

⁵⁷ JOÃO LÚCIO, “A Dança do Pó”, *in id., ib.*, p. 79.

⁵⁸ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id., ib.*, p. 69.

⁵⁹ JOÃO LÚCIO, “Cá Dentro”, *in id., ib.*, p. 68.

⁶⁰ JOÃO LÚCIO, “Descendo”, *in id., ib.*, p. 57.

3. O Algarve de João Lúcio

“Que este livro te diga, oh terra aventureira,
Como o meu coração a voz te sabe ouvir:
Ele é singelamente uma canção ligeira,
Que lhe tens cantado e tenta repetir.

Quando os astros de noite, errantes e dispersos,
Vierem mergulhar nas águas do teu mar,
Vai ler-lhes mansamente estes humildes versos
Pra que digam a Deus como te sei amar”

*João Lúcio*⁶¹

Acabado o curso de Direito, em 1902, João Lúcio regressa para *o seu Algarve*, isto é, para Olhão, onde abre banca de advogado. Após três anos de intensificação e enriquecimento da sua visão de *algarvio* – e das suas paisagens natais⁶² –, aparece publicado *O Meu Algarve*, onde, como salienta Francisco Fernandes Lopes, “se apresenta a província vista *naturalisticamente* através do temperamento do Poeta”⁶³. De facto, e mais do que apenas contradizer o dístico atribuído ao poeta, como sendo o *cantor ou poeta do Algarve*, este estudioso (também ele olhanense) aponta que “é rebaixar o Poeta fazer d’elle essencialmente um poeta *regional*, algarvio”⁶⁴, na medida em que aquela “visão do Algarve através do seu temperamento – o *seu* Algarve – é puro Olhão, figurado e transfigurado. O *Algarve* de João Lúcio é uma pura e estonteante allucinação do panorama visual, lendario ou suggestivo, de *Olhão*, e nada mais, É Olhão, amplificado, irradiado, derramado, por sobre toda a província – o *seu* fantastico *Algarve*”⁶⁵. Assim, se quisermos continuar a apelidar João Lúcio de cantor ou poeta do

⁶¹ JOÃO LÚCIO, “Província onde nasci, amada do luar...”, *in id.*, *ib.*, p. 111.

⁶² Cf. JOSÉ DIAS SANCHO, *A Paisagem, a Mulher e o Amôr nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos*, op. cit., p. 33: “Parece que a Paisagem foi a revelação suprema da Arte de João Lúcio, pois [...] terminado o curso de Direito, a sua vida definitivamente estabelecida no Algarve, em comunhão com o Campo e com o Mar, os extasiados olhos abertos para a delirante côr do sul tocada por este sol alquimista que em tudo despeja oiro e em tudo longamente faz tinir a sua luz, da Paisagem especialmente fâla, a ela especialmente canta, em cada estrofe, em cada verso”.

⁶³ FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 17.

⁶⁴ *Id.*, *ib.*, 34.

⁶⁵ *Id.*, *ib.*, p. 17.

Algarve, como o título do livro nos sugere, temos que ter consciência deste pormenor, e ver que, afinal, talvez Olhão seja “a mais *algarvia* de todas as terras do Algarve”⁶⁶.

Para expressar melhor o que se quer dizer, leiam-se algumas passagens do poema “As terras”, onde o plural utilizado no título é cedo afastado para invocar a singular

“Terra aonde nasci, brava, movimentada,
Velha amiga do mar, minha terra arrojada,
Onde nunca o valor se extingue e se destrói,
Branca filha de heróis e mãe de tanto herói,
Bela, como tu és, é que te quero mostrar,
Com mirantes de neve, erguidos, a olhar,
Seguindo sobre a água, os sonhos e as velas,
Sob a copa do céu a sacudir estrelas!
Tens ruas brancas que se torcem e coleiam
Dando a impressão que com volúpia ondeiam,
E tendo, no esguio e apertado espaço,
O carinhoso ar afável dum abraço,
Onde há não sei o quê de morno e sensual,
Um bafo de serralho ardente, oriental.
[...]
A casaria tem alvuras argelinas.
Curvas da cor do gelo a desenharem ruas,
Têm alvares sensuais lembrando espáduas nuas...

⁶⁶ Cf. id., *ibid.*, p. 18: “O que ha de *algarvio* – no sentido de este [ser] qualquer coisa de imeffavelmente mussulmano, de imponderavel, mas de intensamente morno e molle e sensualmente mysterioso e devaneador – este ambiente especial de *oriente* que paira no livro, foi igualmente do mais puro *Olhão* que o Poeta o colheu, d’esta obsidiante evocação que, demais a um espírito ainda da raça, irresistivelmente sugere a branca terra d’Olhão [...], o velho Olhão, alvo, labyrinthico e encantado, o Olhão surgido aqui, quase magicamente, n’esta saudosa orla da terra portugueza, á imagem e semelhança do *Algarve* d’alem-mar, em Tanger, em Laranche, em Arzilla, até Oran ou até Tunis, a branca, e do *Algarve* d’aquem, em Cadiz, em Sevilha e por todo o litoral da Andaluzia hespanhola. É o Olhão das soteias e dos mirantes, dos arcos, e dos beccos e das travessinhas, o livre agglomerado das casas cubistas, subindo – dir-se-hia – n’humas especie de aspiração incessante para Allah, invisivel por detraz do alto docel azul que á noite se illumina de mil lampadas suspensas; o Olhão luarento e pictural, dos campos mouriscos, e tambem o Olhão dos biucos e dos olhos moiros e das lindas moiras encantadas, á volta e no proximo solar de Marim. O que há de *mussulmano Algarve* no livro, é este orientalismo moiro do seu Olhão, porque Olhão é a menos *portugueza* de todas as terras algarvias – quero dizer: a mais *algarvia* de todas as terras do Algarve – e o seu ambiente, que perdura atravez de tudo, rescende, pôde dizer-se, em todos os sentidos, a orientalismo – até na immundice, classica no encantado e remoto Oriente. O Algarve era para o Poeta este orientalismo, como a Andaluzia hespanhola era o Oriente authenticico para Musset, para Hugo e para Gautier. João Lúcio não é bem o *poeta algarvio* que se tem pretendido, mas realmente o cantor d’este Olhão, caracteristico e immortal”.

Uma volúpia doce, astral, desfalecente,
 Dissolve-se no ar embriagante e quente...
 [...]
 Tu tens a languidez, a dormente magia
 Que abre nos corações a flor da fantasia,
 Um hálito de sonho, ardente e perfumado,
 Que levanta as visões dormentes do passado...
 Assim, alva e serena, assim misteriosa,
 Com teu lindo perfil de branca intemerata,
 És como uma grácil moira voluptuosa,
 Rebuçada, ao luar, no seu *morghot* de prata”⁶⁷

Mais do que fotógrafo do real, o poeta amplia e transfigura esse mesmo real, através da sua sensibilidade imaginativa, e assim sendo, João Lúcio não pode descrever o Algarve, mas outrossim indicar qual é o *seu* ideal Algarve, capaz de fazer o leitor ter saudades duma terra que nunca viu, mostrando-lhe “uma realidade elevada à *expressão* da sua sobrenaturalidade”⁶⁸. Assim, deve-se notar que, mais do que reduzir o Algarve a Olhão, “o que interessa a João Lúcio é [...] passar do local ao universal [...]. O que lhe importa não é o Algarve, mas o infinito, mesmo que infinito dele, Algarve”⁶⁹.

Serão estas impressões transfiguradas que o poeta dedica ao seu amigo Augusto de Castro, a quem João Lúcio, “na íntima e inolvidável camaradagem de Coimbra”, havia prometido mostrar o seu Algarve, cumprindo com este livro essa promessa, escrita numas “ligeiras páginas coloristas”⁷⁰. Aliás, talvez seja desses tempos de estudo

⁶⁷ JOÃO LÚCIO, “As terras”, in *Poesias Completas*, op. cit., pp. 155-156 e 158-159.

⁶⁸ ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., p. 19.

Vide, também, LEONARDO COIMBRA, “João Lúcio”, in PINHARANDA GOMES (org.), *Leonardo Coimbra. Dispersos. I – Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, pp. 151-157, pp. 151-152: “O sentimento que o nome do Poeta em mim acorda de pronto é o da saudade platónica, isto é, da saudade de lugares e cousas, que jamais viram os olhos do meu rosto. Saudades do *seu* Algarve, que nunca visitei; mas de que guardo a imagem ideal, vista no fundo dos seus versos. [...] Nas possibilidades de ser, que em mim residem, existe a força de expressão que o Algarve poderá fornecer a certas mudezas convulsas tentando a forma. É que ele é hoje, por virtude do Poeta, um pouco de minha excedência, do meu sonho, ou seja, da minha saudade”.

Refira-se que este artigo de Leonardo Coimbra sobre o poeta João Lúcio havia sido publicado originalmente na revista *A Águia*, Porto, 2.ª Série, n.ºs 82-84, Out.-Dez. de 1918 (e republicado na folha solta de 1921 intitulada *Homenagem a João Lúcio*, à qual faremos menção na nota 106).

⁶⁹ ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 7-24, p. 19.

⁷⁰ Cf. a dedicatória inicial do livro, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., p. 109:

“Augusto:

Na íntima e inolvidável camaradagem de Coimbra, falei-te, um dia, do meu Algarve e prometi mostrar-to. Cumpro, hoje, a promessa, enviando-te estas ligeiras páginas coloristas”.

em Coimbra que provém – se não a poesia, pelo menos o sentimento – “A Saudade do Mar”:

“Qual de vós não sentiu ainda bem vibrante,
Oh corações do Sul, que adormenta o luar,
Quando vos encontrais do oceano distante,
Palpitar dentro em vós a Saudade do Mar?!”

[...]

A alma que nasceu junto da tua água,
Que a ouviu murmurar, gritar e soluçar,
Não pode, sem que sinta uma estranha mágoa,
Afastar-se de ti, oh empolgante mar!”⁷¹

Mas voltando ao *seu* Algarve, João Lúcio apercebe-se que este é “ardente”, “impressionista”, “mole”, “Algarve das paixões”, “aromática terra” do “luar novelesco, embriagante, albente”, enfim:

“Algarve do *morghot*, dos rostos escondidos,
Das lendas, das visões, das moiras encantadas!
Com vocáb’los de sonho, as histórias de fadas...
Encantado jardim fremente de matizes,
Onde a cor dá concerto em sinfonias de oiro,
E onde, sob o solo, as ávidas raízes
Vão às vezes tocar nalgum velho tesoiro...”⁷²

Como se mostra logo na dedicatória, João Lúcio tem uma verdadeira paixão pela cor que corre “pelas veias das flores”, essa “voluptuosa cor que adora o algarvio”, como se pode ver no poema “A Paixão da Cor”, *in id.*, *ib.*, p. 124:

“A Cor, filha da Luz, é uma língua em tons
Que fala, sem rumor, à curva da retina...
Como há para o ouvido a palavra e os sons,
Nasceu para o olhar esta harmonia fina”

⁷¹ JOÃO LÚCIO, “A Saudade do Mar”, *in id.*, *ib.*, p. 117.

⁷² JOÃO LÚCIO, “O Meu Algarve”, *in id.*, *ib.*, p. 113.

Como se nota, João Lúcio muito vai beber ao passado muçulmano do Algarve. De facto, como temos vindo a acentuar, é este Algarve misterioso que o poeta invoca, pedindo-lhe que se levante “ao fulgor quimérico das lendas!”⁷³:

“Eu quero ver erguer-se aquele Algarve moiro,
Mole como um sultão, lânguido e fatalista,
Aos campos do Amor roubando os frutos de oiro,
Pra na lenda os tecer – sensual e artista”

Daí que seja recorrente, em todo o livro, o imaginário das lendas das moiras encantadas, onde o poeta tem talvez a sua mais alta expressão em poemas como “A lenda de Marim” (à qual Leonardo Coimbra chamará “uma das mais autênticas belezas da poesia lusitana”⁷⁴), “A linda desprezada”, “O ciúme das estrelas”, “O rouxinol trovador”, onde se evocam e transfiguram essas lendas, compostas num estilo que se diria oralizante, evocando reminiscências das lengalengas populares.

Não obstante a mudança temática, em relação ao *Descendo*, João Lúcio mantém a sua visão holística, mas com uma variação: se no seu livro de estreia era de que em tudo há tristeza, agora, em *O Meu Algarve*, o poeta passa a ter a concepção de que em tudo há amor, como se pode ver, por exemplo, no início do poema “Porque chora a fonte”:

“Deus pôs em tudo um amor,
Deu a tudo um coração:
Não há fonte nem há flor
Que não tenha uma paixão.
Tudo palpita em desejos,
Tudo estremece e procria:
Um beijo das nebulosas
Fez-nos o Sol e o Dia.”⁷⁵

Assim, e apesar de haver uma aparente transmutação no pensamento poético de João Lúcio, há de facto uma continuidade, que se torna bastante nítida em “A volúpia

⁷³ JOÃO LÚCIO, “Alta Noite”, *in id.*, p. 180.

⁷⁴ LEONARDO COIMBRA, “João Lúcio”, *in op. cit.*, p. 156.

⁷⁵ JOÃO LÚCIO, “Porque chora a fonte”, *in Poesias Completas*, *op. cit.*, p. 132.

do sonho”, que estabelece como que uma ponte⁷⁶ – como adiante veremos – entre o *Descendo e Na Asa do Sonho*:

[...] sonhar é voar.

Sonhar, é aspirar um mundo mais perfeito:
É dilatar a alma em êxtase bendito:
É deixar o que é mau, banal ou imperfeito,
Para atingir o que é suave e infinito.

[...]

Pra os corações tu és um bálsamo astral,
Que vem amortecer a dor que os fere e cansa,
Pondo as constelações distantes do Ideal
Perto do largo voo quimérico da Esp’rança.

[...]

Como não ter a alma ao voo do Sonho presa,
Se esta província de oiro, embalada de espumas,
Nasceu dum lindo sonho audaz da Natureza,
Farta da cinza fria e húmida das brumas?!

Esta indolência enorme, este morno cansaço,
Que vem adormentar toda a nossa energia,
É o prazer do Sonho, a ânsia do Espaço,
Onde quer, entre os sóis, voar a Fantasia.

Voar para o país de eterna primavera,
Pra o país do Ideal, albente e singular,
Pra os campos azuis, onde o lírio da Quimera
Abre o corpete de oiro à neve do luar⁷⁷

⁷⁶ De referir que esta continuidade já havia sido referida num artigo de JOSÉ NEVES, “O pensamento estético-filosófico do poeta João Lúcio”, in *GEA (Revista do Grupo de Estudos Algarvios)*, Lagos, nº 2, Maio de 1978, pp. 23-27, p. 26.

⁷⁷ JOÃO LÚCIO, “A Volúpia do Sonho”, in *Poesias Completas*, op. cit., pp. 121-123.

Na Asa do Sonho

“Quem é que não sentiu, nas horas torturadas,
De mágoa aflitiva, ou desolado amor,
Soprar, do coração, as cinzas requeimadas,
A asa singular, que bate em seu redor?!
Quem não sentiu passar, junto à janela escura, –
Onde, a Tristeza, o trouxe, em dor a alma rasa,
Pra meditar, na sombra, a sua desventura, –
Balsamizante e leve, essa invisível asa?!”

João Lúcio⁷⁸

Com estas palavras inicia João Lúcio o último livro que haveria de ver publicado, cujo título, *Na Asa do Sonho*, reflecte bem o espírito daquela continuidade que atrás falámos⁷⁹. De facto, o sonho é como que um colírio para a dor e tristeza presentes no mundo, servindo assim as suas asas para aspirar a um outro mundo, quimérico e utópico⁸⁰, “acima da miséria, em que a lama do mundo agita temporais”⁸¹. Aliás, torna-se bem patente o desejo de evasão, já que João Lúcio pede ao sonho para levar para

“uma torre sidérea,
Donde não volte mais!”⁸²

⁷⁸ JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 185.

⁷⁹ Cf. FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 21: “Se o *Descendo* representa na evolução do Poeta a reacção naturalistamente ultra-romantica da sua juvenil sensibilidade, em face da Natureza, poetica e philosophicamente concebida; o *Na Asa do Sonho* nasceu, póde dizer-se, da reacção, sempre ultra-romantica, da sua sensibilidade adulta, desenvolvida em multiplos sentidos, superiorisada, aristocratisada, e cada vez mais *distanciada*, em face do horror da vida vulgar. Os annos passaram, as illusões desfizeram-se, a vida endureceu e *afastou* o poeta. D’aqui o refugio na *torre de marfim* e d’ahi o librar-se *na Aza do Sonho*. Mas a tendência naturalista persiste. E, se no *Descendo* o Poeta encontrara que *tudo soffre*, [...] agora, sem negar que tudo soffra, e, antes, talvez como compensação, a visão é outra: o poeta descobriu que *tudo sonha*, que há no mundo um grande sonho errante, e que justamente tudo *vive* porque tudo *sonha*”.

Cf. também com LEONARDO COIMBRA, “João Lúcio”, in op. cit., pp. 156-157: “*Nas Asas do Sonho* [sic], o Poeta vê elevar-se toda a vida e um quixotismo estético o anima. É que a Vida, sendo sonho e ascensão, é quixotesca e em todas as direcções”.

⁸⁰ Como refere Fernando Cabrita, “questões políticas estão subjacentes a esta opinião do poeta [...]. Com efeito, sendo João Lúcio um adepto incondicional de João Franco e um defensor dos ideais monárquicos e tendo saído o *Na Aza do Sonho* em 1913 – após, portanto, as instauração da I República – é de todo em todo lógico e natural que na sua obra se expressasse um certo desgosto e desânimo por ver vitoriosos os ideais que combatia”. In FERNANDO CABRITA, *João Lúcio e a Poesia Simbolista*, Olhão/Faro, Edição da Comissão para as Comemorações do I Centenário do Nascimento do Poeta João Lúcio, 1981, p. 18.

⁸¹ JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 186.

⁸² JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, in id., ib., p. 186.

Quase todo o livro *Na Asa do Sonho* parece ter sido escrito de noite, perto dessas horas mortas de silêncio e de paz, quando o sonho tudo cobre com o seu manto dormente e mordente. De facto, directa ou indirectamente, quase todos os poemas falam da noite e da sua escura mudez, que só é interrompida pela surdina do murmúrio do vento:

“Lento... lento... lento...
Na Noite de âmbar, o Vento,
Faz o murmúrio dum segredo,
Que, pelo ar, se flutua...
Há ’stalactites de lua,
Pendentes do arvoredos...

Macio, como os marfins,
Esvaindo em Jasmíns,
O Ar,
Entalha, em sua pureza,
Os gestos da Natureza,
A cismar”⁸³

Na noite, os únicos traços de claridade são dados pelo luar, preferível à luz da aurora, que vem pôr fim a este abrigo idílico que é o sonho:

“Vai murchando o luar: vai-se manchando o Céu,
Desse vago livor da manhã que o invade:
Sente-se o arrepio do sonho que morreu
E o horror de já vir chegando a realidade”⁸⁴

Portanto, é o ideal etéreo do sonho – “como um beijo de Deus, sulcando o infinito”⁸⁵ – que faz calar a voz diurna, mas dolorosa, da realidade:

“Cai, nesta hora de paz, das vastidões sidéreas,
O Ideal.

⁸³ JOÃO LÚCIO, “O canto do raio da lua, no teu seio”, *in id., ib., p. 212.*

⁸⁴ JOÃO LÚCIO, “Naquela noite rara”, *in id., ib., p. 210.*

⁸⁵ JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, *in id., ib., p. 185.*

O sonho desce, desce, e frescuras estranhas,
Orvalham corações, florestas e montanhas...
Toda a vida transforma, à sua luz etérea,
Em púr'ras ideais, farrapos de miséria...
Cala-se a funda voz dos gritos, dos lamentos...
A Dor, passa, no ar, batida pelos ventos”⁸⁶

Para o poeta, toda a Vida ama essa “asa singular”⁸⁷ do sonho, e já que “a fantasia, arfando, é um navio à vela”⁸⁸, resta ao coração embarcar na lua, “pra derramar na Noite, o seu sonho de amor”⁸⁹. A noite, portanto, é propícia para a comunhão amorosa, e enquanto a maré “sobe, com lentidões veludosas, cantantes”⁹⁰,

“Abre, a vela do barco, a asa trepidante,
E ao ritmo que faz a sua pulsação,
Dizes-me o teu amor, a tremer, ofegante,
E, no teu fundo olhar, resolve-se a paixão”⁹¹

No entanto, e porque a noite não dura sempre, resta a “desolada dor de não poder amar, numa noite sem fim, a um luar sem morte!”⁹². De facto, este amor nocturno pode dissipar-se facilmente com a luz do dia, e por isso, João Lúcio confessa que

“Tenho um medo cortante, que a aurora,
Me venha perturbar”⁹³

É devido a este conflito que o seu “coração ardente, à volta da Aventura”, anseia e procura a paz (ainda que conscientemente temporária), “como a ave que busca a sombra da espessura, cansada do fulgor mordente do Espaço”:

“Oh! Paz, à tua porta, agora, o coração,
Vem bater e pedir uma calma segura,

⁸⁶ JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, *in id.*, *ib.*, p. 187.

⁸⁷ JOÃO LÚCIO, “Na Asa do Sonho”, *in id.*, *ib.*, p. 186.

⁸⁸ JOÃO LÚCIO, “Nas espirais do Sonho”, *in id.*, *ib.*, p. 199.

⁸⁹ JOÃO LÚCIO, “Ao embarcar do coração”, *in id.*, *ib.*, p. 193.

⁹⁰ JOÃO LÚCIO, “Naquela noite rara”, *in id.*, *ib.*, p. 209.

⁹¹ JOÃO LÚCIO, “Naquela noite rara”, *in id.*, *ib.*, p. 207.

⁹² JOÃO LÚCIO, “Naquela noite rara”, *in id.*, *ib.*, p. 210.

⁹³ JOÃO LÚCIO, “Na noite em que as chuvas cantam”, *in id.*, *ib.*, p. 223. Cf., ainda, nota 38.

Pra depois abalar para a mesma ilusão.
Sacudindo da asa a cinza da tristeza,
Como um navio de sonho, à busca da Aventura,
Como um sôfrego artista, à busca da Beleza”⁹⁴

E dissemos temporária, pois a ânsia do sonho é mais forte que a calma da paz, e na verdade, “quem é que não sentiu ’ma noite o coração, com sede de Infinito, a qu’rer beber o Céu?!”⁹⁵. De facto, é o sonho – longe de ser um mero devaneio – que possibilita a consciência anímica de que “faz quase o rumor dum grito, uma folha, que palpita”⁹⁶, e que

“No tronco, na haste e folha rumorosa
O quer que seja canta, o quer que seja geme”⁹⁷

Portanto, para melhor ouvir “a grande palpitação de tudo o que vive e morre, para, de novo, viver, noutra forma que produz, nessa cadeia infinita, que vai da lama pra a luz, e da luz mais para cima, pra o sopro anímico etéreo, onde está a Perfeição, numa névoa de mistério”⁹⁸, é necessário, como diz João Lúcio, subir a uma alta torre, situada numa ilha distante e original, que “só vem no mapa do Sonho”⁹⁹.

Só assim o livro *Na Asa do Sonho* podia terminar, isto é, já não com a descida, mas antes com a ascensão à “torre de marfim”, à busca desse diamante azul da Fantasia:

“Quando, em baixo, ruge, o temporal, sem fim,
Dessa miséria, oh pó, em que tu te esfacelas,
Eu subo à minha torre esguia, de marfim,
Onde me cõa, o sonho, o filtro das estrelas.

Sai-me ao encontro a Musa. E o seu olhar pleno
De longínquo e mistério, enche-me o Pensamento;
A Musa, que eu guardo, entre o éter sereno,
Como um velho sultão, avaro e ciumento.

⁹⁴ JOÃO LÚCIO, “Para nunca mais voltar”, *in id.*, *ib.*, pp. 233-235.

⁹⁵ JOÃO LÚCIO, “O luar e a coluna”, *in id.*, *ib.*, p. 246.

⁹⁶ JOÃO LÚCIO, “O canto do raio da lua, no teu seio”, *in id.*, *ib.*, p. 213.

⁹⁷ JOÃO LÚCIO, “Nas espirais do sonho”, *in id.*, *ib.*, p. 200.

⁹⁸ JOÃO LÚCIO, “A torre azul”, *in id.*, *ib.*, pp. 251-252.

⁹⁹ JOÃO LÚCIO, “A torre azul”, *in id.*, *ib.*, p. 251.

E ficamos, os dois, na torre em solidão,
Onde, a luz do luar, faz de tapeçaria,
Mineiros da Quimera, à busca do filão,
Que tem o diamante azul da Fantasia.

Da Fantasia, que é, em essência, somente
Um jacto de clarão, num nevoeiro escuro:
N'voeiro, que condensa a sombra do Presente,
E clarão, que nos traz já a luz do Futuro.

Foi sob esse clarão, nessa torre isolada,
Que fomos lapidando os versos fatigantes,
Mineiros, que tortura a raiva desolada,
De não ter encontrado o filão dos diamantes”¹⁰⁰

¹⁰⁰ JOÃO LÚCIO, “Na torre de marfim”, *in id.*, *ib.*, p. 304. Este poema aparece datado e situado: “Quinta de Marim –, sob os pinhais ao rés do mar –, pla lua alta. – Agosto de 1912”.

Acrescente-se que esta ânsia de subir à *torre de marfim* levaria João Lúcio, como atrás ficou referido, a mandar construir um exótico *chalet*, precisamente na sua isolada Quinta de Marim, por volta de 1914, após uma série de viagens pela Europa. Porém, a obra arrastar-se-á por diversos anos, devido à ambição do seu projecto arrojado, facto que o levará a habitar a casa apenas uns meses antes da sua morte.

5. A morte e o progressivo esquecimento de João Lúcio

“Ele nascera calmo, a alma sossegada, –
Sob o Ópio do Amor, o Incenso da Crença, –
Vendo, na Vida – um rio de límpida jornada:
Só mais tarde, o horror da ruindade achada,
Lhe pôs no coração essa secura imensa”

João Lúcio¹⁰¹

Quando no final de 1917 é anunciado, no jornal *Diário de Notícias*, o novo livro de João Lúcio, *Espalhando Fantasmas*, publicando-se então o poema intróito¹⁰², não podia o poeta saber que menos de um ano depois estaria morto, sem ver publicado esse seu livro.

Ao morrer, a 26 de Outubro de 1918, vivia-se em Olhão um cenário comparável ao da peste negra na Idade Média, o que levou a que poucos soubessem que o grande poeta, orador e advogado havia falecido, e que no seu funeral não comparecesse quase ninguém¹⁰³. A morte de João Lúcio culminou com o seu esquecimento, pois como adianta Francisco Fernandes Lopes, “ao contrário do que deveria ter sucedido, uma espantosa tendencia ao apagamento da sua memória se foi installando...”¹⁰⁴.

E de facto, se exceptuarmos uma ou outra homenagem póstuma ainda em 1918, e o facto de, em 1919, Pascoaes e Augusto de Castro terem escrito sobre o poeta¹⁰⁵, parece que só cerca de três anos depois da sua morte é que começou a haver consciência de que a sua memória já se estava a perder, constituindo-se assim a Comissão do Monumento a João Lúcio, e publicando-se então uma folha solta intitulada *Homenagem a João Lúcio*, onde colaboram diversos poetas e admiradores do poeta, entre os quais

¹⁰¹ JOÃO LÚCIO, “O Homem da sede inextinguível”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 333.

¹⁰² Cf. *Diário de Notícias*, 25 de Dezembro, 1917.

¹⁰³ Cf. FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 33: “No enterro do Poeta – que era [...] pessoa abastada, fôra chefe político local e deputado ás côrtes do seu paiz, era advogado de fama e pessoa de prestigiosa influencia e de destaque, e no seu *pathos* de distancia, mesmo uma especie de pontífice e soberano do caracter – no seu enterro, dizia, se repetiu aquelle triste e desoladoramente humano espectáculo de abandono, já observado – mas em fins da idade-media, meados do seculo XIV – e magistralmente narrado por Boccacio no seu *Decamerone*, – durante a terrivel peste que flagelou a cidade de Florença, – no ano de 1348”.

¹⁰⁴ Id., ib.

¹⁰⁵ Cf. TEIXEIRA DE PASCOAES, *Poetas Lusíadas*, Porto, Tipografia Costa Carregal, 1919, pp. 245-247; AUGUSTO DE CASTRO, “João Lúcio”, in *Conversar*, 2.^a ed. (1.^a ed., 1919), Lisboa, Portugal-Brasil, s.d., pp. 111-115. (Informações recolhidas na “Marginália Crítica” organizada por ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 607-608).

Leonardo Coimbra, Alfredo Pimenta, Afonso Lopes Vieira, Augusto de Castro, Marcos Algarve, Francisco Fernandes Lopes e José Dias Sancho¹⁰⁶.

Já a 8 de Abril de 1921, no âmbito da angariação de fundos para o projectado monumento, havia tido lugar na Sociedade Recreativa Olhanense um sarau de homenagem e à memória do poeta. Aí, Francisco Fernandes Lopes daria uma conferência em homenagem à memória do esquecido poeta. Para além de fazer uma tentativa de interpretação e de divulgação da obra de João Lúcio, o orador fez um apelo para que se erguesse, em Olhão, um monumento que honrasse o poeta, não deixando de fazer uma severa crítica àqueles que, inclusivamente na própria terra natal, esqueceram aquele que era “um poeta e artista da raça dos grandes”, pois, como disse, “o verdadeiro logar do poeta João Lúcio, não é [...] entre os *poetas menores* da sua província, mas sim na galeria d’honra da litteratura da sua nação, entre os grandes poetas portugueses do seu tempo”¹⁰⁷.

De facto, e pouco depois, fazendo eco à divulgação do poeta, para além de se ter colocado uma lápide evocativa na casa onde faleceu e de se ter dado o seu nome à rua em frente a essa casa, publica-se um livro dedicado à memória de João Lúcio, onde colaboraram, entre outros, sobretudo poetas algarvios, como Bernardo de Passos, Cândido Guerreiro, Emiliano da Costa, José Dias Sancho e Marcos Algarve¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Esta folha solta, que para além dos já citados, fica completa com os nomes de Julião Quintinha, Ayres d’Ornelas, João Capuz, Salazar Moscoso e José Augusto Moreira d’Almeida, tem sob o título a seguinte epígrafe, assinada pela Comissão [do Monumento a João Lúcio]: “O Monumento que vamos erguer no Teu Algarve consagrará na alvura das suas pedras a Tua alma imaculada de Poeta e o teu diamantino coração de Portuguez!

Á tua Memoria Saudosa!

Á tua Gloria Imortal!”

Cf. AAVV, *Homenagem a João Lúcio*, s.l. [Olhão], s. ed. [Edição da Comissão do Monumento a João Lúcio], s.d. [1921], (2 pp.).

Dada a raridade deste documento, decidimos incluir os textos aí apresentados em Anexo, à excepção do artigo de Leonardo Coimbra (publicado originalmente em 1918, na revista *A Águia*, como já fizemos menção na nota 68).

¹⁰⁷ Estas palavras pronunciadas na conferência foram posteriormente publicadas na referencial e aqui tão citada obra de FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 34.

¹⁰⁸ AAVV, *João Lúcio. In Memoriam*, Lisboa/Porto/Coimbra, Lumen – Empresa Internacional Editora, 1921. A nota introdutória, escrita pelo lacobrigense Júlio Dantas, dita o seguinte: “Para quem, como eu, se orgulha de ter nascido no Algarve, é sempre um motivo de desvanecimento poder exaltar as glórias da sua província, – Hellade doirada de vinhedos e beijada pelo mar, a que nem mesmo falta a voz sagrada dos poetas. João Lúcio, a cuja memória gentil é dedicado êste pequeno livro – foi, no seu duplo aspecto de orador veemente e de lírico imaginoso, uma das expressões mais belas e mais perfeitas do génio algarvio. Os poetas do Algarve, seus irmãos, reunindo-se, para consagrar-lhe o nome e perpetuar-lhe a glória, não praticam apenas um acto de nobre solidariedade intelectual: realizam uma afirmação daquêlê espirito de região e de raça, que é a maior fôrça dos povos, e que há-de unir amanhã, no mesmo ideal de beleza, na mesma ânsia de progresso, no mesmo amor pela sua província, todos os algarvios”. Cf. JÚLIO DANTAS, *in id.*, *ib.*, p. 3.

Ainda no fim deste ano, é publicado finalmente o livro *Espalhando Fantasmas*¹⁰⁹, que “João Lúcio deixara completo e cuja publicação expressamente recomendara pouco antes de morrer”¹¹⁰. Neste livro póstumo, que muitos supõem ser a sua obra-prima, João Lúcio aponta para uma reminiscência que em tudo habita¹¹¹, onde até “o turvo sentimento impuro da Argila tem a recordação das Formas que deliu”¹¹²:

“Aos Vegetais, sugando a seiva do seu peito,
A Argila transmite as lembranças que encerra;
À Água que, cansada, a busca, como um leito,
Segreda o recordar, profundo e imperfeito,
Da memória obscura e saudosa da Terra”¹¹³

Poderíamos, assim, também dizer que nos poemas deste livro bem íntimo (esfumado, como ele diz, “em versos doloridos, filtrados através da cisma dos Sentidos”¹¹⁴), reside a reminiscência e as lembranças da voz de um poeta que, quiçá antecipando o seu breve destino, escreveu, invocando já a sua própria saudade

“[...] minha Saudade, invade as outras Almas,
– Num branco calafrio –, espalhando Fantasmas”¹¹⁵

¹⁰⁹ JOÃO LÚCIO, *Espalhando Fantasmas*, Lisboa, Guimarães Editores, s.d. [1921] (160 pp.).

¹¹⁰ FRANCISCO FERNANDES LOPES, “Espalhando Phantasmas”, in *Correio Olhanense*, Olhão, n.º 1, Ano I, 1 de Dezembro, 1921, p. 1. Como acrescenta Francisco Fernandes Lopes, nesta sua recensão a *Espalhando Fantasmas*, “apezar de toda a boa vontade dos editores e do revisor, é de lastimar que a edição não pudesse ter sido como João Lucio a quizerá; pois é preciso que se saiba – já que o parecem ter ignorado aqueles que o não deveriam ter esquecido – que, para a edição do novo livro, Carlos Porfirio, o artista moderníssimo e estranho, cuja arte João Lucio tão altamente prezava, compuzera uma série de ‘pasteis’ ilustrativos, a pedido e tão a contendo do Poeta que era sua intenção formada incorpora-los como o indispensável complemento, na edição esmerada que a sua brusca morte impediu”. *In id.*, *ib.*

¹¹¹ Cf. FRANCISCO FERNANDES LOPES, *Sobre o Poeta João Lúcio*, op. cit., p. 29: “A ideia parece ser esta: as coisas exteriores conservam espectralmente a memória das formas que revestiram; são essas formas espectraes que vemos desprenderem-se e passar, por exemplo, no relevo da chama dos vegetaes ardendo, nas exalações do nevoeiro em que a agua ascende da argila. Pois assim também, da Treva interior do fundo da nossa alma, vemos exhalar-se na neblina da Saudade, uma ronda de espectros das impressões e sensações da Vida ou, mais longínquas ainda, da longínqua treva ancestral.

Cada alma encerra assim um ethereo thesoiro soterrado, uma mina de Sonho que apenas espera o mineiro que a explore. E assim como as neblinas calmas da terra e do mar espalham em nós as formas espectraes das suas recordações, assim a Saudade evolada da alma do Poeta invade as outras almas *espalhando* n’ellas *phantasmas* da sua intima ronda espectral”.

¹¹² JOÃO LÚCIO, “Espalhando Fantasmas”, in *Poesias Completas*, op. cit., p. 307.

¹¹³ JOÃO LÚCIO, “Espalhando Fantasmas”, *in id.*, *ib.*, p. 307.

¹¹⁴ JOÃO LÚCIO, “Espalhando Fantasmas”, *in id.*, *ib.*, p. 309.

¹¹⁵ JOÃO LÚCIO, “Espalhando Fantasmas”, *in id.*, *ib.*, p. 309.

Contudo, a sua saudade foi dando lugar ao seu progressivo esquecimento, logo depois deste ano de 1921, já que, a partir daí, as iniciativas de homenagem ou de divulgação do poeta passaram a ser bastante escassas e esporádicas, como pudemos averiguar. De facto, à excepção de alguns artigos de jornal e de livros em que o poeta aparece mencionado¹¹⁶, o rol de acontecimentos é algo reduzido, donde se podem destacar os seguintes:

Em 23 de Janeiro de 1925, num Serão de Arte organizado em Olhão, o genro do poeta dá uma conferência intitulada *A Paisagem, a Mulher e o Amôr nos versos de João Lúcio, Candido Guerreiro e Bernardo de Passos*, onde recita ao público um soneto inédito de João Lúcio, “À Natureza”¹¹⁷. Ainda neste mesmo ano, a 5 de Julho, é inaugurado um monumento simples, mas evocador da memória do poeta, no jardim ao qual foi dado o seu nome, facto que foi noticiado com destaque nos jornais da época¹¹⁸.

¹¹⁶ Dos quais salientámos os mais significativos, por ordem cronológica de publicação: TEIXEIRA DE PASCOAES, *Livro de Memórias*, Coimbra, Atlântida, 1927 [a capa indica a data de 1928, o frontispício a de 1927], pp. 128-130 e 143; JOSÉ RÉGIO, “A Reacção do Simbolismo”, in *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941, pp. 52-53; JOSÉ RÉGIO, “Prefácio”, in *Líricas Portuguesas – 1.ª Série*, 2.ª ed., corrigida e aumentada, Lisboa, Portugália Editora, s.d. [1950 ?], pp. 13-14 e p. 363; JOSÉ RÉGIO, “Iniciação ao estudo de João Lúcio”, in *O Comércio do Porto*, Porto, 9 de Fevereiro de 1954; FRANCISCO FERNANDES LOPES, “Acerca de João Lúcio”, in *O Comércio do Porto*, Porto, 28 de Dezembro de 1954, p. 6; FRANCISCO FERNANDES LOPES, “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *O Comércio do Porto*, Porto, 26 de Abril de 1955 e 24 de Maio de 1955 (“Conclusão”); ANTÓNIO D’ALMEIDA, “João Lúcio. Um poeta esquecido”, in *Diário Ilustrado*, 24 de Dezembro de 1957, pp. 37 e 39; [JOÃO GASPAS SIMÕES (s. ass.)], “João Lúcio”, in *O Primeiro de Janeiro*, n.º 1093, 8 de Março de 1970; JOÃO GASPAS SIMÕES, “João Lúcio”, in *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa (Século XX)*, Porto, Brasília Editora, 1976, pp. 81-85; ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1982; ÓSCAR LOPES, *Entre Fialho e Nemésio (Estudo de Literatura Portuguesa Contemporânea. Vol. I)*, Lisboa, IN-CM, 1987, pp. 113-116; MARIA JOÃO BORGES, “João Lúcio”, in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa. Vol. III*, Lisboa, Editorial Verbo, 1999, pp. 265-266. (Bibliografia recolhida a partir da auxiliadora “Marginália Crítica” organizada por ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 614-629).

Cf. ainda as notas seguintes.

¹¹⁷ Cf. JOSÉ DIAS SANCHO, *A Paisagem, a Mulher e o Amor nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos*, op. cit., p. 37. Para além deste soneto, o também poeta José Dias Sancho refere (p. 35) que “tive na minha mão, por minutos, o plano d’um novo poema seu: *Entre Esfinges*, composto de poesias cujos títulos estavam fixos. Pela sua análise poder-se-há, porventura, descortinar a directriz da evolução do Poeta. O livro *Impressões de Viagens* ficou incompleto, a acreditar que ele lhe chamasse assim, pois as impressões de Veneza vêm-las, (por exemplo), embutidas no *Espalhando Fantasmas*. De João Lúcio, a meu vêr, mais quatro Obras se poderiam publicar: *Vento de Levante*, peça n’um acto; *Poesias Dispersas*, que são muitas; *Prosas*, que as ha, óptimas, sobre grandes figuras intelectuais; e *Discursos*, sabido como é que, se João Lúcio improvisava com facilidade, a maior parte das vezes escrevia as suas orações”.

Cf. ainda, deste mesmo ano, o artigo de JOSÉ DIAS SANCHO, “O Poema *Descendo* de João Lúcio”, in *Alma Nova*, Lisboa, III.ª Série, n.ºs 32-34, Novembro de 1925.

¹¹⁸ Cf. “À memória de João Lúcio – A inauguração de um monumento na vila de Olhão”, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 de Julho de 1925; “Consagração de João Lucio – A terra do Algarve celebra e festeja condignamente o poeta-cantor das suas belezas”, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 5 de Julho de 1925, p. 1; ALVES MARTINS, “João Lúcio teve ontem uma justa consagração do povo da sua terra que inaugurou o seu busto com grande solenidade”, in *Diário de Lisboa*, 6 de Julho de 1925, p. 4; “João Lúcio – Foi inaugurado, em Olhão, um monumento ao cantor do Algarve”, in *A Época*, Lisboa, 7 de Julho de 1925,

Em 1938, a Casa do Algarve em Lisboa publica o poema (até aí inédito) “O Biôco”, afim de “estimular os leitores a procurarem conhecer toda a obra do poeta, reavivando o seu culto”¹¹⁹.

Em 1951, realiza-se, em Olhão, a 29 de Outubro, uma sessão de homenagem ao poeta, a propósito da comemoração do cinquentenário da publicação do seu primeiro livro, onde Mário Lyster Franco discursa sobre “João Lúcio e Portugalidade”¹²⁰.

A 19 de Maio de 1962, Irene Callapez profere, na Casa do Algarve de Lisboa, uma conferência intitulada *A vibração musical do Algarve na Poesia de João Lúcio*, onde destaca, como se salienta no título, a musicalidade dos versos do poeta¹²¹.

Em 1969, a Câmara Municipal de Olhão condecorou João Lúcio, a título póstumo, com a Medalha de Ouro de Mérito da Vila de Olhão da Restauração¹²².

Em 1980, forma-se em Olhão uma comissão promotora das homenagens do centenário do poeta que, com o apoio da Câmara Municipal local, decide levar a cabo diversas iniciativas afim de se consagrar João Lúcio, entre as quais várias palestras, conferências e debates, saraus recreativos e culturais, concertos literários, uma exposição bio-bibliográfica, a emissão de retratos do poeta, a cunhagem de uma medalha comemorativa, e a publicação de diversos trabalhos sobre o poeta em jornais olhanenses e farenses¹²³.

Finalmente, em 1981, é reunida a obra das quatro principais obras do poeta num único volume, numa edição local, onde se pode ler na nota de abertura de Fernando Cabrita¹²⁴ que “esta reedição reveste-se de um alcance literário e cultural indesmentível.

pp. 1-2 [com transcrição do “formoso discurso do sr. Dr. Agostinho de Campos” e de uma carta de João Franco à comissão promotora de homenagem a João Lúcio, lamentando o facto de não poder comparecer nas cerimónias, textos incluídos em Anexo].

¹¹⁹ In nota explicativa da autoria dos editores do poema de JOÃO LÚCIO, *O Biôco (inédito)*, op. cit., p.1.

¹²⁰ MÁRIO LYSER FRANCO, “João Lúcio e Portugalidade”, in separata do *Correio do Sul*, nº 1771, Faro, 1951.

Neste mesmo ano, Teixeira de Pascoaes escreve a conferência “João Lúcio” (datada de 19 de Maio), afim de ser proferida em Faro, no mês de Junho. Contudo, tal não ocorreu, devido ao estado de saúde de Pascoaes, e a dita conferência só foi publicada na íntegra em 1973, na já citada revista *Brotéria* (vide nota 26).

¹²¹ Cf. IRENE CALLAPEZ, *A vibração musical do Algarve na Poesia de João Lúcio* (separata de uma conferência proferida na “Casa do Algarve” em 19 de Maio de 1962 e inserta na colecção “Estudos Algarvios” da mesma instituição), Lisboa, 1964.

¹²² ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 15.

¹²³ Cf. “Presença de Olhão no Centenário de João Lúcio”, in *Jornal do Algarve*, 7 de Novembro de 1980.

¹²⁴ O olhanense Fernando Cabrita – como João Lúcio –, advogado e também poeta, será talvez aquele que, em Olhão, mais fez por divulgar e projectar o nome de João Lúcio, após Francisco Fernandes Lopes. Cf. FERNANDO CABRITA, “Acerca de João Lúcio, Poeta”, in suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 3 de Maio, 1979, pp. 1 e 3; Id., “O Simbolismo e a poesia de João Lúcio”, in

Desde logo, porque se trata da recuperação, preservação e divulgação de um património afastado do nosso convívio, esquecido e marginalizado. Depois, porque do ponto de vista da História Literária, vem colmatar uma lacuna deixada em aberto pelo não estudo da poesia de João Lúcio no contexto da época que a gerou. Além disso, porque proporciona a todos quantos queiram debruçar-se a partir de hoje sobre a obra do poeta olhanense, uma fonte directa e insubstituível – a própria obra”¹²⁵.

E ainda que nos anos subsequentes se revelasse um ressurgimento do interesse pelo poeta¹²⁶, o certo é que, ao contrário do que se suponha, pouco relevo para o público nacional teve esta reedição local da obra de um poeta que continua esquecido e ignorado¹²⁷, mesmo quando em 2002 houve uma nova reedição, bem mais completa, desta vez pela edição da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, onde o prefaciador e organizador, conhecido estudioso de Pascoaes e da Renascença Portuguesa, António Cândido Franco, decidiu incluir algumas cartas, poesias e prosas dispersas ou inéditas, para além duma marginalia crítica de diversos autores, afim de se contribuir para “o início da lenta e irreversível redescoberta desta poesia que só adversidades de circunstância têm insistido em esconder”, já que ela é “uma das mais significativas da nossa melhor e mais penetrante modernidade poética”¹²⁸.

suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 31 de Maio, 1979, pp. 1-2; Id., “Uma visão objectiva da poesia de João Lúcio”, in suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 30 de Junho, 1979, pp. 1-2; Id., *João Lúcio e a Poesia Simbolista*, op. cit. (reunião de um estudo publicado durante o ano de 1980 em diversos números do jornal *Correio do Sul*); Id., “O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1986.

¹²⁵ FERNANDO CABRITA, “Nota de Abertura”, in JOÃO LÚCIO, *Obra Poética de João Lúcio*, Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão / Comissão das Comemorações do I Centenário do Nascimento do Poeta João Lúcio, 1981, pp. 10-11 [Nesta reedição de 404 pp., foi mantida a ortografia original].

¹²⁶ Cf. FERNANDO CABRITA, “O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 3.

¹²⁷ Facto comprovado pelas raríssimas referências a esta obra, feitas excepcional e quase unicamente por autores locais.

¹²⁸ ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., p. 15. Cf. ainda id., ib., p. 22: “Damos aqui a conhecer um poeta da mais alta estirpe, um agitador de sonhos, que condições adversas e estranhas, de infortúnio pessoal, ocultaram durante muitos anos do público e da crítica. Fez parte de uma constelação superior de poetas que vislumbraram com olhos de águia, no sol ardente e frio da sabedoria, os arcanos preciosos do espírito moderno português e universal; o seu par dentro do grupo foi nada menos que Teixeira de Pascoaes. A luz sombria e oculta que irradia dos versos deste é gémea da que palpita, latejante e luminosa, nos de João Lúcio”.

Ao que soubemos pelo próprio António Cândido Franco, pouca repercussão teve esta última reedição da obra de João Lúcio, excepção feita aos anúncios da mesma em jornais olhanenses e ao artigo anunciante da “Poesia Completa de João Lúcio”, in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 7 de Agosto de 2002, p. 27 [pequena recensão crítica publicada na secção “Livros”].

7. Nota conclusiva

“Poetas que repousais,
À sombra duma cruz,
Debaixo do infinito esquecimento
E das lágrimas do vento...”
*Teixeira de Pascoaes*¹²⁹

E hoje? O que se pode dizer acerca deste poeta? Qual a importância do pensamento poético de João Lúcio? Que sentido tem estudar este poeta esquecido? Qual a razão do seu esquecimento?

Sem se conseguir obter uma resposta clara para estas perguntas, constatamos que, mais do que nunca, mantêm-se actuais estas palavras escritas há cinquenta anos atrás por Francisco Fernandes Lopes: “João Lúcio está pois, pode dizer-se, ainda por estudar, de modo a lhe ser dado o lugar que legitimamente lhe compete na galeria poética da gente da nossa raça e língua”¹³⁰.

De facto, e segundo António Cândido Franco, o esquecimento de João Lúcio terá começado dentro da própria Renascença Portuguesa, onde para além de Leonardo e Pascoaes, ninguém mais terá invocado o nome do poeta olhanense¹³¹. Estranho o será, pois apesar de diversas influências¹³² que tornam a sua poesia, por assim dizer,

¹²⁹ TEIXEIRA DE PASCOAES, “Aos Poetas Mortos”, in *Sempre*, op. cit., p. 175.

¹³⁰ FRANCISCO FERNANDES LOPES, “Acerca de João Lúcio”, in *O Comércio do Porto*, op. cit., p. 6.

¹³¹ Cf. ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., p. 14: “Não recordamos um único dos admiradores de Leonardo e Pascoaes, e não poucos são, que lhe tenha citado o nome e a obra. A situação – invulgar num grupo em geral coeso e solidário – deve-se decerto ao afastamento físico do poeta dos centros onde a Renascença Portuguesa se manteve viva, exilado que sempre viveu na ponta sul do País, e ao seu precoce desaparecimento numa situação de calamidade pública, a pneumónica de 1918, que levou à dispersão do seu espólio, ao desinteresse quase generalizado pelo destino póstumo da sua obra e finalmente ao apagamento do seu rasto na sempre tão disputada República das Letras. Isto, que se lastima num poeta do estalão de Lúcio, era, porém, inevitável em quem não deixava descendência poética directa, nem agrupava em torno de si um círculo activo e exigente de admiradores, com excepção daquele que existia na sua terra natal, Olhão, onde a memória do Poeta acabou por perdurar até aos dias de hoje”.

¹³² Influenciado por algumas temáticas do simbolismo e do decadentismo (Cf. JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, op. cit., pp. 250-251, 256-257), não se deve porém reduzir João Lúcio à circunscrição dessa denominação (Cf. FERNANDO CABRITA, *João Lúcio e a Poesia Simbolista*, op. cit.), dada a sua “posição poética profundamente naturalista”, que extingue a dicotomia entre ideal e real (Id., ib., p. 9), pois o poeta percebe que tudo está em tudo, consciente de que a realidade flui heraclitamente (JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA, op. cit., p. 250).

Outros autores (vide JOSÉ DIAS SANCHO, *A Paisagem, a Mulher e o Amôr nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos*, op. cit., pp. 36-37; FRANCISCO FERNANDES LOPES, “Acerca de João Lúcio”, in *O Comércio do Porto*, op. cit., p. 6), referem as influências de Émile

intemporal, temos que reconhecer que ela é contemporânea do espírito poético da geração da Renascença Portuguesa¹³³.

E se nesse movimento foi e continua a ser ignorado, pode-se dizer que praticamente só em Olhão é que alguém sabe – ou pelo menos já ouviu dizer – que João Lúcio foi um Poeta. E só... Aí, apesar de diversas homenagens e da publicação de diversos artigos sobre o poeta, de forma esporádica, o esquecimento foi dando lugar, nos nossos dias, e pelo menos nas camadas mais jovens, a uma absoluta ignorância sobre a vida e a obra dum poeta local, cujo nome só perdura porque foi dado a uma rua, a um jardim que tem um busto representando o poeta, a um colégio, a uma outra escola e a um *chalet* nos pinheiros de Marim. E mesmo este último, edifício notável, se não único na sua traça, fruto de um exotismo e de um simbolismo estético-poético, esteve desde 1980 (altura em que foi doado pela família à Câmara local, no âmbito das comemorações do centenário do poeta) completamente ao abandono, durante quase uma década, o que levou ao vandalismo e à destruição do seu recheio interior, que teria sido decorado e pintado ao gosto do poeta, como, aliás, a própria concepção arquitectónica do referido *chalet*¹³⁴.

Ora, se não é estranho que, uma vez vivendo em Olhão, João Lúcio tenha sido facilmente esquecido pelo resto do país, sobretudo depois a sua morte, curioso (ou triste) é que, inclusive na sua própria terra natal – onde enquanto vivo era pouco conhecido como poeta, mais muito mais como advogado provido de uma fluente oralidade¹³⁵, político monarca e deputado da ala franquista, presidente da Câmara local (temporariamente) e das principais instituições benemerentes, educacionais e

Zola, o grande mestre do naturalismo e do realismo e de Verlaine, Victor Hugo, Luiz Buchner, Musset, D'Annunzio, autores que marcaram mais fortemente a poesia de João Lúcio.

¹³³ Cf. ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, “Apresentação da Poesia de João Lúcio”, in JOÃO LÚCIO, *Poesias Completas*, op. cit., pp. 21-22: “Um livro como *Descendo*, escrito e publicado na adolescência, contém já em embrião alguns dos propósitos mais marcantes da poesia portuguesa do século que ele abriu, antes de mais, o intento transmutativo do saudosismo, mas também, muito depois dele, a deliberação de *decida aos infernos* de um Carlos de Oliveira. A intemporalidade do sublime que se encontra nos versos de João Lúcio de 1913, que os torna contemporâneos de toda a melhor poesia portuguesa do século XX, deve ser alargada à mais significativa criação poética da Renascença Portuguesa, em particular à de Teixeira de Pascoaes, que é por esta época o Pascoaes mediúnico de *Marános*, do *Regresso ao Paraíso*, de *O Doido e a Morte* e das *Elegias*”.

¹³⁴ Só em 1992 (após a tentativa de criar uma pousada no dito *chalet*, facto que desagradou à família, que doou o edifício mediante a condição de, entre outras actividades, servir para se instalar aí um museu ou um centro de informação sobre o poeta), abriu o *chalet* as suas portas ao público, enquanto Ecoteca. Nesta há alguma informação documental sobre João Lúcio (sobretudo recortes de jornais posteriores à data da sua morte, mas também fotografias e algumas obras sobre o poeta), assim como os livros que publicou, entre outros poucos objectos pessoais.

¹³⁵ Lê-se em jornais da época que as salas se enchiam sempre que João Lúcio ia advogar. Cf., por exemplo, o artigo sobre a estreia de João Lúcio na Comarca de Tavira, no jornal *O Herald* (*Antigo “Jornal de Anúncios”*), Tavira, 22.º Ano, n.º 1154, 19 de Agosto de 1904, p. 3.

recreativas, como a Comissão Protectora do Hospital da Nossa Senhora da Conceição, a Comissão Directora do Corpo de Bombeiros Voluntários e a Sociedade Recreativa Olhanense, que havia sido fundada pelo seu pai¹³⁶ –, mal se deu a sua morte, pouco se foi fazendo para perdurar a sua memória, à excepção daqueles factos que atrás evidenciámos.

É assim face a esta grave omissão, sobretudo enquanto olhanense, que o autor deste estudo vem assim apelar, esperançosamente, para que a revalorização de João Lúcio seja possível – se ainda o for, visto que temos perfeita consciência de que o que não foi feito até hoje –, quando já passaram quase noventa anos desde que o poeta morreu – dificilmente será feito no futuro.

Finalizando, fazemos nossas estas palavras de Fernando Cabrita: “E este trabalho crítico, se outro merecimento não tiver, sirva ao menos para despertar a discussão e o interesse em torno de um poeta tão injusta, cruel e ingratamente esquecido”¹³⁷.

¹³⁶ Cf. ANTERO NOBRE, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, *in* separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, op. cit., p. 8.

¹³⁷ FERNANDO CABRITA, *João Lúcio e a Poesia Simbolista*, op. cit., p. 30.

ANEXOS

TEXTOS DE JOÃO LÚCIO

DISPERSOS E INÉDITOS

(Por ordem cronológica de publicação)

ODIO AO SOL *

A AUGUSTO DE CASTRO, filho

Horas de sol, angustiadas horas em que o meu sonho se enlameia, em que o meu sonho se desfaz e em que a agonia sobe, tumultuada d'ondas, cá de dentro, no intimo, não sei porque, convulsa e asphixiante.

Como eu te detesto, oh sol, como eu te odeio nas gargalhadas de luz que oiço estallar sobre o verde-escuro das folhas pollidas das magnolias, sobre o claro macerado das suas flôres em calice e na violencia das resteas chicoteando a aridez poeirenta do sôlo!

Nasce a manhã vagamente branca, n'esses desmaiados acariciadores de luz, n'esses liquidos de petalas d'açucenas desfeitas, escorrendo, ao longe, no fundo immaculado do horisonte, com os seus risos claros de virgem ingenua, toda frescura, com macios deliciosos d'aroma a subir para o céu vago, para o céu cinza-claro, impalpavel da subtil tonalidade da sua cor serena, e tu vens queimar toda a veludinea doçura d'essa epiderme, crestal-a com a violencia sensual dos teus raios e esfolhar por todo esse vermelho chamejante d'incendio, esse vermelho sanguinado de crime!

E o labutar começa de toda a parte: sente-se o respirar do trabalho, e toda essa ancia e toda essa vida, todo esse resfolgar d'actividade que se intensifica ao maximo, vem pisar-lhe a phantasia, arrojara, a claridade das minhas chimeras, punhados de pó a macular tudo, submergir tudo na mesma nuvem opaca e pulvurulenta, na mesma cinza, morna e suja, e todo esse halito vem suffocar-me, apertar-me, cá dentro, o coração, não sei em que infinita e indizível tristeza; fazer-me a noite no peito, sem me deixar n'esse negro desolado de morte, o salpico claro d'uma estrella.

E detesto tudo então, acho tudo d'uma imperfeição a avolumar-se, quando a tua luz lhe toca; tudo a surgir banal na evidencia brutal dos seus defeitos que revellas, sempre com a mesma gargalhada de fogo aberta, desesperadamente revoltante e cynica.

E fogem-me as affeições, tudo se evapora, tudo se desvanece, abre-se a desolação do vacuo no peito, há como que um cair de neve, com o seu ar arripiante de frio, cá

* Prosa poética publicada por João Lúcio no jornal *O Reino do Algarve*, Tavira, Ano I, n.º 3, 27 de Agosto de 1899, pp. 2-3.

dentro, na aridez d'um coração queimado, de que até o amor fugiu, oh sol, quando tu nasceste, porque eu não posso pronunciar as palavras que elle me ensinou, porque um sopro m'as arrastou para fóra da memoria, porque ouço rir, rir muito, aqui, ali, não sei onde, não sei quem, por toda a parte, em tudo, com o mesmo tom magano de troça, com o mesmo ar frio e chacalhante de motejo.

Como é possível ao teu lado, que o mesmo amor exista, humilde e receoso, fortalecido da meia-phantasia da sombra, com ancias de mais espaço, com os seus voos largos d'illusões, se cada raio dos teus marcou o limite do horisonte e cada revellação das tuas abateu o vôo dos osnhos e mostrou a mentira de cada crença?!

*

* *

Sol és a verdade, mas odeio-te!

Temos deante de nós aquella mullher, que andou sempre pegada á luz das pupilas, vivendo n'ellas e cantando n'ellas, aquella que uma extranha mão atirou para o nosso coração, como uma tempestade atira para a obscura vida do fundo do mar o corpo lacerado de qualquer navio, e em vez de a vermos, como a desejámos, como a acreditamos, como a sonhámos, um ar luminoso, um extranho ether com aroma, alguma cousa de vago e de supremo como a luz, alguma cousa d'infinito como um olhar ou como um perfume, apparece-nos ella apenas, sob a revellação cynica do teu brilho, no fundo illuminado pela tua radiação, uma criaturinha mais ou menos gorda, com curvas abertas, ou linhos espalmados desoladoramente, toda pretenciosa ou toda banal nos seus vestidos torturados de rugas, respirando como vós, suando como vós; emfim o mesmo barro, a mesma lama, o mesmo infimo pó que somos!

E em vez de a suppormos, quando vestida de negro, uma luz a que um pedaço de ceu tempestuado se enrollou, um astro a que veio collar-se um fragmento macio de treva, sabemos porque o mostras, que os pregos do seu manto não nasceram da grandeza d'alguma forte ancia natural, do desejo que agitava as diversas partes da tunica do ceo convulsionado ou da humida treva de tocar mais depressa essa luz, mas sim d'uma escravidão do poema viciado e agrilhoado por duas ou tres linhas sobrepostas.

E quando ella esteja de branco, em vez de a encontrarmos a claridade que sonhámos, a chamma que de noite, vimos, como que uma tunica de luar phosphorecendo ao longe, como que um cahir de neve, luminosa a distancia sob

qualquer reverbero, vemol-a apenas a mesma creatura banal com um ar enfastiado de calor, a procurar em sedas leves um halito fresco para a sua carne incendiada.

Um amor debaixo da fulgencia dos teus raios, um amor debaixo da fulgencia dos teus raios, um amor a abrir, oh sol, sob o esvoaçar pesado do teu clarão, é, para mim, uma cousa horrivel em que há um não sei quê de torpe e de brutal: um incendio em duas carnes, um marulho sujo e violento em dois mares que querem confundir-se na mesma onda negra e revolta.

Disseste-nos a verdade, sol, quando sonhávamos, apagaste na nossa visão dulcissima esse fluctuar de contornos indecisos na penumbra infinita da distancia e apresentáste-a a nossos olhos na rigidez dura das suas linhas solidas.

E depois que o vosso sonho tombou desfeito aos nossos pés, depois que esse pó luminoso de chimeras altas se agitou e turbilhou n'um sopro violento de rajada forte, depois que tudo desabou cá dentro e sentimos, em vez do astro que iamos para tocar, um punhado de cinza morna entre as mãos tu entraste, pela fresta da janella que deixamos aberta, a cantarolar da mesma fôrma, satisfeito até, a tua eterna canção alegre de cynico.

Por isso, quando nasces, tenho saudades extremas da noite, grandes desejos d'essa lucha resignada, d'essa bella paz serena e tranquilla das sombras, d'esse esvoaçar de mysterios, lá muito do alto, ao redor do livido das estrellas, no ar silencioso do ceu adormecido.

Á hora a que escrevo, sol, és apenas um disco ao rez da tarra, uma pequena labareda entre o roxo terroso dos montes, a extinguir-se, a enfraquecer, e dentro em pouco cahirá sobre ti o riso pardo da cinza.

Oh noite – oh meu extremo amor – vem depressa!

OS GRANDES *

Nestes dias serenos e monotonos em que por aqui, por esta bella terra, a estremecer sob um ceu fluido de luz, nós andamos com os braços quebrados para alguma energia maior que os podesse divinizar ou para algum sacrificio que os podesse crucificar num glorioso calvario; nestes dias ôcos que gastamos entre um almoço ligeiro e uma ceia lubrica com reverberos de luz a poisar levemente nos crystaes e faces fanadas de mulheres, a murchar como as flores dos copos com que nos enfeitam a mesa, lá longe, lá muito ao longe, perdido na nevoa da distancia, um grande drama corre, todo sangrento e todo luminoso, com desvairamentos heroicos de epopeia.

Nessa terra, ao longe, alguns grandes corações e algumas vibrantes energias, largas e livres como os horisontes que lhes abrem as suas montanhas, luctam, armas na mão, contra a violencia tyrannica de quem tem a grandeza apenas na constituição robusta dos pulsos.

Mas, embora esse drama do Transvaal tenha de acabar sob a indicação barbara d'esse louco dramaturgo – o Destino, pelo esmagamento de um a raça heroica com a grandeza da sua honestidade a alargar-lhe o coração, para todos os corações largos dessa raça ficarão sempre os grandes da lucta, os homens gigantes d'essa epopeia passada á mesma hora em que nós gastamos a vida, com os ouvidos abertos a toda a infamia rasteira e as pernas cançadas por duas ou tres voltas nas ábas de qualquer jardim.

* Texto publicado no jornal *O Reino do Algarve*, Tavira, Ano I, n.º 12, 29 de Outubro de 1899, p. 1.

PARA A COVA *

Viveu apenas um trimestre o nosso jornal, e n'essa curta vida, n'esses quatro passes rapidos que deu pelas asperezas do caminho, sempre na humildade modesta e amiga da sombra, sem vaidades irritantes que lhe torcessem a mascara de desesperos, ou lhe sujassem a bocca de insultos, foi sempre honesto e foi sempre limpo, sem a macula d'uma parcialidade que o possa enlamear, nem o angulo d'uma deslealdade que lhe faça baixar os olhos de vergonha.

Não trouxe a frente erguida demasiadamente, na postura grotesca dos audaciosos sem valor, nem teve para ninguem o riso farfalhante e secco das troças cobardes, porque a humildade em que viveu forçou o olhar sempre para cima quando quiz vêr os mais, sem que nunca, todavia, o violentasse miserias a afastar diante d'alguem, receioso e humilhado, a honestidade do seu olhar.

Não teve palmas porque as não mereceu, mas tambem não ha um pingo de lama que lhe suje a pureza da mortalha: morre obscuro mas morre bom!

Para aquelles que, n'esses rapidos instantes da sua vida, lhe estenderam as mãos, para os que lhe deram a energia da sua vontade e o conselho do seu exemplo, tem, n'esta ultima hora, o agradecimento simples dos corações singelos e fracos que não podem mandar até aos lábios a emoção que os alarga e que os agita, traduzida n'um chilreamento contente de palavras varias e sonoras.

É no dia de finados, n'este dia de tranquilla e serena tristeza, quando todas as miserias pequeninas das traições quotidianas e todas as amabilidades hypocritas das physionomias vendidas devem esquecer-se para que não venha manchar-se n'essa lama fétida a claridade doce e sagrada do amor pelos que morreram, e n'este angustiado dia em que uma bella sinceridade deve rasgar todas as mascaras, como o tom lugubre dos sinos esfarrapa violentamente a tenuissima cambraia do ar, que eu tenho de dizer por elle duas palavras de reconhecimento para os que lhe foram bons e a affirmação d'um sereno despreso para os que lhe foram maus.

E por mim por todos que nas suas columnas deixámos pedaços do nosso entusiasmo, gritos sinceros das nossas convicções e penumbras chorosas das nossas

* "Epitáfio" do jornal *O Reino do Algarve*, publicado no seu penúltimo número (Tavira, Ano I, n.º 13, 5 de Novembro de 1899, p. 1). Relembre-se que João Lúcio havia fundado este jornal nas férias grandes desse mesmo ano.

amargas tristezas, por nós todos eu exprimo aqui a saudade de quem vae enterrar um pedaço do que viveu, alguma coisa que lhe andou no coração e que d'elle saiu.

Dobram os sinos, e essa tristeza funebre dos bronzes feridos entra pela minha janella, num rolar pesado, e choro no silencio desolado do meu quarto, á hora a que termino este artigo.

Lgrimas por quem?

Pelos que morreram ou por nós que vivemos?

Á TREVA *

Tu que tens visto abrir a tanta namorada
O corpete gentil, que os tens visto mostrar
Lyrios brancos do seio, e fugiste assustada
Muita vez, por supôr que ia nascendo o luar:

Tu que foste beijar com a tua bôca preta,
Com essa extranha bôca em que há tanto velludo:

O cabelo e a face á meiga Julieta,
E p'ra occultar Romeu acarvoavas tudo:

Tu que viste de perto aquella dôr robusta
Que queimou o olhar tão sereno e tranquillo,
Na volta do Candal, á costureira Augusta
– A aurora maior do genio de Camillo:

Tu que ouviste dizer ao Hamlet, em delírio,
Palavras que ninguem consegue escutar:
Que velaste a Jesus a face no martyrio,
E lhe cobriste a cruz onde o foram pregar:

Tu que tens visto a dôr nos grandes paroxismos,
– Essa dôr que se esconde do olhar dos artistas:
Tu que sabes de cór os dramas dos abysmos
E viste assassinar longe das nossas vistas:

Tu que conheces bem o nosso coração,
Porque o tens visto a nú, sem mascara nas dôres:
– Treva que vês d'ormir a miséria no chão
E vês fechar de manso o cálice das flôres:

* Poema publicado no *Heraldo* (Antigo “*Jornal de Anúncios*”), Tavira, 19.º Ano, n.º 1015, 12 de Dezembro de 1901, [Secção “Cancioneiro Algarvio”].

Vem dizer-me o que tens guardado na memoria,
Aquillo que ninguem ainda revellou:
Prende na minha penna o scintillar da Gloria,
Põe na minha palavra o circulo do voo!

MARGARIDA *

Pergunta

Candido, que nome é este
Que boia na tua vida?
Ó Fausto da barba negra,
Quem é esta Margarida?!
A quem pertence este nome
Que tu polues n'estas bancas?
A que sonho cheio de aromas
E cortado em curvas brancas?!
É d'alguma huri ardente,
Mordida de pedrarias,
Atravessando os desertos
Em caravanas sombrias,
Para ir escutar a lenta
Murmuração do luar
Nas solidões azuladas
Do mar?!

É d'alguma favorita
Do teu harém ideal,
Meu sultão exilado,
Fingindo-se advogado,
Mas sultão a final?

João Lúcio

Resposta

Este nome é da mulher
Que brilha na minha vida,
Como sobre a noite negra
Brilha uma estrella perdida.
Com este nome de lenda
Eu enobreço estas bancas,
Enchendo-as de sonho e aromas
E a graça das rosas brancas.
É sim, d'uma huri ardente
Que é linda sem pedrarias...
Ella guia no deserto
As caravanas sombrias
Dos meus desejos mais altos
Que as regiões do luar,
E mais inquietos que as ondas
Do mar.

Ella é mais que favorita:
É a sultana ideal,
E eu seu escravo exilado,
Fingindo-me um advogado,
Mas seu escravo, a final...

Candido Guerreiro

* JOÃO LÚCIO e CÂNDIDO GUERREIRO, "Margarida", in *O Herald (Semanário Republicano Democrático)*, Faro, Ano V, n.º 327, 30 de Abril de 1916, p. 2.

Desconhecendo "se ainda são inéditos ou se já terão sido porventura publicados em algum jornal", FERNANDO CABRITA já havia incluído estes poemas na sua obra "O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)", in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1986, pp. 9-11. Porém, decidimos aqui transcrevê-los pois contêm algumas variantes em relação àqueles já publicados por Fernando Cabrita, que havia encontrado estes versos "entre diversos papéis de António Henrique Cabrita e é uma curiosa conversa poética entre João Lúcio e Cândido Guerreiro. A cena que lhes deu origem ocorreu no princípio deste século, durante uma audiência de julgamento no Tribunal de Loulé. João Lúcio e Cândido Guerreiro, ambos poetas e recém-formados advogados, acabados de chegar de Coimbra, sentavam-se lado a lado na mesma banca da teia. Cândido Guerreiro estava na altura enamorado de uma rapariga de Vila Real de Trás-os-Montes, de nome Margarida, que mais tarde veio a ser sua esposa. Nessa data, porém, ainda essa sua paixão era um mistério que só ele conhecia. Enquanto o julgamento decorria, Cândido Guerreiro, abstracto e com o pensamento em outras paragens, escreveu algumas vezes na folha de papel almaço que tinha na banca à sua frente o nome MARGARIDA. João Lúcio, intrigado, ia assistindo àquela escrita inconsciente. Quando o colega iniciou o interrogatório de uma testemunha, João Lúcio agarrou no papel e escreveu nele, a lápis [a pergunta]. E voltou a colocar o papel em frente ao seu colega. Quando acabou de interrogar aquela testemunha, Cândido Guerreiro atentou na folha de papel almaço e leu o escrito de João Lúcio. E enquanto prosseguia no interrogatório de outros intervenientes no processo, Cândido Guerreiro foi rabiscando a resposta".

JOÃO LUCIO

VERSOS INÉDITOS *

Ao encarar com a insinuante figura do malogrado poeta, a qual, a proposito do seu livro posthumo «Espalhando Phantasmas» vem nitidamente estampado no 1.º numero do «*Correio Olhanense*» sugeriu-me, agora que novamente tanto se fala de seus livros, dar publicidade como passatempo, a uns versos inéditos do grande poeta, feitos em resposta a outros por ocasião d’uma aposta. Eu conto:

Em Novembro de 1905 estava no poder um ministerio progressista presidido por José Luciano de Castro e por essa ocasião muito se falava na questão dos tabacos e sobrescritos, – uma treta de que a opposição parlamentar lançou mão para derrubar o governo – e acaloradamente se discutia o caso a ponto de os apaixonados verem a iminencia da queda do governo.

João Lucio era dos que previa a derrota dos progressistas, por causa d’aquella célebre questão, e por isso afiançava que até 31 de Dezembro d’aquelle anno o governo baquearia.

Eu desempenhava, então, o cargo de administrador d’esto Concelho [de Olhão], e como era natural e logico, defendia o governo e afiançava que por tal motivo ele não cairia até ao fim do anno. João Lucio propôs a aposta d’uma caixa de charutos e eu aceitei a aposta.

Decorreram os dias até 31 de Dezembro de 1905 e o governo progressista não caiu. Estava ganha a caixa de charutos havanos.

Na tarde d’esse dia mandei-lhe um bilhete de visita no qual ia escrito o seguinte, cuja copia tenho presente:

* Texto de João Machado Gonçalves, onde se inclui um poema inédito de João Lúcio, publicado no jornal *Correio Olhanense*, Olhão, ano I, n.º 2, 2 de Dezembro de 1921.

Como o autor refere, este texto segue-se à noticia da publicação do livro póstumo *Espalhando Fantasmas*, neste mesmo jornal, no seu primeiro número (um dia antes, num artigo de Francisco Fernandes Lopes, que ainda transcreveu o poema “O Íbis de Ouro”, incluído nessa obra). Decidimos aqui incluir todo o texto de João Machado Gonçalves, dado que só com a sua precedente explicação se pode perceber o conteúdo do poema, que mostra uma faceta menos conhecida do poeta, a do seu humor (faceta, aliás, bastante revelada na obra de FERNANDO CABRITA, “O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1986).

«Sabendo da resolução inabalável de V. Ex.^a em me mandar a caixa de charutos proveniente da aposta, vem por este meio desonerar V. Ex.^a de tal cumprimento, dando-a como já recebida e envia-lhe um afectuoso aperto de mão acompanhado do desejo que tem, de que tenha muito boas festas e um novo ano cheio de felicidades.»

E para excital-o a dar-me qualquer resposta em verso, mandei no mesmo sobrescrito onde ia o bilhete, os seguintes versos, os quaes se não são *de pé quebrado* para lá chegam:

Então! Perdeu sempre a aposta?
Olhe: A gente muito gosta
De ganhar... seja o que fôr;
Porem n' esta ocasião,
A minha satisfação
Se perdesse era maior.

Logrando o que tem em vista
– Ver o partido franquista
Ao ministério ascender –
Ficava desiludido!...
Inf'lizmente o seu partido
Não irá lá ao poder.

E, assim desenganado,
Do franquismo desligado,
A que partido ia ter?
Antes fosse ao progressista
Qu' esta *coisa* de franquista
Não vejo razão de ser.

Emfim... João Franco, um dia
Talvez sacie a mania
De pôr-se, lá, de poleiro;
Mas, isso é admitido
Quando se tenha esquecido
A lei treze de Fev'reiro.

Não cai, assim, um governo,
Porque um partido hodierno
Em vãs campanhas se lança;
Cahirá, sim, quando um dia
El-Rei (ou a maioria)
Lhe retire a confiança.

Até lá não mais aposte
Em coisinhas que o desgoste
E lhe tragam desenganos;
Pois se n' isto se entreter

E apostas mais fizer
Perderá muitos *Havanos*.

Amigo e respeitador
Desejo ao Senhor Doutor
Bons e novos muitos anos.

A resposta não se fez esperar muito. No dia 1.º de Janeiro, pela manhã, um criado batia-me á porta e entregava a carta que aqui tenho presente e uma caixa com charutos a qual ainda conservo.

A carta trazia o seguinte bilhete de visita:

João Lucio

«Desejando ao seu Excelentissimo amigo festas muito felizes e um novo anno cheio de venturas, pede licença para manter a inabalavel resolução de marcar a sua derrota com a modesta oferta d'esta caixa de charutos, tão insignificante, mas tão symbolica.»

E n'uma larga folha de papel de officios vinha o que se segue:

A RESPOSTA

Ao seu Excelentissimo amigo João Machado Gonçalves

Non, l'avenir n'est à personne!
Sire! l'avenir est à Dieu!
A' chaque fois que l'heure sonne,
Tout ici bas nous dit a dieu.
Hugo

Perdi a aposta ; é certo,
E se o futuro, encoberto,
Ao longe, ninguem alcança,
Já se pressente um clarão
Que anuncia a redenção
E vem erguer a esp'rança.

Diz-me essa claridade
Que não pode ser verdade
Compadre Zé Luciano
Aguentar a barçaça,
Que pra o naufragio e desgraça
Vae correndo a todo o pano.

Já se forma o temporal
Que, justiceiro, colossal,
Mergulhará, no abysmo

A barcaça escavacada
E bandeira, esfrangalhada
Do Pedro Sem – Progressismo.

Este triunfo de agora
E, apenas, a demora
Que se dá aos condenados,
P'ra pedir inda uma coisa,
Quando já se abre a loisa
P'ra onde vão ser atirados.

Entre as sombras do futuro,
Com rumor sinistro e duro,
Ergue a fôrça as linhas alvas...
Ai! Partido progressista,
Ou muito se ilude a vista,
Ou em breve, estás nas malvas!

Quem te há de ver pendurado,
Penduradinho, coitado,
Quando romper a aurora,
Soltando os ultimos gritos
Enforcando em sobrescritos
E de linguinha de fora!!

Iremos os dois, amigo,
Ver o tremendo castigo
Que o seu partido vai ter.
Trezentos wagons imensos
Carregarei eu de lenços...
Pode chorar a valer!

Mas antes que chegue a hora,
Em que apareça a aurora,
Que a esperança antegosta,
Vou desvendar-lhe a razão
Porque n'esta ocasião
Eu perdi a nossa aposta.

Pois se eu apostei charutos...
– Ai! Pae do Ceu que minutos
De irreflexão e olvido
No calor d'esse cavaco! –
E em questões de tabaco
Ganha sempre o seu partido.

(a) João Lucio.

Já lá vão quinze annos e ainda me recordo, como se fosse agora, das amistosas impressões que trocámos quando depois, nos encontrámos!

Meu bom, infeliz e saudoso amigo, cada dia que passa mais se sente a grande falta que ficaste fazendo aos teus, a inumeraveis amigos e principalmente á terra onde nasceste.

[QUADRA AOS OLHOS DE UMA PRIMA] *

Deus criou o sol num dia,
No outro fez o luar;
Mas p'ra fazer os teus olhos
Levou um ano a pensar!

* Título nosso de uma quadra escrita quando João Lúcio ainda estudava em Coimbra, publicada postumamente por Francisco Fernandes Lopes (*in* página literária do jornal *O Comércio do Porto*, 26 de Abril de 1955), que se casaria (em 1915) com a visada, Raquel Pousão do Ó Ramos, sobrinha de Henrique Pousão e da mãe de João Lúcio, e assim, prima-irmã do poeta.

Refere Francisco Fernandes Lopes, no citado artigo, que esta quadra é “bem sintomática da sensibilidade e imaginação de João Lúcio, [e] fora-lhe inspirada por uma sua prima-irmã que tinha de facto uns olhos maravilhosos. [...] Tão interessante me parecera esta quadra que mais tarde a musiquei, tendo aparecido assim publicada, com absoluta surpresa minha, no n.º 2 da revista *Eva*, em 16-5-1925!...”

ACRÓSTICO *

Imagem bela da rosa,
Deusa querida do meu amor,
Adoro-te assim, mariposa
Libando a essência à flor.
Igual és à mais formosa.
No teu olhar cheio de calma
Acha alívio a minha alma.

* Poema nunca incluindo em livro, publicado por Francisco Fernandes Lopes (no artigo “Inéditos de João Lúcio”, in *Correio Olhanense*, Ano X, n.º 164, 17 de Julho de 1958, pp. 1-2). Para além deste, surgem aí mais dois poemas inéditos, “Remoque” e a quadra “Ó meu querido S. Pedro...” (já publicados na obra de FERNANDO CABRITA, *João Lúcio e a Poesia Simbolista*.).

Adianta Francisco Fernandes Lopes que estes e outros poemas inéditos teriam sido a si confiados pelo grande amigo de João Lúcio, Lourenço do Ó (mais conhecido pelo nome literário de João Capuz), e como ele próprio diz: “Ignoro em absoluta quem seria a acrosticada *IDALINA*, porventura alguma apaixonada moira encantada da *banda de levante*... Se ela vive ainda – quase octogenária já, talvez nos possa revelar o seu segredo”.

**OUTROS TEXTOS
DISPERSOS E INÉDITOS
SOBRE JOÃO LÚCIO**

(Por ordem cronológica)

[CARTA DE HONORATO SANTOS A JOÃO LÚCIO] *

Meu Caro João Lucio

As minhas impressões sobre o teu sumptuoso palacio são na verdade agradabilissimas [,] meu velho amigo.

Dentro d'aquele encanto maravilhoso, não trivial entre nós, qualquer visitante estranho julgar-se-há conduzido a um templo magico onde a vara miraculosa das fadas do outro tempo, fizeram aparecer encantos sublimes, magestosa produção unicamente patenteada á luz [vi]vificante do dia por um espirito culto e elevado que evolucionando no belo, no perfeito, no prodigioso e no poetico, sôbe lembrar para aquele ninho encantado de Marim, tudo quanto uma alma precisa para poder viver num sonho delicioso, suave e cheio de rosas e amor!...

E assim nesta forma de ver, positivamente crente na possibilidade de ver cumpridas as fantazias profeticas e imaginarias dos “contos de mil e uma noite”, eu ali passei alguns momentos deliciosos plenamente enlevado no primor da arte com que aquela mão de senhora, certamente fada preferida, joga e recebe rosas, cravos, miosotis e violetas d'aquele que é o seu sonho permanente, a sua ambição, a sua vida, o seu amor!... Um primor, um puro edilio, simbolo carinhoso de uma alma sã, nobre e magnanima como é a de um homem que possui o teu nome, meu caro João Lucio.

Perante toda aquela monstruosidade de encanto, (permita-se-me a frase) numa prateada noite de luar, sobe a brilhantissima sintilação das estrelas e ao som melodioso de um violino, de uma arpa ou de um armonium, certamente não haverá coração que não palpite, que não se manifeste cheio de amor cristalino e arreigado!!...

A vida ali passa correndo sem peso!... Martirio não existe para ninguem!... Só se deve viver ali naquele ninho de amor num sonho encantador, no meio de melodias suavissimas, no meio de pura poesia, esquecendo a mesquinhez dos atrativos rotineiros que rodeiam, envolvem mesmo num abraço redutor todo o ser humano da actualidade.

Aqui tens meu caro João as minhas impressões sobre o teu palacio de Marim.

[...]

Faro 13-XI-917.

Honorato Arthur Pires Da Silva Santos

* Carta onde o autor descreve ao seu amigo João Lúcio as suas impressões sobre o *chalet* de Marim. A cópia deste manuscrito pode ser encontrada no referido *chalet*, onde actualmente se encontra instalada a Ecoteca de Olhão.

HOMENAGEM A JOÃO LUCIO

HOMENAGEM
A
JOÃO LUCIO

O Monumento que vamos erguer no Teu Algarve consagrará na alvura das suas pedras a Tua alma imaculada de Poeta e o teu diamantino coração de Portugal!

A
A tua Memoria Saudosa!
A tua Gloria Imortal!

A COMISSÃO

UMA CARTA DE ALFREDO PIMENTA

Carissimi e amei João Lucio. do não chegou a tomar posse
He xisto anos, lamma apossa da sua cadeira, porque a uo-
tados em as outro na doas e te seu busculo, curmenta, de
feliciera Coimbra do nosso tanta gentileza e do fio inte-
tempo. No seu quarto pequo rezamos manerai. Cuides e
no e simples que fala um lamed João Lucio. Conheço-o,
larga ramada, donde, por de porque o destino nos aproxi-
ma de velados e quintos, de meu. Acres e, porque foi a u
ruas e cores, se via a lito o grande poeta, um singular tem-
encia e espelhana do Mente: peramento do poeta, uma das
go enlaçado e puangem lito, mais subite sensibilidade de
ritmada de Santa Clara, em Poeta, do meu tempo.
tantes lumbros e em nozes. A sua manso teve os capti-
tranquilas, onsi-lho ou diere e elas que só as musas dos
cantar, na sua voz de lito- grandes Poetas têm. li a sua

Por isso, emo grande poeta
foi devidamente em grande
Fidélis Sombra, no poeta viera
que se cabido de os a les na
o uoante, por talha em luma
colera a dos lito alambicada,
pocencia e na lito, ce larmonia
de de mais para poder completar
a glorios assumpo, noval o que
lerna, tradoze para e para nesto
o seu cometero creatura. Mas,
uma aquilo que, como em me-
lito, condereca e amara, de
que ele se lito ainda usou e que
sobretudo, o parte do sentimento,
ortante para podemos afirmar
que se a lito prima de seu cido
de a lito coiza, a lito prima de
ma, poron, lito na lito.

Enho, 7 de lito
Augusto de lito

POETAS MORTOS

A lito, lito lito e lito, lito
moneta, de lito, lito lito

Reprodução parcial da primeira página da folha de jornal
donde se extraem os seguintes textos

UMA CARTA DE ALFREDO PIMENTA

Conheci e amei João Lucio. Ha vinte anos, fomos apresentados um ao outro na doce e feiticeira Coimbra do nosso tempo. No seu quarto pequeno e simples que tinha uma larga varanda donde, por cima de telhados e quintais, de ruas e tórres, se via a fita placida e espelhenta do Mondego enlaçando a paizagem moribunda de Santa Clara, em tardes luminosas e em noites tranquilas, ouvi-lhe eu dizer e cantar, na sua voz de timbre encantador, os versos que mais tarde haviam de formar o volume *Descendo*. E tambem eu lhe dizia os meus versos pouco menos do que infantis... E assim, para nós dois, as horas passavam esquecidas e adormecidas...

Depois, a vida levou-nos para pontos distantes – mas os nossos espíritos não se esqueceram, e as nossas amizades não se perturbaram. Anos volvidos, o Acaso juntou-nos em plena Lisboa, – chegava João Lucio de Veneza e de ter sofrido a magia do Mediterraneo. Trazia nos ouvidos o rumor hesitante das gondolas passando iluminadas nas agoas dos canais romanticos, e trazendo nos olhos as imagens gentis das mulheres-sereias do Adriatico.

E fiquei-me a ouvil-o, alli, no Chiado, descrever as suas impressões. Passaram o stemos. E a política levou-nos juntos a S. Bento. Mas João Lucio não chegou a tomar posse da sua cadeira, porque a morte veio buscal-o, ciumenta de tanta gentileza e de tão interessantes maneiras. Conheci e amei João Lucio. Conheci-o, porque o destino nos aproximou. Amei-o, porque foi um grande poeta, um singular temperamento de poeta, uma das mais subteis sensibilidades de Poeta, do meu tempo.

A sua musa teve os caprichos que só as musas dos grandes Poetas têm. E a sua Arte teve imagens que só os fadados dos Deuses conseguem imaginar.

Pede-me V. Ex.^a algumas linhas sobre João Lucio. Aqui as tem e muito sinceras. Bem quizera eu traçar-lhe em frases d'ouro o perfil fino e excelso, de desenhar-lhe em sombras de tintas transcendentas, a imagem querida. Mas andam muito inquietos os meus nervos, e muito rude o meu buril, e muito empastado o meu pincel, e muito agreste a minha voz.

Desisto, pois, do meu desejo, e termino com a afirmação de que todas as homenagens que o Algarve das amendoeiras e dos mares lutadores fizer a João Lucio são bem merecidas e despertam o aplauso muito sentido de todos aqueles que o conheceram e amaram.

Alfredo Pimenta

A MINHA HOMENAGEM

É com verdadeira devoção que presto á memoria de João Lucio a homenagem da minha admiração, do meu respeito e da minha saudade.

Conheci-o quando ele, bem moço ainda, recentemente sahido da Universidade que honrara como estudante, veio á Camara representar o partido em que eu tinha a honra de militar tambem. Apreciei-lhe o brilho de talento, a correcção fidalga de porte, a transparencia diamantina de character.

Não leio muitos versos, porque entendo, com La Bruyère, que a poesia mediocre é das coisas mais insuportaveis do mundo; e a boa poesia é rara de encontrar na avalanche de livros metrificados que saem constantemente dos prélos.

Mas li, por curiosidade, o primeiro livro de João Lucio: de ahí em diante li, como admirador sincero, todas as suas obras. Reflectem-se nelas, objectivamente, toda a luminosidade e toda a exuberancia do Algarve; subjectivamente, todas as altas, indefinidas e ideaes aspirações d'aquella nobre alma.

Era um grande poeta, um grande amigo, um portuguez exemplar e, o que é mais, um perfeito e cavalheiresco homem de bem.

O Algarve, honrando-o, honra-se a si mesmo, n'uma das figuras mais encantadoras da sua vasta galeria de homens illustres.

Ayres d'Ornelas

Á MEMORIA DE JOÃO LUCIO

O Algarve produziu um Poeta que na frase justa de Antero de Quental, é o irmão gêmeo de Camões – João de Deus. Em versos dêle também o ritmo e a côr da provincia natal se adivinham, por exemplo na fala de Salomão, na *entrevista* do *Cantico dos Canticos*, onde dir-se-ia que ficaram o perfume e a graça do campo florido de amendoeiras. João Lucio, cuja memoria recordo com uma simpatia em que revejo o antigo camarada de Coimbra, cantou *o seu Algarve* com uma paixão e um sentimento que o colocam entre os mais belos poetas regionais portugueses. O seu lirismo é ardente como o sol da sua Terra, e, ás vezes, propenso á declamação, embora sincero sempre. Glorificando-o, o Algarve pratica uma obra de beleza e de piedade que lhe faz honra, e que nós, de longe, devemos comovidamente aplaudir. A gloria que lhe tributam é uma retribuição do amor que ele lhe teve. E num paiz em que tantas vezes foram glorificados em vida e em apoteoses mediocres ou ferozes tantos homens calamitosos ao bem da Patria, é consolador ver que se coroa de loiros a memoria honrada e ilustre dum homem que teve bondade, character e talento.

Afonso Lopes Vieira

JOÃO LUCIO

João Lucio foi um grande poeta da Inteligencia, como o foi Antero. E foi também um nobre poeta do Ideal. Nenhum merito póde, mais do que este, nesta hora de tristes materialidades, honrar a excelsa memoria do meu querido amigo, de tão alta e admiravel espiritualidade. Essa é a melhor lição da sua obra – e da sua vida. Viveu por si – e para si, sem nada sacrificar de si proprio ás transigencias da popularidade ou da vaidade.

A sua poesia foi uma inquieta e suprema interrogação á Verdade, á Dôr, á Beleza. A sua Alma passou, interrogando e cantando o misterio e o sofrimento das coisas, a graça e as lendas da sua terra, o sonho e as lagrimas. A eloquencia da sua palavra e da sua musa foi feita desta anciedade magnifica de conhecer e de amar. E se a nossa vida vale sobretudo pela grandeza ou pela mesquinhez dos pensamentos de que a povoamos, este magnifico creador de imagens e evocador de ritmos, com o sol do Algarve nas veias e a vastidão do mar nos olhos de visionario, nunca nutriu o seu espirito, nem fez vibrar a sua lira por um desejo, um estimulo ou um sentimento que não fossem dignos do hino magnifico á Verdade, á Luz e á Bondade que o seu coração acordou a cantar e a cantar ficou até á morte.

Por isso, esse grande Poeta foi simultaneamente um grande Homem. Sómente, se o poeta viveu o bastante para talhar em bronze o seu nome, o homem morreu cedo de mais para poder completar a gloriosa ascenção moral a que o seu character o destinava. Mas, para aqueles que, como eu, melhor o conheceram e amaram, do que ele foi ficou ainda assim lição bastante para podermos afirmar que se a obra prima da sua vida foi a sua poesia, a obra prima da sua poesia foi a sua vida.

Lisboa, 7 de Junho

Augusto de Castro

POETAS MORTOS

A vida, tão linda e adorada, tem momentos de fel, páginas escritas com sangue e lágrimas.

Há famílias sobre as quais pesa uma tremenda herança e outras erguidas, inopinadamente, no pedestal da Fortuna.

Famílias há, bafejadas pela sorte, cujos filhos caem varados por balas; outras, cuja bondade é manifesta, os filhos tombam de improviso ao contacto de uma epidemia.

A vida é assim, sábios, filósofos, idealistas, materialistas, compassivos ou facinoras.

O doutor João Lucio, poeta e orador de relevo, caiu tocado pela vaga sinistra da pneumónica, como quinze anos atrás caíra também fulminado pela meningite o Henriquinho, seu irmão mais novo, vivo, ineluctante, e que eu conheci nos ridentes alvares dos dezasseis anos, sob um sol canicular, em Portimão, onde veio colher o germen fatal da doença... no primaveril dia 15 de Fevereiro de 1903!

É o terceiro poeta morto sobre o qual me convidam a escrever. Colaborei na homenagem a Garrett e na sagração a Manuel Alves, o «Poeta Cavador», e agora tenho de colaborar no festival a João Lucio, morto no amago da sua maturação intelectual.

É um dever consagrar os que nobilitaram – falando, escrevendo ou agindo – a raça humana, o sangue do povo e a alma da Patria.

Também João Lucio – o volutuoso artista ! – colaborara naquelas duas consagrações postumas, e fizera-o de uma forma bizarra.

É desagradável tratar com os mortos?

Não. Eles não nos ofendem nem nos enganam como os vivos! São visões amigas que acompanham a nossa existencia, miragens enternecidas que nos seguem silenciosamente na sombra...

Eu estimo os mortos e tenho por eles – sem pavor o digo – uma imensa, profudissima e inalteravel simpatia.

João Lucio deslisou pela terra projectando uma luz intensa no horizonte cerrado do nosso tempo. Foi bom e foi justo, trabalhou, sofreu, amou, fazendo da Vida em cantico celeste e da Mulher uma esperança radiosa.

Divinizou o mar, o firmamento, os campos, as flores, tudo enfim o que a Natureza contém de belo, altivo e independente.

O Algarve viu-o desaparecer, sucumbir de chofre; o Algarve que ele embalou de lés a lés na cadencia dos seus alexandrinos, relembra-o na triplice harmonia do Caracter, de Bondade e do Talento, trindade pura e rara nesta pervertida faisca de Portugal.

No «Descendo» – o livro d’uma creança de vinte anos – perpassa, sobretudo, o poeta do Sentimento, o fluido magnetico do Desconhecido e as emoções da sua alma Piedosa vibram com os seus nervos de requintado: gosava e sofria, sonhava e morria... neste agridoce destilar de energias que é o Calvario perpetuo de todos os Cristos e Poetas!...

A geração pacifica que trata de canonisar João Lucio, o poeta rico, direi simplesmente o que então transmiti à geração revolucionaria que canonisou Manuel Alves, poeta pobre:

Transforma-lhe em alvorada
O seu poema de dores;
Beija-lhe a terra sagrada,
Cobre-lhe a campa de flores!

Marcos Algarve

AOS 38 ANOS!

Penso que João Lucio morreu aos 38 anos; e que aos 38 anos: – Platão ainda não fundara em Athenas a sua «Academia», nem escrevera talvez nenhum dos seus divinos dialogos; – Vergilio, embora já auctor das «Bucolicas» e das «Georgicas», ainda apenas começara a religiosa «Eneida»; – Dante, mal sahido da «selva escura» iria em começo da descida «tra la perduta gente»; – Petrarcha, embora cingindo já a poetica corôa de louro, não déra ainda a mais bella canção patriotica da Italia; – Camões não acabara «Os Lusíadas»; – Racine sepultava-se no seu casamento, d’onde só tardiamente ressurgiria em «Esther» e em «Athalie»; – Goethe, em viagem pela Italia, mal vinha de se retemperar nas fontes do classicismo para a metamorphose hellenica, e nem por sombras deixava ainda pressentir a derradeira metamorphose, mais maravilhosa, a de «O Divan do Oriente occidental»; – Schiller tambem ainda se não tornara o classico, o grande mestre da arte dramatica allemã, com o «Wallenstein», a «Jungfrau» e o «Wilhelm Tell»; – Heine déra já, é verdade, o delicadissimo «Intermezzo», mas não ainda os melhores d’entre os seus «Novos poemas», nem a prophetica «Germania», nem o subtil «Romancero», nem os «Ultimos poemas»; – Hugo, apesar de tudo, ainda tateante, entrara justamente no silencio d’onde sahiria somente 13 anos mais tarde, dando então toda a medida do seu génio, com «Les Châtiments», «Les Contemplations» e «La Légende des Siècles».

.....

Quando Ricardo Wagner morreu – (notou-o D’Annunzio em «Il fuoco») – «*il mondo parve diminuito di valore*».

O nosso pequeno mundo – o Algarve – não parece igualmente ter diminuido de valor, desde que João Lucio morreu?

Fernandes Lopes

A BONDADE DE JOÃO LUCIO

Cinco ou seis mezes depois da morte do Poeta, encontrei-me, na rua, com o Simão Francisco, velho e modesto empregado da sua casa.

- Então Simão, perdemos o nosso bom amigo?
- É verdade, senhor. Foi-se, para sempre... aquele anjo!

E a palavra «anjo» que exprimia, para o pobre homem, o limpido conjuncto de todas as perfeições e bellezas, veio envolta num convulso e alto soluço, que lhe sacudiu o corpo alquebrado e pequeno...

*

Decorridos poucos dias ouço, num estabelecimento, Justino Chaves declarar, com intensa magua:

- Vejam vocês a brutalidade do destino!... Não era bem melhor ter marchado eu, que pouca falta fazia, e ter ficado Elle que tanta falta ficou fazendo?

E o opulento lavrador, animo rijo e desassombrado, tinha os olhos razos de lagrimas....

*

No primeiro aniversario do passamento do grande advogado, foi celebrada uma cerimonia funebre na egreja de Olhão.

Emquanto as vozes graves e solenes dos sacerdotes reboavam pelas abobadas do templo, na tristeza dos cantos liturgicos, foi a minha attenção despertada por um homem grisalho, que levava, a miudo, o lenço aos olhos vermelhos, chorosos... Impressionou-me, devéras, o fundo pesar d'aquela desconhecido!

Vim a saber que era um antigo procurador duma comarca algarvia!

*

O Luiz Simplicio tem a lingua desenvolta, por vezes, áspera, é pouco dado a sentimentalismos e possui uma ourivesaria onde o brilhante orador ia conversar quasi todas as noites. Em setembro passado, entrei na loja e vi, na parede, uma grande

photografia de João Lucio. Ao fitar, demoradamente, aquelle rosto tão fino e tão querido, Simplicio esclarece:

- Que quer? Já não o tenho cá, de noite, para o ouvir, quero tê-lo, ali, de dia, para o vêr!

E a sua voz entaramellava-se numa angustia visível e duas grossas lagrimas rolavam-lhe, vagarosamente, pelas faces...

*

* *

Ao entardecer dum luminoso dia do ultimo inverno passeava eu, na Avenida da Republica, com o Lazaro de Oliveira, quando, numa volta, este pára e falla com um rapaz desembaraçado, esperto, que trazia na botoeira do casaco qualquer coisa pequenina, luzente...

Perguntei ao meu amigo quem era.

- Não conheceu? É o Gaspar, o cocheiro de João Lucio. Veio da da America. Quando lhe fallam do patrão chora como uma creança. Não viu, no casaco, o retrato do João, em moldura de metal?

Era aquella coisa pequenina, luzente, que a minha myopia não conseguira perceber...

*

* *

No serão d'arte realizado, há pouco, na «Recreativa», Ivo Cruz, a radiosa esperança da musica portuguesa, tocou, primorosamente, duas composições suas, inspiradas por versos do glorioso algarvio.

Momentos depois, Fernandes Lopes, o erudito eminente, que nessa noite lera um magnifico estudo (o melhor que conheço) «sobre o poeta João Lucio», foi encontra-lo, num pequeno gabinete, muito lacrimoso...

Sobresaltado, inquiriu.

O Jovem artista respondeu comovidamente.

- Não me posso lembrar de João Lucio que não me dê vontade de chorar...

*

* *

Ah! Meus amigos, que estranha magia, que supremo encanto deixou na terra esse fúlgido e gentilíssimo espírito de João Lucio, para que, apesar da sua morte já distante e d'uma epocha a porejar tanto egoismo, assim esteja sempre debruçada, sobre o seu nome, triste e pura, a linda flôr da saudade e para que assim funda, na mesma emoção de carinho e dôr, individuos de tão diversa condição, idade, fortuna, cultura e sensibilidade!...

Estou em crer que, no suave e penetrante encantamento, entrou, por muito, essa delicada, essa incomparavel, essa imensa bondade, que fez de João Lucio um singular feiticeiro d'almas!...

João Capuz

A MORTE D'ALGUEM

A ultima vez que o vi foi em Tavira, num adormecido hotel da cidade adormecida...

Ouviu-me sôbre os meus planos literarios, estimulando, carinhosamente, êsses trabalhos e contou-me da sua obra inedita e em preparação. Falou-me do seu livro de viagens dizendo – como êle só sabia dizer – versos em que cantava as lindas cidades mortas, paisagens extranhas, preciosas mulheres – tudo que seus olhos tinham visto, atrvez do vitral a sua fantasia, da impressionabilidade da sua alma – tudo isso que o seu sonho constante resuscitava, que a sua palavra musical coloria.

Ninguém, como ele, falou de certas andalusas em cujo penteado negro, armado em castelo, flutuavam negras mantilhas de renda – flamulas de amor e de paixão...

Ninguém, como êle, me descreveu o imponente cenario de certas cidades e Ducados de Viena de Austria – com suas ruinas feudais, sumptuosas escadarias de finos marmores que o luar colgava de prata, em horas de misterioso encanto...

Foi nessa noite – que amarga tristeza recordar! – que êle me falou do seu livro «*Espalhando Fantasmas*» - bem longe de supôr que, em breves dias, fôsse tambem... um fantasma – o lindo fantasma que a nossa saudade chama, mas que a nossa amorosa dôr não ressuscita!

Eu estava longe quando êle morreu; recebi a noticia da sua morte, com amargurada surpresa – reli os seus versos, entre lagrimas, no dia, á hora do seu enterro.

Não se admirem das minhas lagrimas, nem supônham exagero a minha Dôr!

Os olhos servem para ver e para chorar – há olhos que nunca viram, mas não os há que não tivessem chorado!...

João Lucio foi um grande artista, um formôso poeta; mas o grande, o maior poema da sua vida foi a delicadeza do seu espirito, a bondade da sua lama.

Desde que um dia, com Federico Castro, êle entrou em minha casa a oferecer-me a sua obra, nunca mais a sua generosidade descançou em provas gentis a meu respeito.

Uma hora bateu na minha vida, em que a politica – por quem hoje tenho o mais ativo desdem – pretendeu ofender-me bem injustamente.

Dentre todos que a meu lado senti, João Lucio foi quem mais bizarramente me ofereceu a sua solidariedade!

Coisa extraordinária! – êle que militava, politicamente, num campo extremamente opôsto, enviou-me palavras consoladôras, estendeu-me as suas mãos, senti no seu olhar mais lealdade que em muitos que acamaradavam comigo e me deviam serviços...

Ha coisas que se não esquecem – eu não posso esquecer este homem, nem recordar a sua morte sem uma perturbação infinita, uma opressiva magua!

É que poetas há muitos – mas na vida comum êles confundem-se com os outros homens e como estes cometem injustiças, maldades que não dizem bem com a sua arte. É que lhes falta a alma – essa generosa alma que sobrava em João Lucio!

Mas agora reparo que não falei, como devia, do Poeta: nem exaltei seus lindos versos ungidos de luar, namorados das estrelas, cantores da neve, das espumas – versos molhados de perfumes de jasmim, de rosa, de lilaz...

Nem evoquei a sua palavra tão elegante, em que palpitava a graça ateniense e, ao mesmo tempo, tinha uma sombria perfeição temperada da Roma dos tribunos – palavra quente, em ondas de musica esteziante, ou erguendo-se em jactos graciosos – como a agua dos lagos, nos repuxos – para depois cair numa chuva de cristais desfeitos na concha dos nossos ouvidos – hiper-estesiamento de som, estilisação suprema da palavra.

Não: eu não lhes quero falar, de tudo isso que fñidou na *Aza do Sonho* e que a morte reduziu a cinza, porque essas lindas evocações aumentam a minha pena.

Neste momento quero apenas sentir e dizer da minha saudade.

Lisboa, Junho 1921

Julião Quintinha

ORAÇÃO DA “ARTE”
(Á MEMORIA DE JOÃO LUCIO)

Brilham lampadas lavradas.
Trémulo, o fumo do insenso,
Sobe, hiperbolico e denso,
Á cúpula das arcadas!

Nas sepulturas veladas
Do templo, vásto e imenso,
Ouve-se um canto que eu penso
Ser o das virgens sagrádas!

E a «Arte», ali, recolhida,
Reza, assim, tão compungida
Por quem no mundo a amasse,

Que, ao fervor daquela préce,
A sua «Alma» não se esquece...
... De vir beija-la na face!

Santarem, Maio de 1921

Salazar Moscozo

LIRA SAUDOSA

Tange baixo, baixinho, oh lira suspirosa!
Afaga num harpejo a nota do ciume;
Condensa brandamente o languido perfume
De algum sanguineo cravo ou nacarada rosa!

Geme, lira saudosa, as ilusões fanadas
Dos teus versos febris, das tuas horas santas...
Carinho, afeto e dôr! – ternuras com que espantas
As mulheres que amaste – em noites perfumadas!...

Marcos Algarve

PORQUE SE NÃO PUBLICAM OS LIVROS INÉDITOS DE JOÃO LUCIO?

Trata-se hoje de glorificar um poeta.

A glorificação dos artistas ou dos homens de sciencia é um grande acto de civismo.

Quando consciente, é a afirmação dum povo que quer viver, e que compreende que além do seu bem-estar comercial e industrial existe o prestígio intelectual que levará seu renome até ás mais altas gerações futuras.

Glorificar um poeta, equivale a dizer: não somos um povo inculto, amamos a Belesa, e damo-nos ao trabalho de pensar. E já Descartes, o filósofo, construiu toda uma filosofia sobre o pensamento como significado de existencia.

Não haja dúvidas: um povo que consagra publicamente os seus poetas, com espontaneidade e amôr, é um povo que marca brilhantemente a sua existencia porque firma-a no pensamento – a scentelha divina do homem.

A Grécia vive hoje como na antiguidade: sabemos os nomes de todos os seus artistas, a denominação das suas obras, as suas anedoctas mais insignificantes. A sua civilização revive em nossa Arte, o seu nome é venerado.

De Atenas e Sparta, as duas rivais, o militarismo de Sparta é apenas lembrado pela Arte de Atenas.

As construções assírias, as piramides do Egipto, as leis de Roma e a Enciclopédia de França, nunca mais se poderão esquecer.

Em verdade, a expressão superior da Vida está na obra intelectual, porque só ela fixa realmente as suas modalidades.

Pelo poder da palavra, Cartago ressurgiu dos séculos idos, rumorosa de energias e de prestígio, na *Salammbô* de Flaubert. As orações de Cicero fazem reviver ainda hoje, ante os nossos olhos surpresis, as cabalas do *forum* romano e as suas personagens principais. Shakespeare surpreendeu trágicamente as paixões humanas nas suas obras de teatro. A epopeia portugueza ter-se-hia desvanecido se não fosse Camões.

E, tantos seculos passados, ainda a emoção de Virgilio diante dos campos úberes, nos faz evocar seus versos brandos como o rumôr do zéfiro nas folhagens do arvoredo.

Devemos consagrar os nossos artistas. A fumaceira das locomotivas tem enegrecido a Belesa.

A Arte é necessária á vida como a luz e como a agua.

No emtanto, eu creio bem, a primeira homenagem a prestar ao Poeta Morto devia ter sido a publicação dos seus livros inéditos...

José Dias Sancho

RECORDANDO-O...

Foi na Camara dos Deputados em 1905 – tempos idos de grata lembrança! – que eu conheci João Lucio, então na plenitude da sua mocidade e no esplendor do seu talento, que no foro e nas letras brilhava intensamente.

Não combatiamos sob os mesmos signos partidarios: mas a distancia de posições não obistou que entre ambos se vinculasse depressa uma afetuosa simpatia que jámais sofreu quebra ou se toldou sob as nuvens de quaesquer ressentimentos.

Bela figura d'orador – que em eras medievas teria sido a dum Trovador ou a dum Paladino – cabellereira revolta sobre uma ampla frente que o talento illuminava, olhos d'uma vivacidade rara que não feria mas attrahia, harmoniosa e suave a voz, quando conversava ou recitava e a que sabia imprimir, no fôro ou no parlamento, entre rasgos de tribunicia eloquencia, uma energia de que o julgariam incapaz os que nele só vissem o Poeta, sempre vogando em dourado batel nas crystallinas aguas do Ideal – foi João Lucio uma complexa e ininteressante individualidade á qual se abririam vastissimos horisontes de luminosos triunfos, se a Deus não aprovésse chamar tão cêdo para as mysteriosas regiões das almas eleitas a sua alma gentil!

Elle tinha a scentêlha viva da Fé! Sabia *crêr* – e a sua crença era inabalável! Sabia *querer* – e a sua vontade era forte! Espiritualista e sentimental, tinha sob a sua compleição delicada de romantico, o arcabouço dum batalhador varonil e esbelto!

Inflexivel nos principios, defensor entusiasta da Tradição que o enamorava, incapaz de transigencias que pudéssem confundir-se com apostasias, a innata docilidade tornava-o indulgente, mas a sua linha moral em que se reflectia o garboso aprumo d'um cultor apaixonado da Beleza, da Justiça e da Bondade, não admitia sombras, tinha a luz deslumbrante do sol do seu Algarve! Os que de perto o conheceram e ternamente o relembram, que digam se há erro ou exagêro meu, nestes rapidos traços do seu inconfundivel perfil!

Sempre assim o *vi*: ainda agora assim o *vejo*, atravez das densas e gélidas brumas da Morte!

Assim o *verei* no monumento que a sua muito amda terra vae levantar-lhe – glorificado pela saudade do Passado para que o Futuro ali o tenha como um Exemplo!

Lisboa, 29 de Maio de 1921.

José Augusto Moreira d'Almeida

UM NOTÁVEL DISCURSO DO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS *

A literatura portuguesa é a maior que um pequeno povo tem produzido, exceptuada apenas a Grecia antiga.

Esta curta mas significativa afirmação, que muito nos honra a todos nós Portugueses, foi feita pelo grande critico inglês, sr. Aubrey Fit-Gerald Bell.

Podemos e devemos orgulhar-nos de tão honroso testemunho, porque ele equivale a um atestado de individualidade, de independencia e de robustez nacional. Literatura própria quer dizer lingua própria, vida própria, o que tudo se resume nesta sonora, altiva e consoladora palavra – Nação. E a palavra *nação* é sinónimo de liberdade em nós mesmos, igualdade no mundo, raízes que mergulham no passado e segurança de novas florescencias.

Há regiões milionarias de todos os bens materiaes; mas o genio autonomo de um povo, as riquezas do espirito colectivo, sob a sua apparencia incorporea, são resistentes como mineraes.

A Grecia antiga, fisicamente morta há milhares de anos, ainda hoje governa em parte o mundo e a Grecia moderna se existe o deve á alma da Grecia antiga.

A literatura portuguesa é a maior que um pequeno povo tem produzido. Palavras opurunas e saborosas que convem recordar no instante em que surge á luz do sol o monumento de um poeta português. São raros estes instantes no nosso paiz que tem levantado bastante memorias aos seus reis, aos seus soldados e aos seus políticos, mas quasi nada aos seus poetas.

E faz grande honra ao Algarve ter dado um exemplo ás nossas outras provincias, que aliás teem contribuido para o esplendor literário nacional com muito mais nome que esta. Refiro-me ao passado, evidentemente. Mas verifico, outro sim, que o Algarve

* Discurso lido aquando da inauguração do monumento a João Lúcio, in “João Lúcio – Foi inaugurado, em Olhão, um monumento ao cantor do Algarve”, in *A Época*, Lisboa, 7 de Julho de 1925, pp. 1-2. Como se pode ler no dito artigo, para além de “milhares” de pessoas, estiveram presentes na cerimónia a irmã do poeta, a viúva e sua filha, onde foram ouvidos, na primeira pessoa, e entre outros, os discursos do juiz da comarca de Olhão e presidente da comissão que promoveu o monumento a João Lúcio, Dr. Horta e Costa; do presidente da Câmara, João Carlos Mendonça; dos poetas Cândido Guerreiro e Bernardo Passos; do pintor Rodrigo Nobre; do amigo, condiscípulo e admirador de João Lúcio, o deputado Mealha; do director do semanário *A Moca*, tenente Manuel Caetano de Sousa; dum representante dum filho do poeta, o Dr. Henrique Gomes; do antigo governador civil do distrito de Faro, o comendador Ferreira Neto. Para além destes discursos, foram lidas várias cartas de entidades que não puderam comparecer à cerimónia de inauguração do monumento ao poeta, como, entre outros, o Bispo do Algarve; o escritor e genro do poeta, José Dias Sancho; Augusto de Castro (que na época era embaixador no Vaticano); e o conselheiro João Franco, cuja carta transcrevemos a seguir.

parece querer desferrar-se agora da sua esquivança anterior, porque os seculos XIX e XX já se vão enchendo razoavelmente de principes das letras. Até ao século XVIII ocorrem-me apenas os seguintes nomes de poetas com carta de naturalidade para quem do Tejo: Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, Cristovão Falcão, Mariano Alcoforado e Bocage. Mas os seus contemporaneos preparam-se para legião, começando em João de Deus e João Lucio e continuando com os srs. Teixeira Gomes, Coelho de Carvalho, Julio Dantas, Candido Guerreiro e Bernardo Passos.

[...]

Os poetas são profetas e nós aqui estamos todos a prová-lo. Que fez João Lucio para que o Algarve lhe erguesse um monumento?

Cantou as belesas naturais da sua terra:

“Costas azuis de sonho, onde os barcos parecem
Lírios que vão boiando e voando serenos”
“Luar sentimental do sonho e dos amores,
Que nevas com a luz a agua do ribeiros”
“Ó Sol, que pões no ceu um brilho violento
E fazes dardejar ao longe os horisontes”

Cantou a Saudade do mar, a volupia do sonho, a paixão da côr, as serras, os campos, as praias e as moiras encantadas.

De olhos fitos no ceu, o Poeta cantou a sua terra. Cantou, sonhou e morreu.

Assim como nós, todos os Portugueses, encontramos nos *Lusiadas* o mais alto e fulgente reflexo da nossa consciencia de nação, assim o Algarve descobre nos versos do seu Poeta a expressão da sua individualidade regional.

Os poetas são profetas, quer dizer: semeadores de ideal, reformadores da sociedade, pioneiros do progresso, construtores do futuro. Mas o geral dos homens, de olhos sempre inclinados para a terra, não sabe que o ceu de hoje, que só os poetas veem, é quasi sempre uma adivinhação e um prenuncio da terra que amanhã habitaremos todos. O maior dos poetas, Jesus Christo, viveu e morreu dizendo que o seu reino não era deste mundo. E este mundo mudou de aspecto e de rumo por obra e graça das suas palavras, emanações da mais alta poesia.

Se o regionalismo poetico de João Lucio frutificar em regionalismo civico, o Algarve terá procurado e encontrado nos seus versos programa, estimulo e entusiasmo

para tratar cada vez mais de si, terá dado uma fecunda lição a Portugal inteiro, o trabalhador que labuta, pena e sustenta com o suor do seu rosto a dignidade nacional, enquanto Lisboa o espreme e suga – e intriga e dissipa e vadia e faz barulho.

[...]

Mas direis vós: isso não é poesia, é política. Respondo: que o poeta João Lucio foi político dentro e fora do seu Algarve – do seu Algarve provincia e do seu Algarve poesia.

O que importa na feição do Poeta promovido a cidadão e patrono da cidade ou da provincia, é o que nos seus versos insuflou a terra-mãe e a alma colectiva; e o que a esta pode e deve voltar sublimado em força colectiva. João Lucio cantou os camponeses, os trabalhadores, e assim lembrou aos grandes que são união dos pequenos; para que não esqueçam que Deus nos deu a todos um nascimento igual, e se o sangue, e educação e o character nos diferenciaram mais tarde, a obrigação religiosa, politica e economica até, dos que subiram, é inclinarem-se e indicarem-se ao levantamento moral, intelectual e material dos humides.

João Lucio cantou a mulher. Ela deve ser cantada para que o homem, seu pai, seu filho, seu irmão ou seu esposo não seja indigno de Deus e de si proprio.

Quando o Poeta morreu não tinhamos chegado a esta baixesa moral em que tudo, literatura, maneiras, linguagem, o vestuario, se emprega para degradar a mulher.

Esta idade media de grosseria masculina que nem sequer encontra desculpa em ser mascula como a dos barões guerreiros de outr’ora, há de passar e voltaremos ao respeito do pudor, ao culto da honra e á veneração da pureza feminina.

João Lucio terá sido um percursor e arauto que nos seus versos colocou a Mulher entre estrelas, a adorou de joelhos, a envolveu numa aureola de Santa, o que avulta em maior ensinamento por ter nascido nestas paragens onde a terra, o ar e a luz andam cheios de efluvios sensuais.

[...]

Não vim aqui falar de João Lucio, mas para falar com ele. Não para chorar porque estamos sem ele, mas para afirmar deante dele mais vivo nos nossos corações do que na vida e na pedra, que vós, Algarvios, meus irmãos, continuareis com ele e, se Deus quizer, como ele.

Não sei se a alma gentil de João Lucio, lá

“Do alto assento etereo donde subiu”

terá gostado de ouvir o que eu disse: mas sei que há de gostar de ouvir o que vou dizer-vos:

João Lúcio, cantando o Algarve ensinou-nos a amar proficuamente o nosso Algarve. E a primeira lição que vós nos apresentastes foi erguer-lhe uma estatua. Essa estatua, que é hoje uma homenagem, será amanhã um estímulo, mas pode tornar-se num remorso.

Tendo-o encarado apenas por uma só das suas multiplas excelencias – a de poeta regionalista – peço-vos que completeis vós o seu louvor, acompanhando-me com as vossas aclamações em dois votos solenes que eu farei com o meu braço estendido para a imagem do Vosso Padroeiro:

Pela grande memoria de João Lucio, viva o Algarve!

Pela acção e o exemplo do Algarve no acordar das provincias portuguesas, viva Portugal!

CARTA DE JOÃO FRANCO *

Alcaide, 2 de Julho de 1925

Ex.^{mos} Srs.:

Demorei alguns dias o agradecimento e a resposta á sua amavel e penhorante carta, pela vontade sincera que tive de ir aí.

A viagem de Alcaide a Olhão, tendo nesta quadra dos calores de atravessar a Estremadura e o Alemtejo, além de extensa, era um pouco fatigante para os meus 70 anos. Mas a isto me resolvia, se não fôra um momentaneo incomodo de saude, que estive a ver se passava.

Não sucedeu assim, e tenho de me contentar em lhes escrever esta carta.

Deixei de falar em público, com o proposito de não voltar a fazê-lo. Mas no chamamento de V. Ex.^{as} acudiam razões, por assim dizer psicologicas, de muito especial circunstancia.

É o primeiro monumento levantado a um *franquista*: o *franquismo* foi uma *élite*, posso eu dizê-lo, pondo-me eu de fora, pois melhor do que ninguem o conheci e vi na acção. E o *franquismo*, desde que acabou, é para mim religião.

Depois ser-me-ia gratissimo ir de novo ao Algarve, e poder dizer um ultimo e agradecido adeus, a quem me abriu as portas do Parlamento, pondo termo ao meu ostracismo politico.

Valia também muito a dispor-me, o animo, a obrigação, que julgo incumbir-vos, de louvar e aplaudir toda a obra de harmonia e solidariedade social, nesta hora em que parece regressar-se aos tempos fraticidas de Caim e Abel, ás épocas infelizes de dispersão e isolamento primitivo, pela guerra das classes, negação e ataque do sentimento patriotico. Esquece-se que mesmo na Terra a ventura é formada principalmente de ideal; e que o melhor momento passado sobre a Terra pelo Filho de

* Lida aquando da cerimónia de inauguração do monumento a João Lúcio, in “João Lucio – Foi inaugurado, em Olhão, um monumento ao cantor do Algarve”, in *A Época*, Lisboa, 7 de Julho de 1925, pp. 1-2.

Marcos Algarve criticará bastante esta carta: “É a carta dum homem achacado do vírus politico, cuja honradez sempre respeitamos, mas cuja inteligência sempre tivemos em reduzida conta. [...]”

O monumento ao poeta João Lúcio não foi, portanto, levantado ao bacharel nem ao proprietário, e muito menos ao politico – a um *franquista*. O monumento foi erigido a um *literato e artista*, por ser, na linguagem ática do orador oficial da cerimónia, a *mais alta expressão da vida*.

Com setenta anos de idade, calejado da politica e desiludido da sociedade, o sr. conselheiro tinha obrigação de evitar que os micróbios que lhe povoam a caixa craniana o fizessem fervilhar novamente em exterioridades confusas e obtusas...”. In MARCOS ALGARVE, *Mistérios da Praia da Rocha*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1926, p. 160 e 171.

Deus, não foi o de Jerusalem, rodeado de palmas e flores, mas a hora do Calvario, em que voluntariamente deu a vida pelo maior de todos os ideais, o Resgate da Humanidade.

E neste culto espiritual e colectivo, o Algarve não podia encontrar, entre os seus homens representativos – especie de deuses *penates*, cuja imagem, amor e veneração levamos para toda a parte –, o Algarve não podia encontrar mais puro sacerdote das suas aspirações, encantos e privilegios, do que o cantor, ao mesmo tempo suave e apaixonado, do *Meu Algarve*; a quem, para o fazer primeiro na admiração dos homens como na afeição dos Deuses, nem faltou o arrebatamento ao Céu, em plena vida, que já diziam os gregos, serem, os que morriam novos, os escolhidos do Olimpo.

Com afectuosos e novos agradecimentos pelas palavras de tanta estima da sua carta, peço que creiam

De V. Ex.^{as} mt.º at.º e ob.º

João Franco

**[CARTA SOBRE JOÃO LÚCIO,
POR FRANCISCO FERNANDES LOPES] ***

João Lucio Pousão Pereira nasceu em Olhão, em 4 de Julho de 1880, na casa da rua de Sant’Ana (actualmente rua Carlos da Maia) onde residiu até casar e onde, sendo a casa de seus pais e residencia de sua familia, êle, depois do falecimento de seu pai (1905) passou a ter o seu escritorio de advogado e de administrador dos seus bens (pois seu pai casara com separação de bens, e a mãe de João Lucio ficara a viver duma pensão dada pelos filhos), tendo-lhe cabido em herança a quinta de Marim com o respectivo pinhal – a quinta onde mandou construir mais tarde o chalé ou palacete que lá se encontra ainda.

Foi o 1.º filho do casamento do abastado proprietario João Lucio Pereira (cuja biografia se pode ler a pags. 266 e seg. da *Monografia do Concelho de Olhão* do Dr. Ataíde Oliveira), em segundas nupcias com D. Maria Helena de Araujo Pousão, filha do 1.º Juiz da Comarca de Olhão, Dr. Francisco Augusto Nunes Pousão, senhora natural de Vila Viçosa, e irmã do pintor Henrique Pousão. (Veja a este respeito o artigo que sôbre a ascendencia de Henrique Pousão foi publicado em *O Diabo*, n.º 157, de 27 de Junho de 1937) – (Este casamento tivera lugar em 28 de Setembro de 1879, tendo a noiva, D.

* Transcrição da cópia de uma carta dactilografada, remetida por Francisco Fernandes Lopes a remetente desconhecido (só se consegue perceber que é do sexo feminino e que seja ou more em Lisboa), em data também incerta, (algures de 1938 a antes de Abril de 1955, data deduzida pelas informações dadas pelo autor, nomeadamente a publicação do poema inédito *O Bioco* (1938) e a publicação, por parte do mesmo, e já posterior à carta, do artigo “João Lúcio (Breve esboço Biográfico)”, no *Comércio do Porto*, em 26 de Abril de 1955 e 24 de Maio de 1955 (incluído, posteriormente, na antologia, póstuma, in FRANCISCO FERNANDES LOPES, *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão, 1985, pp. 241-250). Aliás, refira-se que Francisco Fernandes Lopes terá, quase certamente, remetido esta carta mais perto da última data (1955), dado que o citado artigo parece ter tido como texto-base esta própria cópia (uma vez que o artigo é também uma cópia de algumas partes da carta), apesar de nele não se incluir a quantidade de informação que aqui consta.

Desconhece-se também qual o motivo desta carta, mas percebe-se que a remetente tem a intenção de dispor do máximo de informação possível sobre o poeta, dada a profusão de artigos críticos publicados em jornais, de livros de outros autores, de folhetos, e de algumas fotografias que são mandadas pelo remetendo. De qualquer modo, fosse para mera curiosidade pessoal, fosse para um estudo mais profundo de João Lúcio, o conteúdo desta carta inédita é de tal modo rico que decidimos aqui transcrevê-la na sua totalidade, visto ser, sem dúvida alguma, o texto mais pormenorizado sobre a vida do poeta olhanense, (incluindo uma vasta bibliografia), dado pelo grande estudioso que foi Francisco Fernandes Lopes, amigo íntimo de João Lúcio – até cerca de dois anos antes da morte do poeta, altura duma desavença que poria termo à amistosa relação, como ele aqui conta.

Face a este texto, encontrado no reduzido espólio de Francisco Fernandes Lopes existente no Arquivo Histórico Municipal de Olhão, decidiu-se manter-se a ortografia (como, aliás, em todos os textos dispostos em anexo) e incluir as várias correcções feitas à mão pelo autor. Para além disto, inserimos itálicos (todos da nossa responsabilidade) nos títulos de jornais, livros ou poemas, e corrigimos alguma pontuação, apenas nos casos que nos pareceu mais relevante. Também colocámos por extenso as iniciais J.L. de João Lúcio, sempre que estas nos apareceram. Por último, refira-se que introduzimos alguns parênteses rectos com acrescentos, que também são da nossa responsabilidade.

Maria Helena, 22 anos apenas, pois nascera em 11 de Abril de 1857, ao passo que o viuvo João Lucio tinha o dôbro, 44 anos, pois nascera em 2 de Setembro de 1835). O Juiz Pousão tomara posse da comarca de Olhão a 20 de Dezembro de 1875, vindo de Guimarães onde estivera como delegado uns 2 anos e meio, depois de ter sido transferido, a seu pedido, de Barcelos onde estivera, delegado também, uns dois anos e meio, depois de ter começado a carreira de delegado, por concurso, em Elvas, onde estivera sete anos. A comarca de Olhão fôra criada por decreto de 31 de Agosto de 1875, e Pousão nomeado juiz por decreto de 28 de Outubro do mesmo ano. A família viera com êle para Olhão antes de 20 de Dezembro, em que tomou posse do cargo.

Depois de João Lucio, vieram mais três filhos ao casal: Maria Julia (que casou, ainda vive e tem dois filhos e duas filhas), Henrique (que morreu há uns quarenta anos, com uma meningite, tendo apenas uns quatorze anos de idade), Berta (casada em Faro com o Dr. Silvestre Ortigão, mãe portanto do Silvestre que andou no Liceu de Faro e morreu há uns dois anos, sendo estudante de medicina, e mãe também da pequena que faleceu pouco depois – os dois únicos sobrinhos que o poeta João Lucio tinha desta sua irmã).

João Lucio aprendeu em Olhão as primeiras letras, com a mulher dum barbeiro que, como advogado, ele teve de defender mais tarde, numa questão local, evocando por esta forma (segundo a reminiscencia dum amigo – Lourenço do Ó da Silva) esse episodio no julgamento do barbeiro: “quem me havia de dizer, Sr. Juiz, que a mulher do réu me faria penetrar nos misterios do alfabeto, para mais tarde ter de defender o marido!!!!”.

Feito o exame de instrução primaria, foi para o liceu de Faro, e depois para Coimbra a formar-se direito. (O pai João Lucio queria que êle fosse agronomo: mas êle preferiu seguir o curso de direito). Deve ter entrado na Universidade de Coimbra em 1897, tendo terminado o curso em 1902, sendo estudante distinto.

Parece que já no Liceu de Faro fazia versos; mas em Coimbra é que a sua actividade literaria se teria desenvolvido... Fazia versos aos lentes, escreveu cantigas para o povo (vide folheto em colaboração com outros poetas) e em Coimbra publicou em 1901 o seu primeiro livro, *Descendo*. Nas férias grandes de 1899 (já com o 2.º ano de Direito, portanto) fundou e dirigiu no Algarve, (com outros colegas seus: José Ribeiro Castanho e José Francisco Teixeira de Azevedo) e com Antonio Santos (o poeta, que foi depois director do *Correio do Sul*), um jornal que se compunha e imprimia em Tavira, *O Reyno do Algarve*, cujo 1.º numero saiu em 13 de Agosto de

1899, e de que se publicaram apenas 14 numeros (o ultimo em 12 de Novembro do mesmo ano).

Quando estudante em Coimbra veio a Lisboa, à Academia Real das Ciências, falar em nome da Academia de Coimbra, na sessão de homenagem a Eça de Queiroz (vide o *Boletim da Academia*, onde deve haver referencia a isto). Falaram Abel Botelho e outros; mas ninguém se referiu ao Ramalho Ortigão (que era então empregado da Academia das Ciências). Só João Lucio se lhe referiu e em termos tais que Ramalho o veio abraçar depois, ficando-lhe de futuro sempre muito grato.

Na recita de despedida do 5.º ano juridico (1901/1902), a peça foi de João Lucio e o seu condiscipulo Augusto de castro (o actual director do *Diario de Noticias*): *Até que enfim!* Esta peça foi depois representada em Lisboa, pelos mesmos estudantes, no Teatro de S. Carlos (Recordo-me disto, porque assisti a esta recita, e nessa noite João Lucio ofereceu-me o exemplar que conservo). A peça teria sido impressa em Coimbra, em Abril. Desse mesmo ano de 1902 é o monologo *Dom Vasco*, recitado na mesma recita de despedida; e desse mesmo ano é uma poesia *Ano Bom* que João Lucio mandara de Coimbra para Olhão, a fim de ser recitada num teatro de amadores, no 1.º de Janeiro [de] 1902, e que em Olhão se imprimiu. Em 17 de Fevereiro de 1902 realisou João Lucio no Instituto de Coimbra o discurso que *O Heraldo* de Tavira inseriu sob o título *Hespanha Artistica* no seu numero de 13 de Março.

Terminado o curso, veio João Lucio para Olhão, advogar. Em 13 de Novembro inseria o dito *Heraldo* um artigo seu sobre Manuel Teixeira Gomes. (ver os dois numeros dos *Heraldo* que vão junto).

Em 1903 em Olhão, a 3 de Maio, teve lugar uma festa de homenagem à memoria de Garrett. João Lucio disse o discurso que se encontra publicado no *Heraldo* de 7 do mesmo Mês. (Este, como os outros discursos que João Lucio preparava, não foi lido, mas dito como se fôsse improvisado – pois tinha-o decorado (!), possuindo uma espantosa memoria. João Lucio era dotado de maravilhosa facilidade verbal, orador eloquente, embora de elocução enfática, e a meu sentir algo monótona, apesar de expressiva. Algumas vezes o ouvi falar de improviso, com a mesma facilidade torrencial.

Em Olhão sempre, advogando, – advogado hábil, de grande renome já – publica em Fevereiro de 1905 *O Meu Algarve*.

Em 22 de Agosto de 1904 casara em Olhão com D. Ana Victoria Reis Alberto, que de há anos namorava, senhora natural de Olhão.

Entretanto começara João Franco a propaganda do seu partido regenerador-liberal; e João Lucio foi em Olhão (com o Dr. Carlos Fuzeta) um dos chefes do grupo politico franquista. Eleito deputado (como o Dr. Fuzeta), estreou-se na Camara em 24 de Outubro de 1906, respondendo ao Dr. Abel de Andrade (ver o diario *O Mundo* de 25 de Outubro de 1906), que trás uma caricatura dêle; e para todo este período politico consultar o *Diario Ilustrado* que era o jornal do partido franquista no Algarve, desde o seu inicio em 5 de Dezembro de 1903, tendo por director o Dr. João Franco Pereira de Matos, de Faro, e como redactor literário o Dr. João Lucio). (Publicou neste jornal a sua adesão ao franquismo).

Morto D. Carlos (em 1 de fevereiro de 1908) e liquidado politicamente o franquismo, João Lucio ainda continuou franquista seguindo o grupo de Vasconcelos Porto. Depois, continuando monarquico indefectivelmente, abandonou a actividade política, demais com a vinda da Republica (1910).

Durante o franquismo, João Lucio ainda fôra (uns dois meses antes da morte do rei) presidente da Comissão Adminsitrativa da Camara Municipal de Olhão, nomeado por João Franco (de quem era admirador incondicional e que muito o estimara e considerava). Esta curta administração local marcou, apesar de curta, pelo seu carácter de honestidade e moralidade, reflexo sobretudo do character e do prestigio pessoal de João Lucio.

Advogado notavel, criminal e civil, tendo publicado várias peças forenses de invulgar valor; proprietario, administrador dos seus bens, entre eles a quinta de Marim com o seu pinhal; pai já de uma filha (Maria Helena, nascida em Julho de 1905) – uma outra filha e um filho, vindo em seguida só duraram dias ou meses (uma outra filha, Maria Luiza, que ainda vive, veio mais tarde, e depois dela um filho que viveu oito meses e faleceu em consequencia duma queda dos braços da avó materna, velha distraída, – grande desgosto de João Lucio, que sonhara sempre ter um filho como seu successor), – poetando, sempre em Olhão, João Lucio, liquidada a ditadura franquista com a morte do rei, viaja nesse ano de 1908, de Agosto a Outubro (a sua 1.^a viagem fora do País), por terra (Madrid, D. Sebastian, Lourdes, Marselha, Nice, Roma, Napoles, Zurique, Neuhausen, Paris).

Abandonada, de todo, a política (com a vinda da republica), em 1911, de Agosto a Setembro, faz João Lucio a sua segunda viagem, por mar: Amsterdão, Roterdão, Waterloo, Bruxelas, Ostende, Colonia, Paris.

Em 1913 publica (na França Amado, de Coimbra) o seu livro *Na Aza do Sonho* e faz, em Março, pela Semana Santa, a sua 3.ª viagem (Sevilha, Cordova, Granada).

(Datam desta 3.ª viagem as *Impressões de Viagem* que sob o título *Sevilha* apareceram publicadas em 1917 em a colectânea *Coração Algarvio* (pags. 22 a 37), poesias que são dadas, pelo poeta certamente, ainda vivo, como “paginas dum livro inédito de impressões de Viagens”. Nesse mesmo ano (1913), faz João Lucio a sua 4.ª viagem, durante o mês de Setembro, percorrendo Paris, Linz, Viena, Veneza, Como.

Quando veio a grande Guerra (1914), João Lucio, sempre monarquico e conservador, era simpatizante da Alemanha por ser um país conservador e disciplinado, e sobretudo por ser um tampão do bolchevismo que êle detestava... Mas uma vez Portugal entrado na luta, teve o bom senso de calar a sua simpatia, colocando-se ostensivamente ao lado do interesse nacional do seu país (Esta informação fornecida pelo seu amigo Lourenço do Ó da Silva, corrobora o que pela conversa e pela atitude de João Lucio eu directamente já sabia). Em começos de Dezembro de 1914, esteve João Lucio ainda em Espanha (Algeciras e talvez Gibraltar). Foi esta (5.ª), ao que parece, a sua ultima viagem.

Em 1913 (ou 1914 ?), tendo a sua mãe doente (tuberculosa pulmonar – doença hereditaria na familia, pois o juiz Pousão morrera tuberculoso e tuberculoso igualmente o pintor Henrique Pousão – João Lucio projectou construir no meio do seu pinhal de Marim um palacete ou chalé onde a sua mãe faria cura de sanatorio e ele também passaria a residir, mais tarde. Julgo que o plano do chalé com um patio interior à moda moura-espanhola fôra da sua invenção; e de seu gosto, pelo menos, são as decorações com sentido poetico que ainda se vêem nas varias salas. (Com minucia posso mandar uma enumeração, pois um cliente meu, ainda parente da viuva de João Lucio, lá se encontra residindo; mas agora está doente aqui em Olhão, e eu, apesar de ter visto o chalé por várias vezes, com o proprio João Lucio e depois da morte dêle, não me atrevo, mesmo ajudado pela memoria da minha mulher, que também sabia muito bem isso, a reconstruir... o que daqui a dias poderei dizer-lhe com toda a precisão).

Estando a construir-se o chalé, mostrou a mãe de João Lucio pouca vontade de ir para lá, por ser sítio isolado – só com um estado-maior de criados, dizia ela. Apesar disso, João Lucio continuou a obra (que não chegou a completar em todos os pormenores) e tencionava passar a residir lá. Lourenço do Ó informa-me de que João Lucio lhe dissera que, terminado o chalé passaria a residir e a trabalhar lá a maior parte do ano... Era o seu sonho doirado! Compraria então um automovel e um barco a

gazolina para passear no rio, especialmente em noites de luar (o pinhal fica junto ao mar, em Marim). Cortaria a colecta de advogado, daí a uns dois anos, e assim, entre Olhão, o chalé e idas a Lisboa, passaria a vida, dedicando-se definitivamente à literatura. Além da poesia, meditava escrever um livro de viagens, mas em prosa, (diz-me Lourenço do Ó, que acrescenta nunca João Lucio lhe haver falado num livro de impressões de viagens em verso, – do qual efectivamente a viuva não terá porventura também conhecimento, nem dele se encontrou qualquer manuscrito ou elementos, mas do qual no entanto subsiste como indicação indubitável a que já referi, consignada na colectanea onde se publicaram os pretensos fragmentos sobre Sevilha).

Durante a guerra, em Dezembro de 1915, faleceu a mãe de João Lucio. Antes porém dessa época (aí por 1914 ou antes mesmo), João Lucio escrevera uma peça de teatro num acto, *Vento de Levante*, a qual leu a minha mulher e leu também ao Lourenço do Ó: uma especie de dramalhão trágico-romântico passado num moinho, cena de amor terrível e fatal, em prosa, e certamente de pouco ou nulo valor, a avaliar pelo que me diz o Lourenço do Ó e minha mulher não desdiz. (Não seria decerto este o seu género...) Ignoro se êle terá destruído o manuscrito ou se a viuva o conservará ou terá dado a alguém.

Aqui entre parenteses: eu era amigo de João Lucio; foi mesmo êle um dos padrinhos do meu casamento; minha mulher era, como já disse, prima-irmã dêle; haviam brincado em pequenos, apesar de êle ser oito anos mais velho, pois não só morava ela na casa pegada à dos pais de João Lucio, mas quasi todo o dia passava em casa “da tia Helena” – a mãe de João Lucio. Assim, compreende as relações que os dois poderiam ter, e de resto, João Lucio estimava-a muito. Dá-se mesmo um pormenor curioso, que não quero omitir-lhe aqui: minha mulher era muito bonita e tinha em especial os olhos excepcionalmente lindos. João Lucio achava-os um encanto; e a quadra *Deus creou o sol num dia* (vide o folheto, junto, pag. 5) foi precisamente feita aos olhos dela!... Ora, sendo boas as nossas relações, e vindo as minhas, de resto, de muito longe, com João Lucio – (foi ele quem primeiro me falou do Baudelaire e me recitou em passeio um dia, pelas ruas de Olhão, os lindos versos que sabia de cór do *Namouna* de Musset, além de me falar do D’Annunzio e doutros poetas e literatos numa época em que eu no liceu de Faro ainda não nascera, posso dizer para a vida intelectual, limitando-me quasi à leitura dos *Lusíadas*, de que cheguei a saber de cór, inteirinho, todo o canto I, e mais estrofes de varios episodios, num total de mais de 250!) –, sendo pois boas as nossas relações que, no entanto a politica franquista fizera distanciar um

pouco, mas que continuaram cordiais, se não intimas já, ao tempo do meu casamento (Junho de 1915) e daí por diante, essas relações, por divergentes de criterio estético, por uma critica que eu publiquei a *Na Aza do Sonho*, depois de êle me ter declarado que gostaria de saber a minha opinião e de eu lhe ter perguntado se êle não se zangaria com a minha franqueza e êle me ter dito que apenas se zangaria se eu não fôsse sincero, e por este motivo talvez e por outras coisas mais (divergencias politico-sociais: ele continuava franquista, conservador, católico, – eu era anarquista, liberal e ateu), João Lucio, numa questão local em que eu, como medico, fui alvejado miseravelmente por um mariola, prestou-se à lamentavel fraqueza, que quis pretextar justiça e honra, de ser advogado do mariola numa questão em que este era réu duma cacetada que dera num terceiro, que era precisamente o doente a quem ele rachara o craneo e que eu tratava, pretendendo o mariola que eu prolongava a doença, não por inabilidade, mas por proposito de desforço contra ele, meu inimigo antigo... – por todas estas razões que “agulhas ferrugentas” que nos queriam desunir acirraram, as minhas relações com êle acabaram por terminar definitivamente, aí uns dois anos talvez antes da sua morte (em 1916 ou 1917 talvez). A esta situação que eu muito lamentei e que êle, segundo um amigo comum me disse, êle ainda pretendeu esclarecer, mas que infelizmente não chegou a esclarecer – João Lucio era quatro anos apenas mais velho do que eu, e muito voluntarioso não queria talvez “descer” a justificar-se da atitude que tomara no tal caso do réu mariola (que afinal, defendido por êle, habilmente, foi absolvido ou ficou com a pena suspensa).

A esta situação, conhecida de toda a gente de Olhão, dada a situação e prestigio dele, e dada também a minha situação e até as relações de parentesco entre nós – a esta situação aludo eu, como agora melhor verá tanto na advertencia da minha conferencia, como no começo desta, quando invoco o silencio puro e simples como explicação para o facto de ser eu a falar dele, defunto, fazendo uma justiça glorificadora, quando em vida houvera incompatibilidade irreductivel – ou irreduzida por fim, em todo o caso – e até uma critica dura aos seus defeitos poeticos, como um correctivo apêlo a auto-disciplina que lhe postergava demasiado... (Envio-lhe esta critica impiedosa, e peço-lhe que me não perca esses dois numeros que são hoje absolutamente “únicos”). Isso, a nota sôbre a morte dele e a conferencia – eis tudo o que eu escrevi sobre João Lucio, até agora – com excepção, é claro, destas notas presentes que tendo começado por um relato objectivo meramente, se estão tornando numa longa confidencia, escrita ao correr dos dedos sobre a maquina, sem nexos, sem estilo, sem ordem – dados de varia natureza que para si conservará, aproveitando-os como entender (Eu fico com uma copia).

Voltando pois à data da morte da mãe de João Lucio (em que ainda estamos em excelente entendimento), seguiu daí por diante João Lucio a sua vida, pacatamente aqui, advogando e poetando, desiludido da politica, amargurado com o desgosto da morte da mãe que êle muito queria, e com o da morte dum filho de oito meses que a sogra, amnesica, uma tarde deixou cair dos braços estando à janela com a criança (donde um dito dêle, a um amigo: “eu tinha duas ambições ainda na minha vida; ter um filho e ver de novo a Monarquia. Já não tenho o filho, e receio bem não tornar a ver o Rei”).

Não esquecer o discurso no Cine-Teatro de Faro (28 de Fevereiro [de] 1917): “A chamar as almas para o Sonho, para a Beleza e para a Bondade”, na festa de que mandei já o programa. Nenhuma outra peripecia mais da sua vida há a salientar. Em 25 de Dezembro de 1917 o *Diario Nacional* publica o introito do *Espalhando Fantasmas*, o novo livro em preparação (só publicado postumamente, em fins de 1921, conforme a noticia que eu dei no *Correio Olhanense*, n.º 1, de 1 de Dez.º [de] 1921 – vide o jornal junto).

Em 1918, pela gripe pneumónica, João Lucio adoece, no seu chalé. (Fôra morar para lá, apesar de ainda inacabado, desde Agosto desse ano em que, na casa onde morava em Olhão – na Avenida da Republica, a casa de sua sogra e sua mulher, onde ficara morando desde que casara – sua sogra deixara cair o petiz de oito meses que falecera em consequencia disso. Como a mãe (a esposa do poeta) tivesse ficado muito abalada, ele para a distrair resolvera ir morar para o chalé. Aí adoecera pois em meados de Outubro, e não tendo melhorado, foi trazido para Olhão, para a casa da sogra (onde morara antes e se dera o desastre do petiz) e aí sucumbiu, à gripe pneumónica, intoxicadissimo, com perfeita lucidez até [ao] final, no quarto que dá para o quintal, na manhã de 26 de Outubro, estoicamente pedindo que abrissem a janela para ver a luz do dia que começava...

Quem tratou dele durante a doença foi o meu colega Silva Nobre que poderá dar informações a tal respeito. (Eu estava ausente, em Vila Viçosa, para onde, militarizado, fora mandado fazer clinica, tendo o único medico da terra adoecido. E estive lá 13 dias, enquanto por ter reclamado, pois era em Olhão medico municipal, me não mandaram regressar. Quando voltei a Olhão, poucos dias antes daquela data fatal, ouvi dizer vagamente que João Lucio estava doente: e na vespera ou ante-vespera encontro uma manhã um amigo que me diz que constava que ele estava perdido. Naturalmente comovido, apesar de estarmos de relações cortadas, procurei imediatamente o cunhado dele, Eduardo Figueiredo, a oferecer-lhe o meu concurso, caso ele o quisesse aceitar; e

como o cunhado me dissera que um medico de Faro, vindo a uma conferencia, indicara, com grande esperanza, uma injeção intravenosa de electrargol que não lhe tinham aplicado porque não havia nas farmacias, imediatamente fui buscar e lhe entreguei uma empola de electrargol, numa caixa que eu tinha no consultorio. Foi sem resultado a applicação; e quanto ao mais, a mulher do João Lucio opôs-se, segundo depois me constou, a que eu como medico, fosse chamado a ver o marido!... Devo dizer-lhe que essa senhora ainda hoje não me fala; embora mantenha as mesmas relações que sempre teve com a minha mulher. Pode, querendo, e ser-lhe-ia conveniente, procurá-la aí: D. Ana Alberto Pousão Pereira, Avenida Duque de Ávila, 24-5.º, segundo a direcção que hoje me deu o prior Alagaia, grande amigo de João Lucio e procurador dos interesses da mesma senhora, aqui, o qual me disse que ela tinha uma especie de jornal (pelo menos em solteira) pelo qual muita coisa de interessante e de preciso, em acontecimentos, pormenores e datas poderia obter. (O prior Alagaia, dizendo-lhe eu do seu intuito, ficou de lhe escrever no sentido de ela se abrir consigo, pois ela é pessoa um pouco surda, algo desconfiada e reservada).

Não fui ao enterro de João Lucio, porque não costumo ir acompanhar enterros, mas sobretudo porque nessa altura era o auge da pneumonica em Olhão e, como medico, eu andava todo o dia na vila e pelo campo, num automovel mobilizado para isso, a ver e tratar doentes... Mas constou-me que o enterro foi um desamparo pavoroso, quasi nenhuns amigos e quasi ninguém, uma vergonha no entanto para os vivos seus amigos, admiradores, afeiçoados ou obrigados, embora uns estivessem doentes, outros enlutados e outros... apavorados pelo contagio. (A essa vergonha aludo eu na conferencia, evocando a comparação com o que Bocacio descreve no começo de seu *Decamerone*, a quando da celebre peste de Florença...)

Todavia, não se esqueceu em Olhão a memoria de João Lucio.

Logo em Novembro ou Dezembro desse [ano] ainda, na Sociedade Recreativa Olhanense (onde êle falara sobre o Garrett) o Dr. Luiz [Maria de Souza] Horta e Costa – (que vive hoje aí, no Hotel Internacional, à esquina da rua Augusta, no Rossio, e que pessoa amabilissima, cortêz e lhana pode procurar, da minha parte, sendo meu velho amigo e compadre (padrinho da minha filha Raquel), e pessoa que lhe pode dar, decerto com todo o gôsto, pois é cavaqueador emérito e gentil, uma abundante série de informações sobre João Lucio, a sua personalidade de advogado, o seu character, o seu porte, etc.) – o Dr. Horta e Costa que era juiz de direito aqui em Olhão (e foi o animador da ideia do monumento e homenagens conexas), propôs na acta um voto de sentimento.

Em 9 de Maio de 1920 houve na mesma Sociedade uma sessão especial para se inaugurar o retrato que, com o do pai de João Lucio (um dos socios fundadores) são os dois unicos que se vêem na sala de leitura. Em 24 de Outubro de 1920 publicou o Marcos Algarve no *Correio do Sul* um artigo que encontrará junto (O Marcos Algarve é pseudonimo do Francisco Marques da Luz, infelizmente natural de Olhão, e cuja biografia, pelo Dr. Guerreiro Murta pode ler na *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira*, vol. I, pag. 924. Esse mariola publicou um livro, *Amor à Francesa*, em que sob o nome de Mateus Agreste se retrata, retratando o João Lucio sob o de José Louro. Dê o devido desconto à velhacaria do travesti e verá a figura de João Lucio, ao natural, em particular sob a sua modalidade galanteadora, pois a senhora francesa Marie Cruz era simplesmente Marie da Costa, uma senhora francesa, casada com um marítimo contrabandista de Olhão, da qual João Lucio gostava e a quem fazia côrte, pretendendo as más linguas que ultrapassara o simples platonismo do *flirt*, e tendo o mariola do Maximo Alarve, como eu lhe chamava na tal polemica a que se refere o Dr. Murta, pretendido ter tido com ela as relações escandalosas que constam do romance, mas que ela me declarou a mim terem sido pura invenção dele, despeitado por ela lhe não ter dado.. o que ele desejava. Envio-lhe o dito livro (que é dum amigo meu) para ler à vontade. Parece-me que ele começa a falar do José Louro a pag. 59, a proposito de livros que João Lucio emprestaria de facto à tal senhora, romantica e leitora voraz...

É possível, senão certo, que muitos dos versos do *Na Aza do Sonho* terão tido por motivo ou tema alguma coisa passada entre João Lucio e a mesma senhora, fonte de inspiração sua desse lirismo que eu apodei de “lirismo de portas e travessas” e que ele porventura compreendeu, nunca mo tendo perdoado (e daqui uma das raízes da nossa desavença ulterior...). *Os Sonhos de Amor* (pag. 79) são o livro *Na Aza do Sonho*... A pag. 81, o José Louro aparece como poeta já morto. A prima de Marie Cruz também existiu aqui e depois foi para França: era filha do gerente da fabrica Delory, do qual Marie Cruz era sobrinha.. Tudo isto é real: apenas o manto diafano da fantasia velhaca do Alarve por sobre esta realidade... Veja ainda a pag. 119, 124, 129 , e sobretudo pags. 134 a 136, e ainda até pag. 155. O Leandro Osorio era amigo de João Lucio, farmaceutico (Lazaro do Ó) e a Canet é a actual gerente da Fabrica Delory, M.^{me} Massé. Quem conhece o meio e as figuras de Olhão desse tempo decifra imediatamente os enigmas do Alarve... Veja ainda a pag. 198 o que o Alarve diz, a claro, de João Lucio. (Outros algarvios aparecem visados no livro, em travesti, claro é: Julio Lambão é o

Julião Quintinha, (pag. 199 e seg) que ele (pag. 231) pinta como exaltador de João Lucio. Lá me foca a mim também (pag. 241), como me beliscara antes (a pag. 131)..).

Em 8 de Abril de 1921 foi a minha conferencia numa sessão de homenagem à memoria de João Lucio na Sociedade Recreativa, sempre. (Torno a mandar-lhe a folha de *Homenagem a João Lucio*, chamando a sua atenção para o artigo da pag. 2, *A Bondade de João Lucio*, por João Capuz, o pseudonimo de Lourenço do Ó da Silva) em que há uma referencia à minha conferencia e ao episodio passado com o Ivo Cruz, que nessa noite tocou ao piano as duas composições suas, inspiradas em poesias de *Na Aza do Sonho: O canto de raio de lua no teu seio* e *Na noite branda caem miosótis* (as duas *Aguarelas* unicas que o Ivo – o Dr. Ivo Cruz, actual director do Conservatorio, publicou).

Em fins de 1921 apareceu o *Espalhando Fantasmas*, cuja notícia dei no n.º 1 do *Correio Olhanense*, (em 1 de Dezembro).

Num verão, não sei de que ano, houve uma festa em Olhão, na Avenida, para se arranjar dinheiro para a estatua a João Lucio. E por esse mesmo tempo (?) houve uma representação duma especie de opereta, com a colaboração da fina flor local, masculina e feminina, opereta para que eu escrevi a musica; e ainda recitações e quadros vivos, etc. – o que deu dois espectaculos e um produto liquido de uns 3.000 escudos. (O Dr. Horta e Costa lhe poderá talvez precisar datas e outros pormenores. Junto envio uma apresentação para êle – se é que o não conhece).

Publicou-se ainda (depois de Maio de 1921) uma brochura *In Memoriam* de varios poetas algarvios (Mando-lhe também, como documento).

De 1921 por diante arrasta-se a questão do monumento (que o Dr. Horta e Costa, presidente da Comissão, lhe poderá narrar devidamente. Em 5 de Julho de 1925 inaugurou-se finalmente o monumento, conforme a noticia do numero especial do *Correio do Sul* dessa data (pag. 2, em baixo, à direita). Chamo a sua atenção para o II soneto de Candido Guerreiro focando a dor do João Lucio pela tragica morte do filhinho e a sua angustia pela sorte da mulher e das duas filhas que deixava (Maria Helena, a que veio a casar mais tarde em primeiras nupcias com o José Dias Sancho, de quem subsiste uma filha, e em segundas nupcias com um sujeito de Lisboa (?) cujo nome ignoro, tendo ela sucumbido alguns anos depois, deixando um ou dois filhos do segundo marido (A mãe poderá informá-la cabalmente a este respeito).

O Dr. Agostinho de Campos, vindo expressamente [para a cerimonia da inauguração do monumento] fez, ou melhor, trazia feito e leu o longo discurso que o

Correio do Sul publicou em 9 do mesmo mês (e que também encontrará junto). Nesta sessão publica falaram ainda: o Dr. Horta e Costa, o poeta-jornalista do *Diario de Lisboa* Alves Martins (já falecido) e eu. (No *Diario de Lisboa* do dia seguinte ou proximo deve talvez ter vindo alguma noticia).

Em 1936, vindo aqui o poeta (?) Mario Mota, e tendo-o eu posto em relação com Lourenço do Ó, resultou disto: uma conferencia do dito na Casa do Algarve e a publicação do inedito *O Bioco* (de que já lá tem um exemplar).

Chamo a sua atenção para os dois artigos que no numero especial de 5 de Julho do *Correio do Sul* (pag. 2) se reproduzem do *Reyno do Algarve*, bem como para a noticia que os encima e em que se fala do jornal que João Lucio, estudante em Faro, fundou e dirigiu.

Junto finalmente um numero dum jornal *Alvoradas* dos estudantes seminaristas de Évora que, por graça da viuva de João Lucio, teem costumado desde há anos vir veranejar para o chalé de Marim. Aí verá uma gravura do dito chalé na 1.^a pag., e um breve estudo sobre João Lucio (na ultima pagina) dum Ricardo Lima, algum dos seminaristas ou dos seus professores.

Junto dois retratos: um de João Lucio estudante no ultimo ano do seu curso de Direito (1901/1902), outro num postal (o mesmo que reproduzi na minha conferencia) e que tem no verso uma poesia, *Sonho incansável* (julgo que não incluída em nenhum dos livros dêle) com a data de Julho [de] 1918, ou seja, de poucos meses antes da morte. (Este postal deve ter sido dos que se imprimiu por ocasião da tal festa na Avenida), e um terceiro postal com outro esplendido retrato de João Lucio, perfeitamente natural, sentado, com o seu ar empavezado... Reparará que sempre João Lucio se apresenta de luvas e ramo na lapela... Era de facto um elegante, sempre enluvado, de colarinho engomado muito alto, sempre perfumado, das flores que ostentava e dos perfumes caros e raros que exhalava do fato e do lenço. Um esteta, elegante e voluptuoso, grande admirador do D'Annunzio, seu idolo... João Lucio era alto, magro, e embora fosse ligeiramente curvado de costas, fazia sempre por impertigar-se, andando com um ar desempenado, a largos passos batendo o chão com a sua bengala de castão de prata...

ALGUMAS FOTOGRAFIAS DE JOÃO LÚCIO









BIBLIOGRAFIA

Nota: Na nossa pesquisa na Ecoteca de Olhão, no Arquivo Histórico Municipal da mesma cidade, na Hemeroteca da Biblioteca da Universidade do Algarve, e no Arquivo Distrital de Évora, deparámo-nos com diversos textos de João Lúcio – alguns publicados nos seus livros, outros nunca editados em volume.

Para além desta consulta directa, tivemos conhecimento, indirectamente (*vide*, adiante, em **Outras fontes**), que ainda haverá uns poucos poemas que, escritos em folhetos, jornais e revistas literárias há muito extintos, quem sabe se perdidos para sempre, tornam difícil – se não mesmo impossível – levar a cabo uma completíssima bibliografia da obra do poeta (*vide* ainda nota 117).

A bibliografia verificou-se bem mais extensa do que inicialmente pensávamos, e por isso, subdividimo-la nos vários subtópicos.

Assim, os **Textos de João Lúcio publicados em vida** e a **Obra póstuma de João Lúcio**, incluindo textos inéditos – estão disposto por ordem cronológica, enquanto a restante bibliografia aparece disposta por ordem alfabética.

Acerca das **Obras nunca publicadas**, apenas pudemos saber o que consta nas fontes mais próximas e mais directas do poeta, desconhecendo-se completamente o seu paradeiro, se é que ainda existem.

Para terminar, deve-se salientar que, apesar de se ter actualizado os títulos dos poemas e dos artigos de jornal, mantivemos rigorosamente a ortografia original dos títulos dos jornais e das obras aqui mencionadas, e que, finalmente, todos os parênteses rectos são da nossa responsabilidade, acrescentados a fim de tentar dar uma maior inteligibilidade à bibliografia, que por vezes, é desconhecida num ou noutro aspecto.

Textos de João Lúcio publicados em vida

- “ [?] ”, in *O Olhanense*, Olhão, n.º [?], 1892 [primeiro poema publicado, tinha João Lúcio apenas 12 anos].
- “ [?] ”, in AAVV, *Cantares para as fogueiras* [folheto dos tempos académicos em Coimbra, com colaboração de outros poetas, entre eles João de Barros, João de Deus Ramos, Carlos Amaro, Ladislau Patrício e Vicente Arnoso].
- “Ódio ao Sol”, in *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 3, 27 de Agosto de 1899, pp. 2-3 [prosa].
- “Sempre de Teixeira de Pascoaes”, *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 4, 3 de Setembro de 1899, p. 3 [artigo crítico publicado na secção *Crivo Literário*].
- “Anoitecendo”, in *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 8, 1 de Outubro de 1899; [continuação], n.º 9, 8 de Outubro de 1899; [conclusão], n.º 10, 15 de Outubro de 1899 [prosa].
- “Os Nevoeiros”, in *Revista Coimbrã*, Coimbra, n.º 1, 16 de Outubro de 1899, pp. 4-6 [poema que será recolhido no livro *Descendo*].
- “A Émile Zola”, in *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 11, 22 de Outubro de 1899, p. 3 [para além deste poema, neste mesmo número vem publicada uma pequena nota, não assinada – mas que se supõe ser de João Lúcio –, intitulada “Teixeira de Pascoaes”, com inclusão do soneto inédito “Dedicado a Antero de Quental”, de Pascoaes].
- “Os Grandes”, in *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 12, 29 de Outubro de 1899, p. 1 [prosa].
- “Para a cova”, in *O Reyno do Algarve*, Tavira, 1.º Ano, n.º 13, 5 de Novembro de 1899, p.1 [prosa].
- “Estranho Amor”, in *id.*, *ib.*, pp. 2-3 [prosa publicada na secção *Folhetim*. Saliente-se que ainda neste mesmo número aparece uma referência breve ao surgimento da *Revista Coimbrã*, sem assinatura, mas que se supõe ser da autoria de João Lúcio].
- “Na Pupila”, in *Revista Coimbrã*, Coimbra, n.º 3, 16 de Novembro de 1899, pp. 35-36 [poema que será recolhido no livro *Descendo*].
- “A dor das pedras”, in *Ave-Azul*, Viseu, 2.ª Série, n.º 12, 15 de Dezembro de 1899, pp. 572-573 [transcrito por Carlos de Lemos ao anunciar o livro *Descendo*, onde o poema será incluído]

“A Sombra”, in *Ave-Azul*, Viseu, 2.^a Série, n.º 1-2, Fevereiro de 1900, pp. 26-28 [poema que será recolhido no livro *Descendo*].

“O Silêncio”, in *Revista Coimbrã*, Coimbra, n.º 5, pp. 73-74 [poema que será recolhido no livro *Descendo*].

“A balada do fumo”, in *Ave-Azul*, Viseu, 2.^a Série, n.º 5, Maio de 1900, pp. 26 [poema que será recolhido no livro *Descendo*].

“ [?] ”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, Tavira, 19.º Ano, n.º 976, 14 de Março de 1901 e n.º 978, de 28 de Março de 1901 [reprodução do discurso de João Lúcio na sessão solene de homenagem a Eça de Queirós, organizada pelos alunos do Curso Superior de Letras de Lisboa].

Descendo, Coimbra, Tipografia França Amado, 1901 [livro de poemas].

“À Treva”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, Tavira, 19.º Ano, n.º 1015, 12 de Dezembro de 1901 [poema publicado na secção “Cancioneiro Algarvio”].

“Ano Bom”, [poesia imprimida em Olhão por ocasião do 1.º de Janeiro de 1902, escrita com o fim de ser recitada num teatro de amadores, nessa mesma data].

“Espanha Artística”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, Tavira, 20.º Ano, n.º 1028, 13 de Março de 1902 [discurso proferido na sessão solene do Instituto de Coimbra, em honra aos estudantes de Valladolid, a 17 de Fevereiro de 1902].

“A Morte de Émile Zola: O Maior de Todos”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, Tavira, 20.º Ano, n.º 1058, 9 de Outubro de 1902, p. 1 [prosa].

Até que emfim!..., Coimbra, Typografia França Amado, Abril de 1902 [escrita em parceria com Augusto de Castro, traz como subtítulo: “Peça em 1 prologo e 8 quadros, escripta expressamente para ser representada na recita de despedida do Curso do 5.º anno theologico-juridico de 1901-1902”].

Dom Vasco, Coimbra, Typografia de Lima & Irmão, 1902 [monólogo cuja publicação traz no frontispício: “Recitado na recita de despedida do Curso do 5.º anno theologico-juridico de 1901-1902”; e na contra-capla, por baixo do preço (100 réis): “A venda reverte a favor das Crêches”].

“Manuel Teixeira Gomes”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, 20.º Ano, n.º 1063, 13 de Novembro de 1902, p. 1 [prosa].

- “ [?] ”, in *Almanach do Algarve para 1903*, Algarve, s. ed., 1903 [Dirigida por Marcos Algarve e José Castanho, inclui esta estreante publicação versos de João Lúcio].
- “ [?] ”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, 21.º Ano, n.º de 7 de Maio de 1903 [Discurso de João Lúcio pronunciado numa festa de homenagem à memória de Garrett, a 3 de Maio de 1903],.
- “A Redenção”, in *O Sul (Semanário Regenerador Liberal)*, Faro, I Ano, n.º 1, 5 de Dezembro de 1903, p. 3 [poesia].
- “O Tremendo Caso”, in *O Sul (Semanário Regenerador Liberal)*, Faro, I Ano, n.º 2, 12 de Dezembro de 1903, p. 1 [prosa].
- “ [?] ”, in *Almanach do Algarve para 1904*, Algarve, s. ed., 1904 [Dirigida agora só por Marcos Algarve, continua esta publicação a incluir versos de João Lúcio].
- “*Sempre e Jesus e Pan* de Teixeira de Pascoaes”, in *O Sul (Semanário Regenerador Liberal)*, Faro, 16 de Janeiro de 1904 [texto sem assinatura, mas que se supõe ser de João Lúcio].
- O Meu Algarve*, Lisboa, Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso, 1905 [livro de poemas].
- “A Lenda de Marim”, in *O Heraldo (Antigo “Jornal de Annuncios”)*, Tavira, 27.º Ano, n.º 1430, 1 de Janeiro de 1910, p. 2; [conclusão], n.º 1431, 9 de Janeiro de 1910, p. 2 [o poema, extraído do *Meu Algarve*, aparece incluído na crónica de RODRIGUES DAVIM, “26 Horas no Algarve. Costumes, paizagens, riqueza, historia e tradições”].
- Na aza do Sonho*, Coimbra, França Amado Editor, 1913 [livro de poemas].
- “Sevilha”, in AAVV, *Coração Algarvio*, 1913 [Título dado a quatro poemas (“No branco pátio moiro”, “Aquela mantilha romântica”, “Entre o lavor das danças voluptuosas” e “Ao lento caminhar das procissões”), que segundo o próprio, são “páginas dum livro inédito de Impressões de Viagens”].
- “A mulher que tinha um segredo”, in *A Águia*, 2.ª Série, n.º 33, Setembro de 1914, pp. 74-78 [poema que será incluído, postumamente, no *Espalhando Fantasmas*].
- “Deixa-me beber-te a formosura”, in *O Heraldo (Semanário Republicano Democrático)*, Faro, Ano IV, n.º 323, 1915, p. 2 [poema extraído de *Na Asa do Sonho*].

“Margarida”, in *O Heraldo (Semanário Republicano Democrático)*, Faro, Ano V, n.º 327, 30 de Abril de 1916, p. 2 [poemas de João Lúcio e Cândido Guerreiro].

“A Dor das Pedras”, in *O Heraldo (Semanário Republicano Democrático)*, Faro, Ano V, n.º 361, 24 de Dezembro de 1916, p. 2 [poema extraído de *Descendo*].

“Espalhando Fantasmas”, in *Diário Nacional*, 25 de Dezembro de 1917 [publicação do intróito do livro póstumo homónimo].

Obras nunca publicadas

Entre Esfinges, [suposto livro de poemas, do qual só há conhecimento de um seu plano, composto de poesias cujos títulos estavam fixos].

Impressões de Viagens [ou *de Viagem*], [prosa anunciada mas nunca publicada, à excepção de uns pretensos fragmentos – “Sevilha” – na atrás citada colectânea de poetas do Algarve intitulada *Coração Algarvio*].

Vento de Levante, peça de teatro num acto (episódio trágico passado num moinho, escrito e completo antes de 1914, sabendo-se que foi lida, pelo poeta, à família e, pelo menos, a um seu amigo).

Obra póstuma de João Lúcio

“Sonho incansável”, [poema datado de Julho de 1918, imprimido – antes de 1921 – no verso dum postal com uma fotografia de João Lúcio, cujas vendas revertiam para o projectado monumento ao poeta].

Espalhando Phantasmas, Lisboa, Guimarães Editores, s.d. [1921], [livro inédito de poemas].

“ [Versos Inéditos] ”, in *Correio Olhanense*, Olhão, Ano I, n.º 2, 2 de Dezembro, 1921.

“ [?] ”, in *Os Algarvios a João de Deus*, Faro, [número único], 1924 [este jornal de homenagem de escritores e poetas algarvios a João de Deus, organizado por Mário Lyster Franco, inclui colaboração de João Lúcio, provavelmente inédita].

“À Natureza”, in JOSÉ DIAS SANCHO, *A Paisagem, a Mulher e o Amôr nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos*, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925, p. 37 [soneto inédito].

O Biôco (inédito), Lisboa, Casa do Algarve, 1938 [poema].

“ [Quadra aos olhos de uma prima] ”, in Francisco Fernandes Lopes, “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *O Comércio do Porto*, 26 de Abril de 1955 [quadra inédita].

“Cá está D. José bigodes d’ aço...”, in *Correio Olhanense*, Olhão, Ano XXXIV, n.º 140, 1955 [soneto inédito].

“Remoque”; “Ó meu querido S. Pedro...”; “Acróstico”, in Francisco Fernandes Lopes, “Inéditos de João Lúcio” in *Correio Olhanense*, 17 de Julho, 1958, Ano X, n.º 164, pp. 1-2 [poemas inéditos].

Obra Poética de João Lúcio, Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão / Comissão das Comemorações do I Centenário do Nascimento do Poeta João Lúcio, 1981 [reedição das quatro principais obras do poeta, onde se manteve a ortografia original].

“Às Primas Cruzes”; “Mas que grande desgraça!...”; “É linda...”; “É um bocadinho ciosa quando fala...”; “Ó cu, ó cu, ó cu...”, in FERNANDO CABRITA, “O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1986 [para além destes, outros poemas já citados na presente bibliografia aparecem nesta mesma obra].

Poesias Completas, Lisboa, IN-CM, 2002 [reedição organizada e prefaciada por ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, que incluiu, em anexo, e para além das suas quatro principais obras, vários textos dispersos em verso, em prosa e algumas cartas, e até, uma marginália crítica sobre o poeta].

Colectâneas ou Antologias onde aparecem publicados poemas de João Lúcio

Algarve Ilustrado, Faro, Edição Extraordinária do *Diário do Algarve* para a Grande Exposição Industrial Portuguesa, 1932 [inclui poemas d' *O Meu Algarve*].

ALMEIDA, Teresa Sousa de (recolha), *O Algarve na Poesia*, Faro, Universidade do Algarve, 1982, p. 10 [excerto extraído d' *O Meu Algarve*].

BRAZ, João (selecção), *Colectânea de poemas de dez poetas algarvios*, Lisboa, Casa do Algarve, 1978 [inclui poemas d' *O Meu Algarve*].

CARDOSO, Nuno Catarino, *Sonetistas Portugueses Luso-Brasileiros*, Lisboa, 1918, p. 197.

GUEDES, Maria Estela (antologia, selecção e prefácio), *À Sombra de Orfeu (Sonetos)*, Lisboa, Guimarães Editores, 1990, pp. 183-190 [inclui os sonetos “A balada do fumo”, “Sensações desconhecidas”, “Perfume que chora”, “A Sombra e a Luz” e “À Neve”, todos eles extraídos do *Descendo*].

MOURÃO-FERREIRA, David (introdução, selecção e notas), *O Algarve*, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. [inclui poemas de João Lúcio].

– , *Portugal. A Terra e o Homem. Antologia de textos de escritores do século XX (II Vol., 1.ª Série)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, pp. 337-343 [excertos d' *O Meu Algarve*].

NASCIMENTO, Cabral do, *Líricas Portuguesas – 2ª Série, 1ª edição*, Lisboa, 1946, p. 138.

OLIVEIRA, Alberto Neves de, *O Algarve e seus poetas e escritores (palestra efectuada em Coimbra, no Cinema de S. Teotónio, aos 31 dias do mês de Maio de 1983)*, Coimbra, s. ed. [composto e impresso na Gráfica de Coimbra], 1984 [inclui poema “Na tarde de leite e rosas ouvindo a floresta, extraído do livro *Na Asa do Sonho*].

- RÉGIO, José (organização), *Líricas Portuguesas – 1ª Série, 2ª edição (aumentada e corrigida)*, Lisboa, Portugália Editora, s.d. [1950 ?]; 4.ª edição, Lisboa, Portugália Editora, 1968, pp. 351-355 [inclui poema “O raro pintor vidente”, extraído do livro póstumo *Espalhando Fantasmas*].
- SANTOS, Manuel Neto dos (organização), *Subsídios para a História da Poesia do Algarve (séculos XI-XX)*, Silves, Edição dos Jornais *Voz de Silves* e *Gazeta de Lagoa*, 2000, pp. 627-636 [inclui excertos d’ *O Meu Algarve*].

Bibliografia sobre o poeta

- AAVV, *Homenagem a João Lúcio*, s.l. [Olhão], s. ed. [Edição da Comissão do Monumento a João Lúcio], s.d. [1921].
- AAVV, *João Lúcio. In Memoriam*, Lisboa/Porto/Coimbra, Lumen – Empresa Internacional Editora, 1921.
- ALMEIDA, António D’, “João Lúcio. Um poeta esquecido”, in suplemento *Diálogo* do jornal *Diário Ilustrado*, n.º 45, 24 de Dezembro de 1957, pp. 37 e 39.
- ANON., “À memória de João Lúcio – A inauguração de um monumento na vila de Olhão”, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 de Julho de 1925.
- , “Consagração de João Lúcio – A terra do Algarve celebra e festeja condignamente o poeta-cantor das suas belezas”, in *Diário de Notícias*, Lisboa, 5 de Julho de 1925, p. 1.
- , “João Lúcio – Foi inaugurado, em Olhão, um monumento ao cantor do Algarve”, in *A Época*, Lisboa, 7 de Julho de 1925, pp. 1-2.
- , “Presença de Olhão no Centenário de João Lúcio”, in *Jornal do Algarve*, 7 de Novembro de 1980.
- , “Poesia Completa de João Lúcio”, in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 7 de Agosto de 2002, p. 27 [secção “Livros”].
- CABRITA, Fernando, “Acerca de João Lúcio, Poeta”, in suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 3 de Maio, 1979, pp. 1 e 3.

- , “O Simbolismo e a poesia de João Lúcio”, in suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 31 de Maio, 1979, pp. 1-2.
 - , “Uma visão objectiva da poesia de João Lúcio”, in suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 30 de Junho, 1979, pp. 1-2.
 - , *João Lúcio e a Poesia Simbolista*, Olhão/Faro, Edição da Comissão para as Comemorações do I Centenário do Nascimento do Poeta João Lúcio, 1981.
 - , “O Bom Humor em João Lúcio (contendo inéditos do poeta)”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1986.
- CALLAPEZ, Irene, *A vibração musical do Algarve na Poesia de João Lúcio*, Lisboa, Casa do Algarve, 1964 [separata de uma conferência proferida na “Casa do Algarve” em 19 de Maio de 1962 e inserta na colecção “Estudos Algarvios” da mesma instituição].
- COIMBRA, Leonardo, “João Lúcio”, in PINHARANDA GOMES (org.), *Leonardo Coimbra. Dispersos. I – Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo, 1984, pp. 151-157.
- FERNANDES LOPES, Francisco, *Sobre o Poeta João Lúcio*, Faro, Tipografia União, 1921.
- , “Espalhando Fantasmas”, in *Correio Olhanense*, Olhão, n.º 1, Ano I, 1 de Dezembro, 1921, p. 1.
 - , “Acerca de João Lúcio”, in *O Comércio do Porto*, 28 de Dezembro de 1954, p. 6.
 - , “João Lúcio (Breve esboço biográfico)”, in *O Comércio do Porto*, 26 de Abril de 1955 e 24 de Maio de 1955 (“Conclusão”) [Posteriormente publicado in Id., *A Música das Cantigas de Santa Maria e outros ensaios*, Olhão, Edição da Câmara Municipal de Olhão, 1985, pp. 241-250].
- FRANCO, Lyster, “*Na Asa do Sonho – Poema lírico de João Lúcio*”, in *O Heraldo (Bi-Semanario Republicano Democrático)*, Faro, Ano II, n.º 188, 7 de Fevereiro de 1914, pp. 1-2.
- FRANCO, Mário Lyster, “João Lúcio e Portugalidade”, in separata do *Correio do Sul*, n.º 1771, Faro, 1951.
- LOPES, Óscar, *Entre Fialho e Nemésio (Estudo de Literatura Portuguesa Contemporânea). Vol. I*, Lisboa, IN-CM, 1987, pp. 113-116.
- MARTINS, Alves, “João Lúcio teve ontem uma justa consagração do povo da sua terra que inaugurou o seu busto com grande solenidade”, in *Diário de Lisboa*, 6 de Julho de 1925, p. 4.

- NEVES, José, “O pensamento estético-filosófico do poeta João Lúcio”, in *GEA (Revista do Grupo de Estudos Algarvios)*, Lagos, nº 2, Maio de 1978, pp. 23-27.
- NOBRE, Antero, “O Poeta João Lúcio. Apontamento Biográfico”, in separata do suplemento *A Voz de Olhão* do jornal *O Sporting Olhanense*, Olhão, 1982.
- OLIVEIRA, Ataíde, *Monografia do Concelho de Olhão*, Faro, Algarve em Foco Editora, 1986 [reedição fac-similada da edição original de 1906].
- PASCOAES, Teixeira de, “João Lúcio”, in separata da *Brotéria*, Lisboa, vol. 97, nº 12, Dez. 1973, pp. 3-15.
- RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Lisboa, Editorial Inquérito, 1941.
- , “Iniciação ao estudo de João Lúcio”, in suplemento *Cultura e Arte* do jornal *O Comércio do Porto*, Ano XCIX, nº 39, 9 de Fevereiro de 1954, p. 5.
- SANCHO, José Dias, *A Paisagem, a Mulher e o Amôr nos versos de João Lúcio, Cândido Guerreiro e Bernardo de Passos*, Lisboa, Livrarias Aillaud & Bertrand, 1925.
- , “O Poema *Descendo* de João Lúcio”, in *Alma Nova*, Lisboa, III.ª Série, nº 32-34, Novembro de 1925.
- SIMÕES, João Gaspar (s. ass.), “João Lúcio”, in suplemento *Domingo* do jornal *O Primeiro de Janeiro*, nº 1093, 8 de Março de 1970.
- , “João Lúcio”, in *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa (Século XX)*, Porto Brasília Editora, 1976, pp. 81-85

Enciclopédias e Dicionários

- BIBLOS*, *Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa (Vol. III)*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1999, pp. 265-266 [artigo de Maria João Borges].
- COELHO, Jacinto Prado (direcção), *Dicionário de Literatura (Vol. II)*, 3.ª ed., Porto, Editorial Figueirinhas, 1982, p. 578 [na edição actualizada de 2003 acrescentou-se alguma bibliografia, vide p. 489].
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (Vol. III)*, Mem-Martins, Europa-América, 1994, pp. 235-236.

- FRAZÃO, Fernanda; BOAVIDA, Maria Filomena, *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa*, Lisboa, Amigos do Livro Editores, 1983, pp. 266-267 [erroneamente é atribuído a João Lúcio o pseudónimo de Marcos Algarve].
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (Vol. XV)*, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d., p. 559.
- MACHADO, Álvaro Manuel (org.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp. 284-285.
- VERBO – *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (Vol. XII)*, Lisboa, Editorial Verbo, 1971, p. 632 [erroneamente a autora do artigo sobre João Lúcio, Maria Leonor BUESCU, atribui-lhe o pseudónimo de Marcos Algarve].

Outras fontes

- FRANCO, Mário Lyster, *Algarviana. Subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios – Vol I (A-B)*, Faro, Edição da Câmara Municipal de Faro, 1982.
- GUIMARÃES, Fernando, “Principais revistas e publicações desde o surto do Simbolismo ao fim do século XX”, in *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, IN-CM, 2004, pp. 155-185.
- PEREIRA, José Carlos Seabra, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1957.
- ROCHA, Clara, *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, Lisboa, IN-CM, 1985.
- SAMUEL, Paulo, *A Renascença Portuguesa. Um perfil documental*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1990.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *A Renascença Portuguesa. Um Movimento Cultural Portuense*, Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1990.

Outras citações

ALGARVE, Marcos, *Mistérios da Praia da Rocha*, Famalicão, Tipografia Minerva, 1926.

DAVID, Celestino, *Henrique Pousão, Pintor Alentejano*, 2ª ed., Évora, Gráfica Eborense, 1947.

GIRÃO, Paulo, *A Pneumónica no Algarve (1918)*, Casal de Cambra, Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, 2003.

PASCOAES, Teixeira de, *Belo. À Minha Alma. Sempre. Terra Proibida*, reedição, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.

PESSOA, Fernando, *Obras Completas de Fernando Pessoa. II. Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Edições Ática, 1993.

SÁ-CARNEIRO, Mário de, (edição de Teresa Sobral Cunha), *Correspondência com Fernando Pessoa. Vol II (Agosto 1914 – Abril 1916)*, Lisboa, Relógio d'Água Editores, 2003.